TROVAS E CANTARES DE UM CODICE DO XIV SECULO: OU ANTES, MUI PROVAVELMENTE, «O LIVRO DAS CANTIGAS» DO CONDE DE BARCELLOS:

(COM DOIS FAC-SIMILES).

MADRID.

MDCCCXLIX.

INTRODUCÇAO'.

I. Titulo e auctor deste livro. — II. Noticias do codice e desta ediçao'. — III. Apreciaçao' destas poesias. — IV. Sua linguagem. —

I.

As venerandas rimas que publicamos nao' tinham titulo: devendo tel-o este livro puzemos toda a reserva na redacçao' do que lhe demos, e a exposiçao' que passamos a fazer do seu conteudo nos servirá ao mesmo tempo de justificaçao'.

Trovas, cantares ou tambem cantigas sao' os nomes dados no proprio texto a cada uma das peças de poesia, que por espirito de ordem e para facilitar as citaçoens, tomámos a liberdade de numerar.

Do seculo 14.º é sem duvida o codice existente em Lisboa que nos transmitte as mesmas poesias, e de que damos dois fragmentos por *fac-simile*; e nao' so por essa lettra como principalmente pela de certas emendas e adiçoens em cursivo, que

existem no codice, se decide ser este do seculo 14.º; graças á paleografia que revela taes mysterios aos nella iniciados, do mesmo modo que o simples lavor da pedra descobre ao entendedor em architectura a epoca em que foi a obra fabricada.

Assim na primeira parte do titulo cremos haver procedido com tanta reserva que sua exactidaõ pode quasi raiar pela infalibilidade mathematica. Outro tanto naõ succede á segunda que por isso mesmo acompanhámos de uma clausula conjectural, que trataremos de justificar, combinando o texto das mesmas poesias do codice, com factos e noticias contemporaneas a elle, que chegaram ao nosso conhecimento.

A leitura attenta das poesias naõ só deixa no espirito a persuasaõ de que ellas pertencem todas a um só, e naõ a diversos auctores *, como faz ver que ellas se dirigiam quasi exclusivamente a certa dama da Corte portugueza, que como sabemos muitas vezes estava entaõ em Santarem: diz o trovador que a tal dama era sua parenta e sua natural, e se lembrá de a ter visto com sua mai em um estrado, e tambem junto a Barcellos **.

* *J. P. Ribeiro; Reflexoens Filologicas*; Coimbra, 1836. pag. 18.

** Cantigas 45, 61, 70, 119, 120, 121, 125, 136, 244 e 246.

Mas ella era bella, e bem nascida. «mansa e de bom falar» e nao' tardou muito que nao' houvesse quem a pedisse em casamento. Entao' o trovador de ordem de sua dama e senhora e por ventura em quanto se negocêa o casamento, ausenta-se della, indo correr terras. Mas, nao' podendo ser superior á ausencia, volta pouco depois. Porem deve ella partir para realizar o dito casamento, com o qual ia elevar-se. Por essa occasiao', ao que parece, veem-se muito contentes os d' Hespanha, que ali estao', por voltarem á sua terra, donde acabava de sair elle trovador *. Realisada tal partida, o pobre amante fica-se lamentando; até que por um homem que veio da terra donde ella estava, vê modo de a ir ver. Assim o projecta e poê por obra. Dirige-se a Segovia e ahi a vê, e lhe fala **.

Quanto á sua bella diz-nos que tinha olhos verdes, e que seu nome era um dos tres, Joana, Sancha ou Maria ***; nota-se porem predi-

* Cant. 72, 80, 93, 114, 118, 132, 133, 134 y 208 e fragm. (*m*). Neste ultimo, salvo de uma das guardas do codice, se lê:

> ... »vos foròn daqui fillar
> A guisa de *vos elevar*.»

** Cant. 168, 170, 173, 176, 203, 246, 247 e 248

*** Cant. 237, 197, 211, 212 e 213.

lecçao' pelo ultimo, pois o guarda para o fim do verso; nao' só tal vez por se comprazer em buscar-lhe as rimas, como porque ao cantal-o poderia deter-se mais nelle, modulando e prolongando a voz. E uma vez (Cant. 246) depois de pronunciar o nome de Maria parece fazer alarde de ter revelado seu segredo. Confessamos porem que nao' entendemos o sentido que quiz dar á expressao' «*filha de Maria* » *.

Depois desta agradavel visita a Segovia que por parte do trovador nao' teria fim, foi elle obrigado, pela propria dama, a separar-se d'ella. Ao retirar-se por mar, compara este a el rei de Castella e Leon; porque, diz, todos temem um e outro, e ninguem os conquista, convindo delles desconfiar quando parecem mansos, etc. **.

Tudo induz a crer que a tal dama era nada menos do que a rainha D. Maria, filha de Affonso IV de Portugal, nascida em 1313, pedida em casamento pelos embaixadores de Alonso XI em 1327 ***, e com este enlaçada definitivamente no anno seguinte. Em tal caso ao mesmo rei alude a citada comparaçao' ao mar,

* Maria se chamava, da que desconfiamos, nao' sua mai, mas sua sogra.

** Cant 272, 275, 281 e 286.

*** Souza. Hist. Gen. T. 1.º, p. 320. — Torre do Tombo, G. 17, m. 6, doc. 25.

a qual podia revelar ser o tal rei furioso em seus zelos, apesar da preferencia que sempre deu a Leonor de Gusmao';-preferencia de que com represalias tomava vingança a sua rainha, segundo a opiniao' de Mariana, Argaiz e Ayala *, sendo que este ultimo cita até o favor de que junto della gosava certo cavalheiro portuguez.

Contribue a fortificar as suspeitas de ser essa rainha a dama de que se trata, a circumstancia de que justamente é seu parente e seu natural o poeta contemporaneo, a quem já antes das consideraçoens que ora fazemos, se attribuiam por outros motivos taes poesias. Referimo-nos ao Conde de Barcellos, filho d' el rei D. Diniz, tio da dita rainha D. Maria, e com boas provas, reputado auctor de um «*Livro de Cantigas*» que no seu testamento, feito em Lalim aos 30 de Março de 1350, legou ao mesmo rei de Castella **, talvez para assim deixar á sua bella, esposa deste, occasiao' de ler as poesias que ella inspirara. Até agora desconfiava-se de que o mesmo Conde de Barcellos era o auctor

* A Monarchia Lusitana e Barboza no Catalogo das Rainhas occupam se mui louvavelmente em pugnar pelo credito da rainha portugueza.

** » Item mando o meu livro das Cantigas a El rei de Castella.» (Souz. Hist. G. I. I.°)

destas poesias, nao' só porque no original se acham ellas juntas no mesmo volume, com folhas do mesmo formato e lettra, a um livro de linhagens, que o Sr. A. Herculano crê ser o original do Nobiliario do mesmo Conde, que mui adulterado publicaram Faria e Lavanha, como pela circumstancia de se mencionar no texto a residencia que tivera o poeta em Barcellos, etc.

O Senhor Bellerman, que foi quem mais estudou estas poesias, previu taes suspeitas, que hoje, julgamos, nao' pouco aparecem corroboradas. Nem faça duvida o dizer o poeta que antes queria a sua dama que ser «rei, nem seu filho, nem emperador», quando expressoens analogas, imitadas dos outros trovadores, encontramos nas poesias del rei D. Diniz, sendo ali muito mais dignas de reparo, por quanto o Conde D. Pedro se bem que filho de rei, podia ter que desejar nessa mesma condiçao', por nao' ser legitimo. Sendo pois estas as poesias do Conde de Barcellos, deve fixar-se a epoca em que foram escriptas desde algum tempo antes do casamento da dita rainha D. Maria até alguns annos depois; pertencendo por tanto ao fim do primeiro terço do seculo 14.° Já entao' o Conde teria enviuvado de sua primeira mulher D. Branca, o que vai em harmonia com o que diz a cantiga 214 que é como a continuaçao' da 207, ambas compostas tal vez á morte da mesma D. Bran-

ca *, se acaso nao' devemos considerar uma e outra, como mais um disfarce ardiloso de que se serviria o trovador para occultar melhor os seus amores, virtude esta de que elle tanto se presava.

Segunda vez veio o Conde a cazar com certa viuva aragoneza D. Maria Ximenes Coronel: e ainda que o nome de Maria poderia dar alguma suspeita a favor de ser esta a dama por quem trovava, todas as mais circumstancias sao' contra; pois que nao' era sua parenta; nem tao' pouco sua natural, nem a teria visto com sua mai em um estrado etc. **.

E se bem que com ella se cazasse, cremos que a poesia dos antigos amores conservou sempre a favor da rainha, á vista do legado do seu livro das Cantigas, legado que tal vez nunca se chegasse a realisar, por quanto el rei D. Alonso acabava de morrer em Gibraltar em 26 de

* Cant. 36, 107, 114 &c.—O logar em que no codice se acham copiadas essas ou outras cantigas nao' deve fazer argumento em pro nem em contra. Adiante diremos como isso provavelmente procedeu do amanuense.

** Souza attribue ao Conde um 3.ª consorcio com uma D. Theresa, que para nós é muito duvidoso. Nao' so no dois testamentos nenhum se dá mutuamente por esposo, apesar de se deixarem bens &c.: mas até o Conde por sua parte faz mencao' da Condessa D. Maria, o que prova que esta ainda vivia quando o fez.

Março de 1350, iste é com tres dias de differença anteriores á data do testamento, que só se abriria depois do fallecimento do Conde em 1354. *.

De tal modo achamos curiosos e cheios de poesia os factos, que assim se nos apresentam, que julgando a combinaçao' delles um verdadeiro romance historico, nos propozemos a escrevel-o com a singeleza e naturalidade que podemos, e pedimos venia para neste livro o publicarmos, tanto mais quando, com pouca differença, elle resume quanto fica dito (Vej. App. 1.º, pag. 321).

II.

Dadas as explicaçoens que julgaramos necessarias acerca do titulo, epoca das poesias e de quem temos por auctor dellas, cumpre-nos o dever de todo editor fiel de dar a conhecer o manuscripto original, maior ou menor confiança que offerece o seu texto, e até que ponto chegou o respeito que lhe guardámos.

E' o codice um livro de pergaminho em folio maximo com 18 pollegadas d' alto e 12 de lar-

* Hist. Gen. T. 1.º p. 265.

go, escripto em duas columnas no caracter de lettra que se vê dois *fac-similes*. O começo de cada uma das cantigas está escripto com linhas mui distantes, indicando evidentemente que havia intençao' de pautar os intervalos e escreverlhe (o que nao' se chegou a fazer) a musica que devia servir para as outras estrophes da mesma cantiga. Cada uma destas começa por uma lettra maiuscula de côres, sendo as daquellas tambem de cores; mas de menor dimensao'. Algumas vezes faltam no codice estas lettras, naturalmente porque o amanuense as guardava para as pintar depois com esmero. Os dois pedaços de *fac-simile* que juntamos, sao' um do começo da cantiga 66; e outro do começo de uma copla da 65; e demos estes, e nao' outros, pela simples razao' de possuirmos já delles copia fielmente gravada, e nao' nos chegar a tempo uma que pedimos da primeira pagina que publicamos. Como dissemos, as folhas que contem poesias estao' encadernadas conjunctamente com outras do nobiliario contemporaneo, e do mesmo formato e caracter de lettra, em uma capa de taboas forradas de bezerro lavrado.

A maneira como tal encadernaçao' se fez parece ter sido por assim dizer ao acaso, sem attender-se á ordem e seguimento das folhas.— Quasi se pode assegurar que estas antes de encadernar-se se haviam baralhado, tal vez caindo

accidentalmente no chao', donde se levantaram e reuniram sem ordem. E nao' só esta desordem, este chaos, se manifesta pelo assumpto de algumas cantigas, que postas em outra disposiçao', fazem sentido, como até, muita vez, pelo modo como certas cantigas se interrompem, ficando evidentemente sem principio as que começam (segundo a paginaçao' de lord Stuart) as folhas 41, 47, 49, 65, 69 etc., e sem continuaçao' os finaes dos versos das folhas 43, 46, 53, 89, 90, 107 etc., alem d' outros logares onde a interrupçao' nao' é tao' manifesta. Taes fragmentos de principios e de finaes, a que nao' podemos encontrar a ligaçao', separámos para o fim, e constituem os supplementos 2.º e 3.º *. Neste ultimo se podiam comprehender ainda algumas composiçoens que vao' no texto; no 2.º comprehendemos os fragmentos *m* e *n*, a que faltam, nao' os principios nem os finaes, mas versos intermedios; para nao' fazer só por elles uma nova divisao'.

Logo que nos convencemos de que a ordem, ou antes a desordem, nascida de uma nova especie de cataclysmo, que seguiam as folhas, era quasi casual, e que o estudo do livro poderia dispol-as melhor do que o ignorante livreiro

* Vej. pag. 308 e 313 deste livro.

que as juntou, pregando até por guardas * do mesmo livro duas de suas folhas escriptas, resolvemos a separar em grupos as folhas cujos versos se nao' ligavam; e repetindo muita vez sua leitura, começando cada dia em ponto differente, as juntamos já pelos assumptos e encadeamento das situaçoens, já pela propria ligaçao' dos versos. Assim a ordem em que vao' as cantigas é mais filha de algum estudo que do acaso. Nao' é seguramente ainda a mais natural e acertada: para chegar a um resultado seguro necessita-se mais tempo e o trabalho combinado de varias pessoas. Pela nossa parte como editor nao' ousámos dar uma ordem arbitraria ás cantigas, cada uma de per si; mas somente tratámos de dispor os cadernos ou grupos dellas segundo nos pareceu mais natural, á vista dos factos e conjecturas que acima deixamos mencionadas ácerca do auctor, dos seus amores, e do desenvolvimento natural que pertence a qualquer novella amorosa, cujos factos se nos dao', bem que desordenados: para quando nao' soubemos a collocoçao' de algum grupo, ou encon-

* De uma destas guardas, depois de descolada, se aproveitaram as cantigas 25, 26, 27 e os primeiros 14 versos da 28. A outra produzio os fragmentos (*m*), (*n*) e (*o*) que vao' de pag. 310 a 312, do primeiro dos quaes aproveitamos a importante circumstancia que citamos na nota atraz pag. V.

trámos alguma cantiga estranha ao assumpto geral das outras, destinámos o 1.º Supplemento, que começa na pag. 297: a elle nao' nos atrevemos a condemnar as 146 e 147 que sao' feitas a Guiomar Affonso Gata, por nao' termos antes para isso os motivos que hoje temos; motivos que nos fazem apressar a declararmos aquí que as consideramos alheias á novella, e comprehendidas no dito Supplemento. E' claro que muito mais facil nos fora imprimir o livro tal qual está, mas alem de que houve já quem tomasse esse trabalho, sem que dahi resultasse grande vantagem, pelo illegivel que ficou *, nao' quisemos sacrificar á um escrupulo de bibliophilo os impulsos da consciencia e a convicçao' de que produziamos assim livro mais util e comprehensivel.

A ediçao' a que nos referimos, e que nunca

* E estamos na persuasao' que melhor ficará quando perdida a esperança de restaurar a ordem do MS. antigo, haja quem se decida a dispor as cantigas uma a uma segundo o seu assumpto, e talvez mesmo fiquem em melhor ordem do que quando as copiára o amanuense. Para fazer um ensaio, fizemos já tirar, com esta edicao' um exemplar com as cantigas uma por uma em papel separado, o que muito nos facilitará ordenal-as: so haverá que excluir uma ou otra que nao' tenha relacao' com o assumpto ou que se prove ser de outro auctor, embora talvez por este adoptada, e *feita sua* pelo seu canto.

se proporcionou ao publico, fez-se em 1823 * quando o Codice ainda pertencia á bibliotheca do extincto Collegio dos Nobres de Lisboa. Depois disso descubriu em Evora o Sr. Rivara varias folhas mais, que já se acham unidas ao codice fundamental, que se conserva na Bibliotheca Real d' Ajuda. Dessas folhas, que hoje se publicam pela primeira vez, devemos a copia que possuimos á amizade do Sr. Herculano. Dellas sao' aproveitadas, alem de outras, as primeiras 24 cantigas, e destinamos-lhe esse logar pela primeira dellas; em que se começa com certa invocaçao' a modo de principio de poema. Se com effeito fosse a primeira do manuscripto, teriamos comprovado que tao' pouco nelle seguiu o copista muita ordem pois que a 3.ª refere-se logo ao assumpto do apartamento do poeta, que só verosimilmente teria logar depois de outras muitas trovas. A ordem em que vao' essas primeiras 24 cantigas é a mesma que se segue em tres das ditas folhas inéditas, cujo nexo conseguimos achar.

Conservamos lembrança de que, ha annos, pessoa que parecia bem informada nos revelou a

* «Fragmentos de hum cancioneiro inedito que se acha na Livraria do Real Collegio dos Nobres de Lisboa. Impresso a custa de Carlos Stuart, socio da Academia Real de Lisboa. Em Paris, No Paço de Sua Magestade Brittanica. MDCCCXXIII.»

existencia de algumas outras folhas, que devem parar hoje em Coimbra. Se assim é envidamos a pessoa que as possa ter a que as nao' guarde escondidas por mais tempo, em prejuizo das lettras, do auctor, da ordem destas cantigas, e das que passavam com isso a ficar completas.

Aos escrupulosos, que queiram reconstruir o MS., damos a Tabella (App. 2.º) de comparaçao' da ordem de nossas cantigas com as folhas de Stuart; a qual servirá de todo o auxilio aos que queiram, nao' só comparar alguma cantiga com o original que está em Lisboa, como tambem confrontar as ediçoens *.

Somos porem obrigados a confessar que se houve um encadernador que baralhou as folhas do antigo codice, manifestamente, houvera antes um copista, que nem sempre entendera o original, errando palavras, deixando claros, e até co-

* A primeira folha da de Stuart começa na syllaba *guer* do 1.º verso, da nossa Cant. 65; que seguramente è a 2.ª da palavra *prouguer*; tambem cremos nao' julgarao' mui outro o principio do verso os que se acostumem ao estyllo e modismos do nosso poeta, que ainda na Cant. 62 tem quasi desse modo começado Sao' pois de nossa idea, ou antes de nossa persuasao', as palavras que vao' ahi em italico, e que quando muito poderao' variar em se dizer *Nostro Señor* ou *Señor Deus* em vez de *Meu Señor*. Em todo caso pedimos mil perdöens pela liberdade que tomamos de intentar restaurar a que até agora se considerava 1.ª Cantiga entre as existentes no codice.

piando duas vezes a mesma cantiga , como succedeu v. gr. com a 278 que no MS. segue outra vez repitida depois da 283.

Nesta repetiçao' bem como na dos *rondeis* ou estribilhos, é que verdadeiramente podemos bem confirmar o que acima asseveramos de haver o copista errado muitas palavras, ou pelo menos sua orthografia, a ponto de mudar a pronúncia. Muita vez parece até que aquelle era estrangeiro, e nao' admira que fosse francez, de cuja naçao' n' outro tempo exercitavam por toda a Europa muitos individuos o officio de amanuense com tanta generalidade como hoje succede aos seus cabelleireiros e modistas.

Alguma vez, como nos casos mencionados de repetiçao' dos versos , tomamos o cuidado de seguir só a liçao' que fazia sentido ; mas em geral fomos antes mais que menos escrupulosos em seguir o mesmo manuscripto. Porem na orthographia , para facilitar a leitura , adoptamos um certo systema que se fará mais palpavel apresentando a confrontaçao' seguinte de alguns versos dois *fac-similes* , com os competentes no nosso texto:

Ortographia do MS. *. Ca mia fazauer tal moller
que nunca mia ren de fazer
per q'eu ia possa pder.

* (Vid 1.º *fac-simile.*)

Texto nesta ediçao'. (pag. 64.)	Ca mi a faz aver tal moller, Que nunca mi á ren de fazer Per que eu ja possa perder;

do mesmo modo a respeito dos seguintes:

Ortographia do MS. *.	Sennor fremosa grand en ue ia ei eu atod ome que ueio morrer
Texto nesta ediçao'. (pag. 65.)	Señor fremosa grand' enveja ei eu A tod' ome que vejo morrer

Assim o systema que adoptamos se reduz ás seguintes clausulas:

1.ª Escrevemos sempre os versos, como versos, e nao' á maneira de solfa como estavam na primeira copla de cada cantiga, do mesmo modo que vemos nas de Alonso Sabio.

2.ª Visto que nao' se trata de cantar por solfa, mas sim de publicar as poesias, nao' conservamos separadas, como estavam muitas vezes, syllabas d' uma só palavra, nem unidas as syllabas de palavras differentes.

3.ª Para uniformisar empregamos sempre a letra *ñ*, que naquella epoca (e assim succede no

* (Vid. 2.º *fac-simile*)

Qa mia faz auer tal mouer
que nunca mia ren de fazer
per qen la poſſá pder

Ennor fremosa grand en ue

ia ei eu a tod ome que ueio morrer

nosso MS.) se empregava indifferentemente com os *nn* para representar o *ñ* castelhano e *nh* portuguez, escrevendo *Señor* e *Sennor*; e conservamos como estava no MS. os *ll* para representar o *lh* do portuguez actual. A respeito da primeira lettra só a exceptuamos na palavra *connoscer*, que, por duvidarmos de sua pronuncia, deixamos sempre segundo a encontrámos.

4.ª Igualmente por duvida deixamos escripto *ũa* e *bõa* se bem que o til, que em geral teem uma e outra destas palavras, possa dar a entender que entao' se pronunciavam *una* e *bona*. Deste ultimo modo achamos a palavra escripta uma so vez. A lettra *u* (*où* frances e *ubi* latino) equivalente ao adverbio *onde* puzemos accentuada (*ù*), sempre que o nao' fazel-o podia obscurecer o sentido.

5.ª Introduzimos em geral a pontuaçao' moderna.

6.ª Desfizemos todos os breves; para evitar aos leitores o trabalho de lembrar-se a cada instante se *p̃z* era *praz* ou *prez*, se *uꝯ* era *vos* ou *vós* etc.

7.ª Tratamos de destacar as differentes coplas de cada uma das cantigas, * e o mesmo fize-

* Nesto ponto dois enganos advertimos depois da impressao' que aqui notamos.—1.º Pertence á 2.ª copla da pag. 56 o verso 16.º desta; 2.º Na cantiga 68 pertence ao principio da 4.ª copla o verso que está junto ao fim da 3.ª

mos aos *rondeis* ou estribilhos, cuja repetiçao' apenas indicamos suprindo o resto com etc.

8.ª Suprimos com reticencia, o que nao' podemos, e alguma vez, o que nao' soubemos ler.

Abster-nos-hemos de mais explicaçoens. Poderiam ellas ser tomadas como uma apologia de quanto trabalhámos para esta ediçao', que nao' fizemos por nos fazer valer, porem só por um impulso irresistivel de verificar persuasoens que temos. Assim nao' iremos tao' pouco, para recommendar nosso trabalho, analysar palavra por palavra os erros de leitura que cometteu o copista de que se serviu o nobre Stuart. Em vez de tal proceder ingrato acceite aqui este illustre inglez um testimunho de nosso reconhecimento, pois senao' houvesse reproduzido sua copia, talvez nao' publicariamos hoje esta ediçao', em que tambem algum erro ou má intelligencia nos havera escapado, apesar de todo nosso esmero e boa vontade. Assim estaremos no caso de, algum dia, o que hoje damos pedir a futuro escriptor, a quem nosso trabalho nunca será de todo inutil; pois vai nada menos qne contribuir para que se estude mais facilmente o livro. Pela nossa parte, repetimos, seguimos o methodo que nos dictou a consciencia como melhor para conciliar a utilidade da publicaçao' com o possivel respeito ao codice. De antemao' sabemos que vamos incorrer na censura de muitos dos que

acham senoens em tudo quanto nao' é por elles feito. Talvez que em quanto um escrupuloso em demasia nos censure as liberdades que tomamos, algum outro estranhe acaso nao' havermos seguido inteiramente o caminho opposto; dando ordem rasoavel ás cantigas, e reduzindo absolutamente a orthografia áquella que hoje se usa, etc. Responderemos que com a impossibilidade de contentar a todos, quisemos ao menos contentarmo-nos a nós mesmos.

III.

Para melhor avaliarmos estas cantigas, como composiçao' litteraria, convem que nos lembremos que ellas pertencem ainda á epoca dos trovadores, e que trovador é o seu auctor.

Sem nos occuparmos da questao' de quem foram na idade media os que mais se dedicaram á poesia, e vulgarisaram o uso da rima, basta nos ter presente que os Provençaes, cantando no seu laude em lingua *d'oc*, crearam uma communidade que cultivava a arte de poetar, que elles chamavam *gaia sciencia*. Essa communidade se foi extendendo pela Europa, e ja no seculo 12 contava na Peninsula distinctos cultores, graças á protecçao' que encontraram em Affonso II de Aragao'; mas foi verdadeiramente no seculo seguinte que a gaia sciencia e o gosto de trovar

se propagaram pelas differentes cortes da Hespanha. A poesia erotica era quasi a unica que entao' se cultivava. O trovador escolhia uma dama, como D. Quixote a sua Dulcinéa, e encarregava-se de a louvar. Era de bom gosto que o poeta, á maneira de cavalleiro andante, emprehendesse pela que *filhára* por senhora, peregrinaçoens e viagens perigosas, e os sofrimentos d' ausencia com os requebros da presença constituiam, para cada um, uma novella d' amores, como a que nos deixou Petrarcha. E melhor trovador era, nao' tanto o que fazia mais limados versos, como o que mais engenho e energia tinha para provar seu amor, e melhor cantar ao laude pensamentos muita vez alheios. Assim o romance *de la Rose*,

«Ou l' art d' amour est toute enclose»,

approveitou a muitos que delle copiavam. Succedia porem nao' poucas vezes que o trovador que começava a fazer versos a sangue frio, tendo para seguir nesse caminho que pensar exclusivamente na sua dama, ficava deveras enamorado e perdido d' amores por ella. Nesta situaçao' tornava-se elle mais original, pois seu fim principal era desafogar o que sentia. Alem de que, a imitaçao' serve de estudo aos poetas como aos grandes pintores, que começaram por copiar o

exemplar que lhes apresentara o mestre. Catalaens e Valencianos como foram Mataplana, Berguedam, Montauer e Mola, sao' os mais antigos trovadores que conhecemos na Peninsula. Delles ha poesias nos codices da Vaticana numeros 3204, 3205 e 3207. Alguns portuguezes anteriores ou contemporaneos do Conde de Barcellos tambem chegaram ate nós, graças ao codice n.° 4803 da mesma, que nos ministrou já as poesias d' el rei D. Diniz, e contem as de muitos outros, cujos nomes fora longo enumerar.

Quanto a estas rimas, que como dissemos julgamos serem do Conde de Barcellos, sao' todas ellas evidentemente eroticas, pois que allusoens eroticas se devem a nosso ver descubrir até na cantiga 286 que tracta d' el rei de Castella e Leon, a qual era a unica sobre que podia versar duvida. Cremos que o trovador estava deveras apaixonado, e o que igualmente o esteja será disso o melhor interprete. Em todo caso sao' manifestamente nascidas de uma verdadeira paixao' as cantigas 277 e 282. O poeta chorava de continuo, e se por acaso era no mais minimo correspondido, amava e respeitava bastante o seu ideal para nao' o denunciar.—A quem nao' saiba o que e' o amor parecerao' estas cantigas uma lamuria monotona, apresentada sem arte e com repetiçoes frequentes dos mesmos pensamen-

tos: mas tal se manifesta no seu mais alto gráu a paixao' em que se cifra o maior goso da terra. Alem do que, o *sentimental* é como innato aos povos occidentaes da Hespanha. O poeta portuguez e o gallego geme e lamenta-se: a *saudade*, palavra que só elles tem, está-lhes sempre n' alma ao criar suas sentidas composiçoens. E o mais particular é que este caracter nao' só da sua poesia, como até de seus naturaes, era ja conhecido no tempo dos romanos, quando Silio Italico disse que no exercito os galuchos gallegos cantavam suas lamurias:

.... «Misit dives Gallœcia pubem,
Barbara nunc patriis *ululantem* carmina linguis.»

Ainda hoje no exercito hespanhol nao' ha que contar muito com os gallegos fóra do seu paiz, por adoecerem em grande parte de nostalgia.

Do assumpto das poesias reunidas resulta uma novella amorosa cujos factos geraes enumeramos no primeira parte desta introducçao' (p. IV e segg.)

E para prevenir que alguem nao' diga que essa novella a composemos nós e o nosso romance, devemos esperar que nao' se faça tal accusaçao' sem se nos dizer como sem a produzir se poderao' combinar os factos que constam das

poesias, a que so procurámos dar methodo. Leiam-se porem as cantigas em qualquer ordem differente que sempre ellas subministrarao' os factos que mencionamos, nos quaes está a idea da novella.

Nao' faltam nas cantigas pensamentos felizes e com tal ou qual originalidade; mas no geral repetem-se aquelles muito, o que por certo nao' prova grande riqueza delles. O nosso trovador, como os mais, começou por imitar o pouco que teria por modello. Comparando estas suas cantigas com as de D. Alonso Sabio, com as de D. Diniz, algumas que conhecemos do Cancioneiro de Baena, e outras portuguezas ou gallegas contemporaneas, encontramos atè as mesmas expressoens e modismos, etc.

Do mesmo modo este trovador, como os seus contemporaneos, usa frequentemente das locuçoes *per boa fé, mào pecado, se Deus vos perdon, fremosa mia Señor*, e parece ter firme crença no fatalismo astrologico sobre o dia natalicio, v. gr. *en grave dia eu nasci*, ou *fui nado* etc.

E o que dizemos dos pensamentos applicamos ás rimas, cujo diccionario era entao' mui limitado, segundo se deprehende ao ler ao acaso no livro duas ou tres paginas: Señor, pavor e amor; ren, ben, sen, e poren; al e mal; affan e pran; Deus e meus; razon, coraçon, perdon e non; y, mi e aqui; e os differentes tempos dos

verbos, constituem todo o peculio rithmico do trovador, que nesta parte se contentou com o que achou de seus predecessores e contemporaneos. Tambem vemos que se podia fazer rima repetindo a palavra; e isso ás vezes se leva a exageçao' como nas cant. 53, 112, 195. Nesta ultima cada sete versos da mesma setima rimam com a mesma palavra; na segunda, em cada novena, ha cinco versos d' uma rima e quatro d' outra: na primeira a combinaçao' è muito mais particular; pois a mesma rima que se repete nos dois primeiros versos torna a repetir-se nos hemistichios do 5.º, e depois no fim do 6.º verso, rimando de outra maneira os dois hemistichios do 3.º

Outras vezes, nos tempos compostos dos verbos, faz-se a rima com o infinito delles, e o resto da palavra se deixa para o verso seguinte, como se vê nas cantigas 48, 95 e 133; tudo o que esta longe da perfeiçao'. Outro tanto nao' podemos dizer pelo que respeita aos metros, e ao ajuntamento e combinaçao' das coplas e *bordoens*; os versos sao' sim pela maior parte agudos, o que resulta da natureza das rimas empregadas, ou de que talvez assim fora necesario ao canto; mas quanto a sua medida, ainda que na maior parte sejam segundo o estylo provençal * os versos

* Temos a certeza de serem d' introducçao' provençal ou limosina os versos de endecasyllabos, sem ter d' arte

grandes ou heroicos, nao' faltam versos máximos * como se distingem na cantiga 4; nao' se notam os verdadeiros d' arte maior; ** mas ha os de nona e oitava syllaba accentuadas, alem de perfeitos redondilhos maiores.

Quanto ao ajuste das coplas vemos empregadas as rimas pareadas, os tercetos, quartetos, quintilhas, sextinas; e com os metros provençaes as septimas e ate as oitavas, se bem

maior. El rei D. Diniz assim nolo diz nas suas cantigas 45 e 49 (numerando-as destacadas como devem estar); que saò nesse metro:

«Quer' eu en maneira de proençal
Fazer agora un cantar d' amor.»

e

«Provençaes soen mui ben trovar.»

Santillana o confirma nas seguintes palavras de sua bem conhecida carta:

«Usaron el decir en coplas de diez sillabas a la manera de los limosis.» etc.

* Podemos chamar assim os maiores versos que temos, resultantes de dois hemistichios de 6.ª longa o que dará ao ver o 16 syllabas quando os ditos dois hemistichios sejam esdruxulos, 15 quando só um o for; 14 quando forem graves ou inteirosos dois hemistichios, 13 quando só um, 12 quando forem agudos os dois.

** Cada um destes versos d' arte maior eram verdadeiramente formados de dois hemistichios de 5.ª longa, ou de dois *lyricos menores*, o que é o mesmo.

***

que estos com outra combinaçao' differente da das estancias. O fragmento (*v*) na pag. 317 da até amostra de uma combinaçao' de nove versos endecasyllabos.

Alguma vez ha cantigas dialogadas: deste numero sao' as 35, 238, 248, 279 e tal vez alguma outra em que acaso nao' adverteriamos o estylo dialogal.

O trovador com o mayor desembaraço abusava do que hoje se chama liberdade poetica: dizendo v. gr. quando lhe parecia, só para ter uma syllaba menos *oy* por *oje* (Cant. 91, vers. ult.), e por convir á rima *aveer* por *avir* (Cant. 93.)

Tambem fazia frequentemente uso da synalefa e da paragoge, só para dar ao verso uma syllaba de menos ou de mais. As vezes depois de soffrer a palavra uma synalefa, lhe aplicavam os trovadores a anthitese; por quanto segundo uma regra do livro da *Gaya* de Vilhena o *d* no fim da dicçao' devia converter-se em *t*, v. gr. *brevedat*. Tambem ha que considerar como liberdade poetica contar os diphtongos (de que segundo Vilhena havia 8 recebidos como *reaes*) como proprios ou como duas syllabas: assim o leitor será prudente se, antes de condemnar algum verso, o ler mais de uma vez, e tal vez descobrirá como imaginou o poeta que nao' commettia erro.

IV.

Como monumento de linguagem é este livro da mais alta importancia, pois que junto ás obras de D. Diniz, e seus contemporaneos encontradas no codice 4803 da Vaticana, nao' só nos revela o gráu de polimento da lingua naquella epocha, como serve de novo testemunho ao facto para nós averiguado de que os differentes dialectos e linguas da Peninsula ainda nesse tempo eram mais parecidos entre si do que hoje. Comparem-se as poesias contemporaneas de qualquer desses entao' dialectos e se confirmará o que dizemos. No velho castelhano do Fuero Juzgo, de Berceo, do Infante D. Juan Manuel, e do Arcipreste de Hita, no Leones ou meio-asturiano do poema «Alexandro» por Segura, no gallego d' Alonso Sabio, no valenciano de Jorge Roiz, e no portuguez de D. Diniz ou deste livro se notará palpitante este facto. E esta semelhança se adverte sem metter em conta algumas frases e palavras, latinas umas e outras afrancesadas, introduzidas tal vez pelos provençaes, que eram comummente empregadas pelos poetas em seus differentes idiomas, das quaes se bem que Duarte Nunes diga que nos ficaram muitas,

outras desappareceram com a decadencia dos trovadores.

Cumpre-nos advertir que acima mencionamos como gallegas as cantigas d' Alonso Sabio, nao' por termos a convicçao' de que o sejam, mas por nao' levantar questoens, quando nao' ha occasiao' de dar provas. E neste ponto as provas decisivas só poderao' servir de base as mesmas cantigas quando sáiam á luz. Por uma copia dellas que possuimos, tirada do exemplar de Toledo, e por nós ahi confrontada ainda este anno, mais que pelos fragmentos que publicam Zuniga e Castro, vemos que a sua linguagem é a mesma destas poesias, das d' el rei D. Diniz e mais contemporaneos portuguezes. — Por ventura eram entao' as duas linguas ainda absolutamente a mesma, ou deixam de ser em gallego as cantigas? Os criticos quando ellas se imprimam o decidirao'. Os que partilharem a ultima opiniao' encontrarao' em seu favor o empregarem-se nellas muitas palavras que já nao' sao' hoje gallegas, nem o eram no tempo d' Alonso Sabio, v. gr. crérigo, menino, muito etc., as quaes por documentos gallegos dessa epoca e até anteriores (o Foro dos Cregos) sabemos se diziam, como hoje, crégo, neno, moito etc.

Os trovadores querendo bem destacar sua poesia da prosa, e nao' o sabendo fazer só pela poesia do pensamento, para nobreza do estyllo, adop-

tavam o systema das expressoens raras e ainda de linguas cultas, que foi alem disso systema dos poetas de todos os tempos, incluindo os latinos, que tomavam dos gregos. Por ventura Camoens nao' introduziu tambem muitas expressoens latinas? — E apezar dellas e apezar de quanto differe a linguagem de Camoens da das leis extravagantes, e da dos testamentos contemporaneos nao' se poderá dizer que Camoens nao' poetava no portuguez do seu tempo, quando' ainda a poesia hoje desdenha muitas frazes e termos só pelo motivo de serem triviaes.

Outra razao' do uso de taes expressoens era a mesma pobreza que havia de rima; pois com a introducçao' de tantas palavras que já tinham consoantes sabidos tornava-se mais facil o trovar.

E se bem averiguamos estas palavras limitadas á poesia eram em pequeno numero; pois ainda quando nao' se encontram em documentos de menos monta, rara será a que se nao' acha empregada no *Fuero Juzgo*.

Mas postas de parte essas frazes e palavras previlegiadas para o uso dos trovadores (palavras que ás vezes até se inventavam, modificando outras só porque isso dava a medida ou a rima que necessitava o trovador) ficavam extremes os verdadeiros dialectos que elles falavam, osquaes, repetimos, quanto a nós, tinham

entao' na Peninsula, muito mais semelhança entre si do que vieram a ter depois que elementos de natureza differente influiram nos idiomas de cada um dos paizes que iam florecendo como estados independentes.

A tal ponto temos esta persuasao' que chegamos a crer que quanto mais nos remontassemos ao fim do dominio godo, durante o qual toda a Peninsula era já governada por um só codigo dictado naturalmente em uma só lingua, mais homogeneidade e semelhança devia ter a linguagem em toda a extensao' dos dominios hispano-godos.

Para nos fazermos melhor entender daremos uma breve idea do systema como imaginamos que podiam originar-se e desenvolver-se na Peninsula os differentes dialectos *romanicos* ou *romanceados*.

Nao' somos de opiniao' que em tempo algum a populaçao' rustica da Hespanha falasse o latim propriamente dito; e cremos até que este em qualquer tempo apenas se falaria bem no Lacio e quando muito entre a gente illustrada dos paizes que pouco a pouco foram sendo conquistas ou colonias de Roma.

Na epocha da colonisaçao' romana devia passar-se quasi o mesmo o que em nossos dias estamos presenceando nas colonias dos Europeos nas differentes partes do mundo. A lingua da

metropole passa com os que vao' levar a vida agricola, e fixar a populaçao que abandona a vida nomada e caçadora, mas na sua aclimataçao' modifica-se, já na pronuncia já em modismos, que se nao' desterram mais sobre tudo das classes inferiores no paiz, a cujo clima ou indole uma vez se adoptou. Ora se isto succede hoje que por toda a parte ha escollas, que a frequencia da navegaçao' facilita o trato, que ha a imprensa e que as linguas se estudam pelos livros originados das metropoles, os quaes nao' desamparam a lingua ao acaso, como nos devemos admirar que o latim rustico dos colonos hispanos fosse differente do polido falar dos finos romanos, a nao' exceptuarmos algum que ia a Roma estudal-o, como succederia aos escriptores, e aos chefes que chegaram a ser imperadores. Tudo quanto dizemos, fundado em inducçoens que cremos de bom senso, é porem confirmado por infinidade de trechos de escriptores latinos e de Estrabo recopiladas na obra de Mayans, os quaes nos confirmam o máu latim, que falavam os hispanos, o que se reduz á idéa de que ja usavam dialectos romanicos. Quanto aos Gallegos, acima citamos um logar de Silio Italico, em que lhes dá uma linguagem propria na qual rosnavam suas cantigas. Cremos que se essas cantigas tivessem chegado ate nós qualquer gallego as entenderia hoje, tanto imaginamos que este dia-

lecto, —como de paiz montuoso *, alheio quasi ao trato estrangeiro —, se tem conservado estacionario, segundo por documentos temos provas que tem acontecido desde o seculo 12.— Porque depois de colonisado e agricultado o paiz, nao' é facil a qualquer conquistador ou dominador introduzir outra lingua. Assim succederia aos romanos nas Provincias Vascongadas; assim succede ainda hoje com o Castelhano na Catalunha e Galliza; assim succedeu com os normandos na Inglaterra, etc. Por tanto quanto a nós nem os Godos nem os Suevos poderam substituir suas linguas pelos dialectos romanicos que aqui se falavam, e a opiniao' do erudito Feijó de que as idiomas Portuguez e Gallego devem sua origem ao dominio Suevo, é de tal modo gratuita que nem nos occuparemos em refutal-a, em quanto nao' se nos diga quaes sao' as articulaçoens, modismos ou paridades grammaticaes que nelles se encontram identicas á lingua dos mesmos Suevos, e que se nao' notam nos outros dialectos da Peninsula. Para mudar-se uma lingua, depois de povoado o paiz em habitaçoens

* Assim vemos que succede ao Vascuense, como temos prova no seu canto de guerra contra os romanos:

Lelo! il Lelo!
etc.

fixas, requer-se tempo e muitos colonos da nova lingua em proporçao' dos habitantes existentes. Quanto aos godos sabemos que procurando antes conservar e propagar a lingua latina, que estender a sua, como diz Aldrete, adoptaram aquella por lingua official, como unico representante culto e com escripta dos dialectos romanceados. Esta nova necessidade de estudar o latim, e a extensao' que tomou o dominio godo por toda a Hespanha, deviam muito concorrer para que todos os seus dialectos se homogenisassem, ou pelo menos se criasse outro novo, um pouco godo talvez, mas ao mesmo tempo mais analogo ao latim escripto, que servisse de linguagem franca, a que fosse a lingua, digamos assim, dominadora.

Esta lingua, se bem que ficasse mais ou menos espalhada pela Peninsula durante o tolerante dominio árabe, devia acompanhar os dominadores godos e mais povos que se refugiaram às Asturias. E como estes nao' seriam inferiores em numero ao desse pequeno paiz, e ahi se estabeleceram, guardaram a sua lingua, se é que ja nao' era quasi a mesma que ahi se falava, como cremos. Com o estenderem-se as conquistas sobre os territorios occupados pelos árabes, essa linguagem d' Oviedo seria sempre a dominadora, pois que nas Asturias eram nascidos os conquistadores. Assim o asturiano antigo (nao'

acastelhanado como vai ficando) * era o romance geral existente na epoca em que, ainda mais que o dominio arabe, a populaçao' mourisca (que os christaos deixaram, com louvavel politica e tolerancia, ficar no territorio) com negaçao' ou defeito organico para pronunciar certas articulaçoens latinas principalmente *o f* e *o j* (latino) formaram o castelhano, cujo principal caracteristico eufonico como idioma romanico é a articulaçao' gutural do *j*. Marina attribue á lingua arabiga um quarto da castelhana: quanto a nós o verdadeiro arabismo do castelhano nao' está nas raizes das palavras, nem na syntaxe, está na pronuncia. Um habitante do antigo Lacio que hoje visse escripta, com a orthografia etymologica, nos varios idiomas da Peninsula, uma mesma composiçao', chegaria talvez a achar ser o castelhano o mais alatinado de todos; mas mudaria de opiniao' se, em vez de ler, ouvisse ler da bocca de um nacional essa mesma composiçao'. O' maior sabor d' arabismo da lingua hespanhola, seja embora numeroso o

* «Desde el siglo 17 varias causas concorrieron a la corrupcion de este idioma, conforme fué mayor el roce de los asturianos con los naturales de las demas provincias. En la guerra de la independencia, convertidos una gran parte de nuestros labradores en soldados castellanizaron infinitos vocablos de su idioma.» etc.

Introd. do Sr. Caveda, p. 59.

glossario de palavras arabes, existe na pronuncia arabisada de certas lettras em palavras puramente latinas. *O j* pronunciado guturalmente e o *f* convertido em *h* aspirado sao' as duas articulaçoens que mais arabisam o castelhano.— Porque meios isso se executou nao' é deste logar averiguar, e nos limitamos a remetter o leitor a consultar a tal respeito o trabalho do academico Marina *. Para nós é facto averiguado que, até á conquista de Granada o castelhano quanto mais antigo, menos tinha de arabe, e notamos até, v. gr. em Berceo e no *Fuero Juzgo* muitas palavras que ainda hoje sao' asturianas, gallegas ou portuguezas **, e que deixaram de ser

* «Fué necesario que el idioma arábigo se propagase y estendiese rápidamente entre los castellanos, y efectivamente logró tanta reputacion para con ellos que se gloriaban escribir en esa lengua.»

Marina, p. 39.

«Los monnmentos de nuestra historia muestran claramente que el romance castellano debe su origen á la ignorancia, negligencia y descuido de los españoles en cultivar su antigua lengua latina, y que fué un efecto necesario del trastorno que experimentaron sus ideas, pensamientos, y opiniones, desde que los árabes asentaron en España.»

Idem, p. 20.

** Em prova do que dizemos pomos aqui mais de 60 destas palavras: Abelha, Achar, Afficar, Beiço, Ben, Boi, Carcere, Cedo, Concello, Corpo, Corvo, Daqui, Daquelles, Defeso, Demais, Depois, Dizer, Duas, Egua.

castelhanas. Assim esta lingua que tanto admiramos pela sua nobreza, energia, e quer-que-é d' orgulho varonil, é das da Peninsula, a que pelos vestigios mais representa o dominio arabe, mas está longe de ser a mais legitima representante do dominio romano ou godo. Esta prerogativa pertence a um daquelles tres idiomas entre si parecidissimos, e como dois sao' dialectos, cabe ao portuguez pela razao' de ter litteratura propria, e nao' pouco rica, nem pouco culta.

E em verdade o portuguez, quanto mais antigo o encontramos, mais nos parece um conjuncto dos dialectos de Galliza e Asturias. Ainda hoje ha muita mais irmandade nesses dois dialectos * com a lingua portugueza, que com a castelhana, apezar de ser esta a dominante como lingua official. Uma tal irmandade nota-se sobre tudo na maneira de pronunciar como *u* ou *us*

Escuro, Fala, Fillo, Fogo, Folgar. Fora. Frade, Furtar, Inferno, Jogo, Juiz, Leigo, Medo, Membro, Mese, Mingua, Morrer, Muller, Nen, Nora, Nove, Ollo, Orto, Pedra, Paiz, Polegar, Pouco, Remir, Rogo, Sabenca, Sabor, Seu, Sinal, Soldo, Tardar, Trinta, Váo, Vencer, Viver, Volta, Xaga, Xagar, Xegar; alem dos artigos o, a, e seus compostos *no*, *na*, &c.

* Sabemos que ha varios provincialismos nestes dois dialectos, do mesmo modo que os ha no portuguez e no castelhano: para o nosso fim nao' necessitamos descer a taes particularidades.

muitas syllabas que em castelhano se escrevem e pronunciam com *o* e *os*. Ora esta falta, que commettem geralmente tanto os asturianos como os gallegos e portuguezes, quando começam a falar o castelhano, provêm justamente de um titulo que elles tem em seu idioma de mais proximidade á lingua latina. Assim v. gr. dizem *cantamus*, *amemus*, do mesmo modo que em latim *.

Quanto ao dialecto gallego ainda elle hoje conserva muita semelhança com o portuguez. Nesse ponto está concorde a opiniao' dos castellanos ** e a de *** Duarte Nunes; mas como sabemos haver em Portugal litteratos que repugnam em admittil-a, daremos para prova (Appendice 3.º pag. 328) duas poesias gallegas contemporaneas, em que a maior parte dos versos sao' ao mesmo tempo portugueses.

Pelo que respeita ao asturiano a invasao' rapida que nelle vai fazendo o castelhano, segundo

* Julgamos que no portuguez se devia em taes casos seguir a orthografia latina, e se iria conforme com as duas regras de pronuncia e etymologia.

** «El portuguez en el cual comprehendo el gallego, considerando aquel como principal porque tiene libros i dominio aparte; i dejando ahora de disputar cual viene de cual» etc. — *Mayans*, *Orig. de la Leng. Esp.*

*** As quaes ambas eram antigamente quasi uma mesma nas palavras, e nos diphtongos e pronunciaçao, etc. *Nunes*, *Orig. da Ling. Port.*

o testemunho do Sr. Caveda, tem o feito crer ascendente mais proximo do castelhano que de qualquer outra lingua da Peninsula. Porem é certo que apezar dessa invasao' ainda conserva esse dialecto muito do que o portuguez delle recebeu e guarda, a ponto de nos fazer crer este seu descendente mais legitimo. — E bem que nao' faltem * palavras identicas ou parecidas, nao' é nellas que fundaremos nossos argumentos; mas principalmente será na Syntaxe que nos deteremos. Assim vemos que no asturiano como no portuguez é mui frequente nos verbos o emprego da figura prothese, dizendo-se v. gr. *a baxar* por *baxar*; *ajuntar* por *juntar*; assim usam do mesmo modo a aferese dizendo v. gr. *n' outro* em vez de *em outro*; assim empregam a anthitesis nas palavras que terminam em *r* mudando esta letra para mais eufonia em *l*, quando se lhe segue uma vogal; v. gr. *pintal-o* em vez de *pintar-o*, *pelo* em vez de *per o*; assim finalmente empregam a synalefa, dizendo *daqui*, *da-*

* Pai (Padre) e Mai (Madre) dizem os Asturianos (Côll. do Sr. Cav., p. 48.) Pá e Má. Ao *jantar* para que nao' ha palavra em castellano dizem *jintar*. Alem disso sao' portuguezas as palavras home, ceo, fado, tornar, mugir, morrer, amizade, corajoso, estrada, faia, fumo andaron (cast. anduvieron), verdascar, comnosco, comvosco' e outras muitas, que fora longo enumerar, e que nao' sao' castelhanas.

li, *dantes* por *de aqui*, *de ali*, *de antes* etc. Em asturiano (como em portuguez), nao' tem som gutural o j, que nas palavras latinas se pronuncia forte com em francez e portuguez; e n' outros casos em que o emprega o castelhano, e que em portuguez se convertem em *lh*, converteram-no elles em *y*, v. gr. *migalha*, *palha*, *semelhante*. *aparelhar*, *milho*, dizem *migaya*, *semeyante*. *paya*, *apareyar*, *miyu* etc., uso este que tambem encontramos no poema de Segura, e algumas vezes no *Fuero Juzgo*. Pelo que respeita á Prosodia contentar-nos-hemos de citar a formaçao' dos diminutivos en *ino* ou *iño*, differentes no castelhano; e a dos adjectivos acrescentando *ento* a qualquer substantivo igualmente desconhecida nesta lingua.

O que fica dito é bastante para indicar quanto o portuguez conserva mais no fundo do dialecto antigo asturiano do que o castelhano, o que, repetimos, deve fazer considerar aquella lingua como a verdadeira representante do idioma dos filhos de algo das Asturias. As poesias que ora vulgarisamos, e outras cantigas provam que ainda mais d' asturiano tinha o portuguez, antes que pela restauraçao' classica no seculo 16 Sá de Miranda, Ferreira, Bernardes e sobretudo Camoens o alatinassem mais com a introduçao' dos superlativos etc.

Aqueste, *escaescer*, *macar* (ou magar) e

outras muitas palavras se acham neste livro que deixaram de ser portuguezas, e sao' ainda asturianas. O uso da prothese no emprego da particula *a* antes dos verbos no infinito é sobretudo excessivo nas cantigas, embora muitas vezes se veja no nosso texto a dita particula separada.

Concluiremos declarando que a medo houvéramos enunciado algumas de nossas opinioens, sabendo quao' poderosas autoridades tem contra si, se nos nao' animasse, entre outros, o nosso bom amigo o Sr. D. Agustin Duran. A este Sr. tao' litterato, como cavalheiro, tao' superior em talento e bom juizo, quao' prudente amigo d' analyse, devemos o haver tido o animo necessario para aventar ideas, em parte tal vez contrarias ás suas, as quaes tomadas friamente em consideraçao' por jurados estranhos, que nao' tenham por ellas nem o amor de pai, nem as prevençoe's de desherdado, poderao' algum dia alcançar um verdicto imparcial, a que desde hoje nos sujeitamos.

Madrid 10 de Julho de 1849.

TROVAS E CANTARES.

Nostro Señor, que me a min faz amar
A mellor dona de quantas el fez,
E mais fremosa e de mellor prez,
E á que fez mais fremoso falar,
El me dê la ben, se lle prouguer,
Ou mia morte, se m' aquesto non der,
Me dê, por m' en de gran cuita quitar.

E se m' el aquesto non quiser dar,
Que ll' o eu rogo, rogá-ll'-ei assi
Que lle possa com' ela quer á mi
Querer, ca esto me pode guardar
Da mui gran coita que eu ei d' amor;
E se m' esto non der nostro Señor,
Por que me fez el tal Señor fillar?

Ben o sei eu; fez me o por se vengar
De mi, per esto e non per outra ren,
Se ll' algun tempo fiz pesar; por en
Me leix' assi desenparad' andar,
E non me quer contra ela valer;
Por me fazer mayor coita soffrer
Me faz tod' est', e non me quer matar.

2.

En grave dia, Señor, que vos vi,
Por mi e por quantos me queren ben,
E por deus, Señor, que vos non pes' en:
E direi vos quanto per vós perdi:
Perdi o mund' e perdi me con deus;
E perdi me con estes ollos meus;
E meus amigos perden, Señor, min.

E mia Señor, mal dia eu naci
Por tod' este mal que me por vós ven,
Ca per vós perdi tod' est', e o sen;
E quisera morrer e non morri;
Ca me non quiso deus leixar morrer,
Por me fazer mayor coita soffrer,
Por muito mal que me ll' eu mereci

En a mia coita, pero vos pesar
Seja, Señor, ja que vos falarei
Ca non sei se me vos ar veerei,
Tanto me vej' en mui gran cuit' andar
Que morrerei por vós ù non jaz al;
Catade Señor por vós este mal,
Ca polo meu non vos veñ' eu rogar.

E ar quero vos ora consellar,
Per boa fe, o mellor que eu sei;
Metede mentes no que vos direi:
Quem me vos assi vir desamparar
E morrer por vós, pois eu morto for,
Tan ben vos dirá por mi traedor
Come á mi' por vós, se vos matar.

E de tal preço guarde vos deus,
Señor e lume destes ollos meus:
Se vos vós en non quiserdes guardar.

3.

Meus amigos que sabor haveria
Da mui gran coit' an que vivo dizer,
En un cantar que queria ora fazer;
E pero direi vos como queria,
Se deus quisesse dizel-o assi

Que ouvessen todos dó de min,
E non soubessen por quen no dizia.

E por esto rog' a Sancta Maria
Que m' ajud' y, e que me dè poder
Per que eu torne na terr' a viver
Ú mia Señor vi en tan grave dia,
Sen outras coitas que depois soffri,
Ca non vivera ren do que vivi
Senon cuidando com' y tornaria.

Mas cautiv' eu de mellor que querria
De poder eu na terra guarecer
Ú a cuidafse eu a poder ver,
Dos mil dias ùa vez en un dia:
Ja eu est' ouve, perdi-o per min,
Mas tan mal dia ante non perdi
Os ollos, e quant' al no mund' avia,

Ca par deus meor mingua me faria.

4.

Pero m' eu ei amigos, non ei niun amigo
Con que falar ousasse a coita que comigo
Ei, nen ar ei a quen ous' en mais dizer, e digo
De muy bon grado querria a un logar ir
E nunca m' end' ar viir.

Vi eu viver coitados, mas nunca tan coitado
Viveu com oj' eu vivo, nen o viu ome nado
Des quando fui ù fui, e a que volo recado
De mui bon grado &c.
(prenda,
A coita que eu prendo non sei quen a tal
Que me faz fazer senpre dano de mia fazenda;
Tod' aquest' eu entendo, e quen mais quiser
De mui bon grado &c. (entenda.
(m' ia
De cousas me non guardo, mas pero guardar
De soffrer a gran coita que sofri del-o dia
Des que vi o que vi, e mais non vos en diria:
De mui bon grado &c.

5.

Eu me coidei, ù me deus fez veer
Esta Señor contra quen me non val,
Que nunca me dela veria mal,
Tanto a vi (*de*?) fremoso parecer
E falar mans' e fremos', e tan ben,
E tan de bon prez, e tan de bon sen,
Que nunca dela mal cuidei prender.

Esto tiv' eu que m' avia valer
Contra ela, e todo me ora fal,

E de mais deus , e viv' en coita tal
Qual poderedes muy ced' entender,
Per mia morte, ca moiro e praze m' en;
E d' al me praz ; que non saben por quen,
Nen o poden ja mais por mi saber.

Pero vos eu seu ben queira dizer
Todo non sei; pero convosqu' en al
Nunca falei : mais fezo a deus qual
El mellor soube no mundo fazer:
Ainda vos al direi que ll' aven:
Todas as outras donas non son ren
Contra ela, nen an ja de seer.

6.

Esta dona poil-o non souber
Non lle poden , se torto non ouver,
Deus nan as gentes culpa poer.
Guai la mia ventura! e aquestes meus
Ollos an y gran culpa e deus,
Que me fezeron tal dona veer!

7.

Ja non sei no mundo que fazer,
Nen ei consello, nen me o quis deus dar,

Ca non quis el, ù me non quis guardar,
E non ouv' eu de me guardar poder;
Ca dix' eu ca morria por alguen;
E, dereit' ei, de lazerar por en.

Ca non fora tan gran cousa dizer
Se se mi a min ben ouvess' a parar
A mia fazenda; mas quen deus guardar
Non quer, non pode guardado seer.
Ca dix' eu &c.

E mal dia eu enton non morri
Quando esto dixe, quando vi os seus
Ollos, pero non dixi mais par deus,
E esto dixi en mal dia por min.
Ca dix' eu &c.

Ca des aquel dia 'n que a eu vi
Que non visse d' aquestes ollos meus,
Non perdi coita, ca non quiso deus,
Nen perderei, ca eu mi o mereci.
Ca dix' eu &c.

8.

Pelos meus ollos ouv' eu muito mal,
E pesar tant' e tan pouco prazer,

Que me valèra mais non os aver,
Nen veer nunca mia Señor, nen al.
E non mi á prol de queixar m' end' assi;
Mais mal dia eu dos meus ollos vi;

Ca per eles ouv' eu mui pouco ben;
E o pesar que me fazen soffrer,
E a gran coita, non é de dizer,
E queixar me; a mais non ei a quem;
E non mi á prol &c.

Ca, Señor, que me foron mostrar
De quantas donas deus quiso fazer
De falar ben e de ben parecer;
E por que moiro non ll' ouso falar;
E non mi á prol &c.

9.

Non me soub' eu dos meus ollos mellor
Per nulla ren vingar, ca me vinguei;
E direi vos que mal que os matei
Levei os d' ù veyan sa Señor:
E fiz seu mal, e do meu coraçon,
Por me vengar deles, e por al non.

Ca me non podiam per nulla ren,
Sen veel-o mui bon parecer seu,
Fazer gran mal mas que lles ar fiz eu:
Levei os d' ù a viian por en.
E fiz seu mal &c.

E na sazon que lles eu entendi
Que eles aviam de a veer
Mayor sabor per ome de fazer,
Muy grave foy; levei os dali
E fiz seu mal &c.

E na vengança que deles prendi
Gran mal perfiz a eles e a min.

10.

Nunca coitas de tantas guisas vi
Como me fazedes, Señor, soffrer;
E non vos queredes de min doer;
E vel, por deus, doede vos de mi;
Ca Señor moir' e vedes que me aven.
Se vos alguen ben quer, quero ll' eu mal;
E quero mal quantos vos queren ben.

E os meus ollos con que vos eu vi
Mal quer', e deus que me vos fez veer,

E a morte que me leixa viver,
E mal o mundo, por quant' y naci.
Ca Señor moir' &c.

A' mia ventura quer' eu mal,
E quero mal ao meu coraçon;
E tod' aquesto Señor coitas son:
E quero mal deus; por que me non val.
Ca Señor moir' &c.

E teño que fazo dereite sen
En querer mal quen vos quer mal e ben.

11.

A tal vej' eu aqui ama chamada,
Que dé-lo dia en que eu naci
Nunca tan desguisada cousa vi.
Se por ùa destas duas non é
Por aver nom' assi, per boa fé;
Ou se ll' o dizen por que est amada,

Ou por fremosa ou por ben tallada,
Se por aquest' ama deva seer,
E' o ela podede-lo creer;
Ou se o e' pola eu muit' amar

Ca ben lle quer', e posso ben jurar,
Poil-a vi, nunca vi tan amada;
E nunca vi cousa tan desguisada
De chamar om' ama tal moller;
Tan pastorie sello non du... er.

Por tod' esto que eu, sei que ll' aven;
Por que a vej' a todos querer ben,
Ou por que do mund' é mais amada,
E o de como vos eu disser,
Que pero me deus ben fazer quiser,
Sen ela non me pode fazer nada.

12.

As graves coitas a quen as deus dar
Quer, e o mal d' amor gran ben faria
Se lle desse, pero non lle daria
Con quen ousasse en sas coitas falar;
En tal guisa que ll' o non entendesse
Con quen o falasse, e que se doesse del;
Mais non sei deus se poderia.

Pero sei ben á quant' e' meu coidar
A quen esto desse, ca lle daria
Mais longa vida e que ll' y faria

D' aquellas coitas aver mais vagar;
E non sei al per que sen non perdesse,
Que mais ouvesse, e cedo non morresse;
E per esto cuido que viviria.

E estas coitas eu podia falar,
Come quen as padece cada dia;
Mas non é tempo, ja me valrria
Mais guarde se quen se poder guardar;
E non s' esforçe en Señor que pre..e..e
A mellor nen mellor parecesse
Deste mundo, ca peor ll' y faria.

13.

En tan grave dia Señor fillei
A que nunca Señor chamar ousei
E esta coita nunca eu vi mayor
Morrer, e non ll' ousar dizer Señor;
Ca de pran moiro, querendo lle ben.
Pero non ll' ous' en dizer nulla ren;
Ca dizel-o cuidei, ò a morrer,
E pois la vi non ll' ousei dizer ren;
Ca por mais mia prol teño de morrer.

14.

Señor, por deus que vos fez parecer,
Per boa fe, mui ben, e ben falar,
Que vos non pes' de vos en preguntar
Desto que querria de vós saber,
Se me fazedes por al Señor mal,
Señor, por que vos amo mais ca min, nen (ai,

Per boa fe, nen ca os ollos meus,
E se vos menço, deus non me perdon,
Señor de min e do meu coraçon,
Dizede m' esto, se vos valla deus,
Se me fazedes &c.

Nen ca outr' omen nunca amou moller,
E se por est, mal dia naci;
Mas en pero Señor que sej' assi,
Saber mi o quer' eu de vós, se poder,
Se me fazedes &c.

15.

Com' oj' eu vivo no mundo coitado
Nas graves coitas que ei de soffrer

Non poderia outro ome viver,
Nen eu fezera temp' ay passado,
Mais quando cuid' en qual mia Señor vi,
En tanto viv' e en tanto vivi,
E teño m' end' as coitas por pagado.

En pero, quand' eu en meu cuidado,
Cuido nas coitas que me faz aver,
Coido mia morte, querria morrer;
E coid' en como fui mal dia nado;
Mais quand' ar cuido en qual mia Señor vi,
De quantas coitas por ela soffri,
Muito m' en teño por aventurado.

En seu ben per mi seer loado
No á mester de o ende mas dizer,
Ca deus la fez qual mellor fazer
Soub' en o mund', e ben maravillado
Será quen vir a Señor que eu vi,
Pelo seu ben, e ben dirá per mi
Que ben devi end' a deus a dar bom grado

De quantas coitas por ela soffri,
Se deus mi a mostre como a ja vi,
Sendo con sa madre en un estrado.

16.

Desmentido m' á 'qui un trovador
Do que dixi da ama sen razon,
De cousas pero, e de cousas non;
Mais ù menty quero mi o eu dizer
Ú non dixi o meo do parecer
Que ll' y mui bon deu nostro Señor.

Ca de pran a fez parecer mellor
De quantas outras no mundo son,
E muy mais mansa, e mais com razon
Falar e riir e tod' al fazer;
E fezo lle tan muito ben saber
Que en todo ben é mui sabedor.

E por esto rogo nostro Señor
Que lle meta en o seu coraçon
Que me faza ben, poil-o a ela non
Ouso rogar, e se m' ela fazer
Quisesse ben, non querria seer
Rey, nen seu fillo, nen emperador.

Se per y seu ben ouvesse a perder,
Ca sen ela non pos' eu ben aver
En o mundo, nen de nostro Señor.

17.

Señor e lume destes ollos meus,
Per boa direi vos ùa ren;
E se vos mentir, non me veña ben
Nunca de vós, nen d' outri, nen de deus;
Dè lo dia 'n que vos non vi,
Mia Señor, nunca despoys vi

Prazer nen ren, nen o averei
Se non vir-vos en quant' eu vivo for
Ou mia morte fremosa, mia Señor,
Ca estou de vós como vos eu direi.
Dè lo dia &c.

Per boa fe, se mui gran pesar non,
Ca todo quanto vi me foy pesar,
E non me soube consello fillar;
E direi vos des qual sazon
Dè lo dia &c.

Nen veerei Señer, mentr' eu viver,
Se non vir-vos, ou mia morte, prazer.

18.

Señor o gran mal e o gran pesar
E a gran coita e o grand' affan,
Pois que vos vós non doedes de min,
Que por vós soffro morte, m' e' de pran,
E morte m' e' de m' end' assi queixar,
Tan grave dia Señor que vos vi.

Pois estas coitas eu ei a soffrer
Que vos dixe, mais ca morte m' e';
Pois que vos vós non doedes de min
E morte m' e' Señor per boa fe
A que vós...... a quen a...... er
Tan grave dia Señor que vos vi.

Porque vejo que cedo morrerei
D' aquestas coitas que vos dixi ja,
Pois que vos vós non doedes de min,
Vedes Señor mui grave me será
De o dizer; pero a dizel' ei
Tan grave dia Señor que vos vi.

19.

N' outro dia quando m' eu espedi
De mia Señor, e quando mi ouv' a ir
E me non falou, nen me quis oyr,
Tan sen ventura fui que non morri,
Que, se mil vezes podesse morrer,
Meor coita me fora de soffrer.

Que eu dixi con graça mia Señor
Catou me un pouco e teve mi o en desden,
Porque me non diss o mal nen ben,
Fiquei coitado e con tan gran pavor
Que, se mil vezes &c.

E sei muy ben ù me dela quitei
E m' end' eu fui, e non me quis falar.
Ca pois ali non morri con pesar,
Nunca jamais con pesar morrerei.
Que, se mil vezes &c.

20.

Deus que me oj' eu aguison de vos veer
E que é da mia coita sabedor

El sab' oje que con muy gran pavor
Vos digu eu est', e ja é de dizer:
Moir' eu, e moiro por alguen
E nunca vos mais direi en.

E mentr' eu vi que podia viver
Na mui gran coit' an que vivo d' amor
Non vos dizer ren tive por mellor;
Mais digu'esto pois me vejo morrer:
Moir' eu &c.

E non á no mundo filla de rei
A que d' á tanto devess' a pesar
Nen est' era ydad' om' a fillar;
Por quant' yst' e' que vos ora direi:
Moir' eu &c.

21.

E a mia Señor que tan mal dia vi
Como deus sabe, e mais non direi en
Ora d' aquesto, ca me non conven,
Nen me dè deus ben dela, nen de si;
C' oj' eu mais de ben querri' aver
De saber o mal, e de me teer.

*

E o céu que mi faz ca doo de mi
Averia, e saberia ben
Qual é gran coita, ou quen perde sen,
E non me valla per quen o perdi;
C' oj' eu &c.

E o céu que me faz que tan pret' está
De mi mia morte, como veran,
Muitos que pois mia coita creran,
E pero no me valla quen mi a dá;
C' oj' eu &c.

O céu que me faz e' non o saber
Nunca per mi, nen pelo eu dizer.

22.

Meus amigos, quero vos eu mostrar
Com' eu queria ben da mia Señor
E non valla ela, nen amor,
Nen deus, se vós verdade non jurar:
Ben querria que me fezesse ben;
Pero non ben ù perdesse ela ren.

E mais vos direi o que pod' e val
Me non valla se querria viver

En o mundo, nen ni um ben aver
D' ela nen d' otri, se fosse seu mal,
Ben querria &c.

E a mi somella cousa sen razon;
Pois algun ome mais ama moller
Ca si, nen al seu ben, por seu mal, quer.
E por aquest' é si meu coraçon,
Ben querria &c.

23.

Dizen que digo que vos quero ben
Señor, e buscan con vusco mal;
Mas rog' a deus que pod' e val,
E que o mund' e vós en poder ten.
Se o dixe mal me leixe morrer
Senon Señor, quen vol-o foi dizer.

E veñ' a vós chorando destes meus
Ollos, con vergoña e con pavor,
E con coita que ei desto Señor,
Que vos disseron, e rog' assi a deus
Se o dixe mal &c.

D' ome sei end' outra guisa salvar;
Mas nunca o soub' ome nen moller

Per mi nen vós, e deus se lle prouguer,
Rogu' eu assi quanto posso rogar
Se o dixe mal &c.

E lle faça tal coita soffrer
Qual faz a mi, e non o ouso dizer.

24.

Por deus Señor que vos tanto ben fez,
Que vos fez o parecer e falar
Mellor Señor, e mellor semellar
Das outras donas e de mellor prez;
Avede vós oje doo de min.

E por que son mui ben quitos os meus
Ollos de nunca veeren prazer,
U vós Señor non poderen veer.
Ay mia Señor! por todest' e por deus
Avede vós oje doo de min.

E por que non á no mund' outra ren,
Que esta coita ouvesse a soffrer,
Que eu soffro, que podesse viver,
E por que sodes meu mal e meu ben,
Avede vós oje doo de min.

25.

.... e me guisou de viver
Na mui gran coita mentr' eu vivo for
Quando querer ben tal Señor,
Que me non quer sol dos ollos catar;
Quando a vejo non ll' ouso dizer
Que lle fiz, ou por que me quer matar.

Non me poss' eu queixar con razon
D' amor nen d' outre se me ven a ben
Se non de deus, que me tolle o sen
En me fazer tal Señor muit' amar,
Que me non diz en algùa sazon
Que lle fiz, ou por que me quer matar.

E por aquesto nunca perderei
Ja mui gran coita; pois assi deus quer
Que eu queira mui gran ben tal moller,
E' me dizer ja que morrerei.

26.

Ora poss' eu con verdade dizer,
Señor fremosa, que faço mal sen

En vos amar; pois de vós non ei ben,
Nen attendo d' al mentr' eu vivo for,
Se non ouver de vós ben gran prazer,
O que non poss' aver de vós Señor.

Pois se non dol' deus de mi, nen amor,
Nen vós Señor, que eu sempre servi,
Dè lo dia que vos primeiro vi,
Meu mal fiz, e faço de vos amar
Ca de morrer por vós ei gran pavor
Da coita que me fazedes levar.

Muy gran dereyto faç' en me queixar
De vós Señor, e no meu coraçon,
Que me leyxades morrer sen razon
Por vós, pero me podedes guarir;
E por aquesto podedes osmar
Que muy mal seso faço de vos servir.

Mais non me poss' ende Señor partir
Quant' ei poder de mia morte fogir.

27.

Señor fremosa ja perdi o sen
Por vós, e cuido muy ced' a morrer

Ca vos sei mellor d' outra ren querer
E por boa fé se est' assi for,
Quantos saben que vos eu quero ben,
Dirán que vós me matastes Señor.

E de morrer por vós Señor ben sei
Que me non posso já per ren partir,
Pois que me vós non queredes guarir;
Mays direi vol-o de que ei pavor:
Quantos saben qual amor vos eu ei
Dirán que vós &c.

E da tal pleyto puñad' en guardar
Señor fremosa o vosso bon prez;
Ca se eu moyro por vós esta vez,
Vedes de que vos faço sabedor:
Quantos saben que vos sei muit' amar
Dirán que vós &c.

28.

Señor fremosa ja nunca será
Ome no mundo que teña por ben
Se eu por vós moyro, por que o sen
Perdi, cuidando no bon parecer

Que vos deus deu; poren vos estará
Mal se me ben non quiserdes fazer.

E vós Señor podedes entender
Que est assi que nunca me perdon
Nostro Señor, se mais de coraçon
Vos pud' amar do que vos sempre amei
Des que vos vi, e amo mais morrer
Cuido por vós, se de vós ben non ei.

E se eu moyro por vós muy bem sei
Que vos acharedes ende pois mal,
E por aquesto mia Señor mais val
De me guarirdes de mort' ao meu
Cuidar, ca per al non guarecerei;
Pois deus sobre mi tal poder deu.

E non teñades que vol-o digu' eu
Por al se non por bem vóss', e por meu.

29.

Des oje mais me quer' eu, mia Señor
Quitar de vos mia fazenda dizer,
Per boa fé se o podér fazer,
Pois vejo que avedes gran sabor
Que vos non diga quanto mal me ven

Por vós; pero non poderei per ren
Soffrer a coyta en que me ten amor.

Por vós mia Señor c' á muito de pran
Que vos eu dixe toda mia razon,
E quanto mal soffri a gran sazon,
E qual pavor de mort', e quant' affan
Por vós, e nunca fezestes por mi
Ren; mais non poss' eu soffrer des aqui
Quantas coitas meus cuidados me dan.

Por vós mia Señor que senpr' amarei
Mentr' eu for vivo mais ca min nem al,
Perdi o sen, e soffri muito mal:
E pois vos praz, oje mais soffrerei
De vos non dizer ren; pois prol non mi á
Que vol-o diga; pero ben sei já
Que desta coyta morte prenderei.

Por vós Señor que vi muyt' á
Prenderei morte; pois que deus non á
Dó de min, nen vós que sempr' amei.

30.

Señor fremosa querria saber
De vós que sempre puñei de servir;

Pois vos eu sei mais d' outra ren amar,
Que diredes a quen vos preguntar:
    Pois me podedes de morte guarir
    Señor por que me leyxades morrer.

Pois que m' assi tenedes en poder,
Señor fremosa, dized' ũa ren
Que diredes se vos alguen disser
Que lle digades se vos aprouguer:
    Pois me podedes guarecer muy bem,
    Señor, por que &c.

Pois m' en tal coyta podedes valer
Come de morte se deus vos perdon
Que diredes, fremosa mia Señor,
U vos aquesto preguntado for:
    Pois vos amo muy de coraçon,
    Señor, por que &c.

Poys vos deus fez muyto ben entender,
Señor fremosa que sempre servi
Se vos alguen preguntar esta vez
Que lle diredes por deus que vos fez:
    Pois vos eu amo muyto mays ca mi,
    Señor, por que &c.

31.

Dizedes vós Señor que vosso mal
Seria se me fezéssedes ben,
E non teñ' eu que fazedes bon sen
En me leyxardes en poder d' amor
Morrer, poys eu non quero min, nen al,
A tan gran ben come vós, mia Señor,

Ben me podedes vós leyxar morrer
Se quiserdes, come Señor que ha
End' o mais, sabed' ora ja
Que seria de me guarir mellor;
Poys eu non sei en o mund' al querer
A tan gran ben &c.

Sempre vos eu Señor consellarei
Que me façades ben por me guarir
De mort', e vós devedes mi o gracir;
Ca mal será se por vós morto for,
Poys eu non quis no mund' al, nem querrei
A tan gran ben &c.

Ca nunca dona vi nen veerei
Con tanto ben come vós mia Señor.

32.

Tan muyto mal me ven d' amar
A mia Señor per boa fé
Meus amigos que assi qu' é
Ei a dizer con pesar:
Ao demo comend' amor
E min, se d' amar ei sabor.

Quando me nenbra quanto mal
Meus amigos me d' amor ven
Por qu' eu quero mia Señor ben
Con pesar digo, non con al:
Ao demo &c.

Quando me nenbra o prazer,
Amigos que ouve e perdi,
Per amor, poys mia Señor vi
Con gran pesar ei a dizer:
Ao demo &c.

Pero quero ben mia Señor,
E querrei mentr' eu vivo for.

33.

Mia Señor quantos en o mundo son
Que saben como vos quero gran ben,
E saben o mal que me per vós ven,
Todos dizen que fill' outra Señor
E puñe en partir o coraçon
De vos amar, poys non ei voss' amor.

E mia Señor por vos eu non mentir,
Sen vosso bem non poss' eu guarecer
E poys ll' o non ei sen veja prazer:
Todos dizen que fill' outra Señor
E que me puñe muy bem de partir
De vos amar, poys non ei voss' amor.

Este consello non poss' eu fillar.
Pero m' assi vejo, per boa fe
Morrer per vós, e pero assi é,
Todos dizen que fill' outra Señor,
E que me puñe ben de quitar
De vos amar; poys non ei voss' amor.

Mais esto non quer' eu provar Señor
De me quitar d' atender voss' amor.

34.

A deus gradesco mia Señor
Fremosa que me vos mostrou;
E poys vejo que se nenbrou
De min en quant' eu vivo for,
Non quer' outra Señor fillar
Se non vós se vos non pesar,
Se tanto de vós poss' aver.

Que vos non pes' sempr' andarei
Por voss' om', e servir vos ei
Ca mentr' eu no mund' viver,
Non quer' &c.

Tan muyto vos fez deus de ben
Que se vos prouguer des aqui
Serei voss' om' e vós de mi
Seredes Señor; e por en
Non quer' &c.

Ca non poss' eu desto forçar
Deus, que me vos faz muyt' amar.

35.

Señor fremosa, pois me vej' aqui,
Gradesc' a deus, que vos posso dizer
A coita que me fazedes soffrer,
E deus nen vós non me valedes y:

»Amigo por meu amor e por mi
Soffred' a coita que vos por mi ven,
Ca soffrendo coita se serv' o ben.

Señor fremosa muyto mal levei
Soffrendo tempo, e atendi mellor,
E deus e vós fazedes me peor,
E peor m' e' que quando comecei:

»Amigo por min que vol-a dei
Soffred' a coita &c.

36.

Pois m' en tal coita ten amor
Por vós, dizede me Señor:
Que vos non doedes de min.
En que grave dia vos vi!
Que vos non doedes de min.

E pois m' el en tal coita ten
Por vós, ay! meu lum' e meu ben,
Que vos non &c.

Ay coita de meu coraçon!
Dizede me se deus vos perdon:
Que vos non &c.

Ay lume destes ollos meus!
Dizede mi agora, por deus,
Que vos non &c.

37.

Por deus vos quero rogar mia Señor
Que vos fezo de quantas donas fez
A mais fremosa nen de mellor prez;
Pois todo ben entendedes Señor;
Entendede en qual coita me ten
O voss' amor; por que vos quero ben.

E se o vós mia Señor entender
Esto quiserdes, averedes y
A meu coidar algun dó de mì
Pois vos deus fez tanto ben entender.
Entendede &c.

E mia Señor tempo seria já
De vos nembrardes de mi non leixar
En tan gran coita com' eu viv' andar,
E mia Señor vel por mesura já.
Entendede &c.

38.

Nunc' assi ome de Señor
Esteve com' oj' eu estou.
Ei d' ir ù ela en sabor
Mais d' outra ren, e pois y vou,
Non ll' ouso dizer nulla ren;
Pero lle quero mui gran ben,

E cuido ll' eu sempr' a dizer
Quando a vir per boa fé,
A coita que me faz aver;
E pois que vou ù ela é,
Non ll' ouso &c.

Quanta coita e quant' affan
M' ela no mundo faz levar,
Ben lle cuid' eu dizer de pran;
Mais pois m' ant' ela vej' estar
Non ll' ouso &c.

39.

De mia Señor entend' eu ũa ren;
Ca me quer mal assi deus me perdon;
Mais pero sei en o meu coraçon
Ca mi o non quer; por que lle quero ben.
Ca me non quis nunca nen quer creer
Per nulla ren que lle sei ben querer.

Mais quer me mal polo que vos direi;
Porque me dis ca lle faço pesar
De a veer nunca nen lle falar;
Ca mi o non quer por al, eu ben o sei.
Ca me non quis &c.

E des quand' ela fosse sabedor
Do mui gran ben que ll' eu quis poil-a vi;
Pero me mal ar quisesse de si
Terria m' eu que estava mellor.
Ca me non quis &c.

40.

Quando vos vi fremosa mia Señor
Logo vos oube tan gran ben querer

Que non coidei que ovesse poder
Per nulla ren de vos querer mellor.
    E ora já direi vos que mi aven:
    Cada dia vos quero mayor ben.

E por que vos vi fremoso falar
E parecer, logo vos tant' amei,
Señor fremosa que assi coidei
Que nunca vos podesse mais amar.
    E ora já &c.

Amei-vos tant' ù vos primero vi
Que nunca ome tan de coraçon
Amou moller; e coidei eu enton
Que mayor ben non avia já y.
    E ora já &c.

41.

Tan muit' á ja que non vi mia Señor,
E tan coitado fui poil-a non vi
Que ùa ren sei eu mui ben de mi;
Pero me faz muito mal seu amor:
    A mayor coita de quantas oj' ei
    Perderia se a viss' eu sei.

Pero que m' ela nunca fez o ben,
Nen mi o fará já en quant' eu viver,
Tan gran sabor ei eu de a veer,
Que se a visse sei eu ũa ren:
A mayor coita &c.

E vej' a muitos aqui razoar
Que a mais grave coita de soffrer
Veela ome, e ren non lle dizer;
Mais pero ll' eu non ousasse falar,
A mayor coita &c.

42.

Un dia que vi mia Señor
Quis lle dizer lo mui gran ben
Que ll' eu quer', e como me ten
Forçad' e preso seu amor.
E vi a tan ben parecer
Que lle non pude ren dizer.

Quant' eu puge no coraçon
Me fez ela desacordar;
Ca se ll' eu podesse falar,
Quisera lle dizer enton.
E vi a tan ben &c.

Seu medo poil-a vi a tal
Que ouve me tolleo assi
Ca lle quisera falar y
De como me faz muito mal.
E vi a tan ben &c.

Pero m' ela non ten por seu
Mui gran verdade vos direi:
Meu mal est, e quanto ben ei
E fora pol-o dizer eu.
E vi a tan ben &c.

43.

Tanto faz deus a mia Señor de ben
Sobre quantas no mundo quis fazer,
Que vos direi eu ora que mi aven,
Pero m' eu vejo por ela morrer,
Non querria das outras a mellor
Eu querer ben, por aver seu amor.

E no amar mia Señor, que eu vi
Tan fremosa, e que tan muito val,
E en que eu tanto ben entendi,
Pero que puña de me fazer mal,
Non querria &c.

Pero que dela ni un ben non ei
E assi moir', e me non teñ' poss' eu,
Tan muito val sobre quantas eu sei
Que pois me deus tan boa Señor deu,
Non querria &c.

Ca me faz deus tan boa don' amar
Que me val mais veela ùa vez
Que quanto ben m' outra podia dar,
E poil-a deus tan boa dona fez
Non querria &c.

44.

A mia Señor a que eu sei querer
Mellor ca nunca quis om' a moller,
Poil-a tant' amo e mi o creer non quer
Nostro Señor, que á mui gran poder,
Me dè seu bem se ll' eu quero mellor
Ca nunca quis no mund' om' a Señor.

E se non é non me leixe prender
Por ela morte, ca non m' é mester
D' eu viver mais se seu ben non ouver
Mais deus que pod' a verdade saber,
Me dè seu ben &c.

Por que lle fez as do mundo vencer
De mui bon prez, e do que vos disser,
De parecer mui ben ù estever
Deus que lle fez tan muito ben aver,
Me dè seu ben &c.

45.

Quant' eu mais donas mui ben parecer
Vej' ù eu and', e entendo ca son
Mui boas donas, se deus me perdon,
E quantas donas mais posso veer,
A tant' eu mais desejo mia Señor,
E a tant' entendo mais que é mellor.

E mia Señor a quen a deus mostrar,
U vir das outras as que an mais ben,
Ben verá que cab' ela non son ren;
E quant' eu ouç' as outras mas loar;
A tant' eu mais &c.

E deus Señor que lle tanto ben fez,
Va juntar con quantas no mund á
Das mellores, tant' ela mais valrrá;
E quant' eu vej' as outras mas de prez,
A tant' eu mais &c.

46.

A mia Señor que mui de coraçon
Eu amei senpre des quando a vi,
Pero me ven por ela mal des y,
E' tan boa que deus non me perdon,
Se eu querria no mundo viver
Por lle non querer ben nen a ver.

Pero dela non atend' outro ben
Ergo vèl-a mentr' eu vivo for
Mais por que amo tan boa Señor
Deus non mi amostre quan poder ten,
Se eu querria &c.

Por que desejo de vel-os seus
Ollos tan muito que non guarrei já,
E por que antre quantas no mund' á,
Val tan muita que non me valla deus,
Se eu querria &c.

47.

Os que mui gran pesar viron, assi
Com' eu vejo da que quero gran ben,

Por que sei eu ca morreron por en,
Maravillado me faço per mi;
Pois todo vejo quanto receei,
Como non moiro, se de morrer ei?!

Da mia Señor e do meu coraçon,
Por que me deus já todo fez ver,
Per quant' eu logo devèra morrer,
Maravillo me, e faço gran razon;
Pois todo vejo &c.

Por que cuidava se visse un pesar
De quantos vej' ora de mia Señor,
Que morreria en, pero m' é or
Dereito, faç' en me maravillar;
Pois todo vejo &c.

E pois me non pod' a coita que ei
Nen deus matar, já mais non morrerei.

48.

Que guarir non ei per ren
Se non vir a que gran ben
Quero, ca perco o sen:
Poil-a non vejo me ven

Tanto mal que non sei quen
Mi o tolla, pero mi al den
Mais deus mi amostre por en
Cedo, que a en poder ten.

E se eu mia Señor vir,
A que me toll' o dormir,
Se eu ousasse, pedir
LL' ia logo que guarir
Me leixass' ù servir
Podess' eu mais consentir.
Non mi o querrá nen oyr
Mais leixar-m' á morrer ir.

49.

Qual Señor devia fillar
Quen a ben soubesse escoller
Essa faz a min deus amar,
E essa me tem en poder,
E essa est a mia Señor en;
Essa me faz o mayor ben
Deste mundo desejar.

O seu ben que non ay par
Tan muito a faz deus valer,

Por bon prez, e por ben falar,
Per bon sen, e per parecer,
E da tal dona o seu ben
Non sei oj' eu no mundo quen
O podesse saber osmar.

Nen a mia coita meu coidar
En que m' oj' eu vejo viver
Ca m' ei da tal dona guardar,
De qual me or' oystes dizer,
De a veer, ca se a vir,
Fará m' ela de si partir,
Muy trist' e muit' a meu pesar.

Poren non devia quitar,
Os seus ollos de a veer
A quen deus quisesse guisar,
De ll' o querer ela soffrer.
Por que os quitaria d' y,
Por tal cuita ver com' é mi
Ante se devia matar.

50.

Maravillo m' eu, mia Señor,
De min como posso soffrer

Quanta cuita me faz aver,
Des que vos vi, o vosso amor,
E maravillo me log' y
De vós por leixardes assi
Voss' om' en tal cuita viver.

Aquesto dig' eu mia Señor
Por quanto vos quero dizer
Por que vos fez deus entender,
De todo ben sempr' o mellor.
E a quen deus tanto ben deu,
Devia s' anenbrar do seu
Omen cuitad' e a doer.

De tan cuitado mia Señor
Come oj' eu vivo, que poder
Non ei de gran cuita perder
Por al ja se per vós non for,
E se quiserdes perderei
Cuita per vós ou morrerei,
Ca tod' é en vosso prazer.

Ja mia cuita mia Señor,
Non vol-a ouvera a dizer.
Ante me leixára morrer
Se non por vós que ei pavor

De que teen Señor por mal
De quen a seu ome non val.

E pois podéra de lle valer,
Pois vos outro ben non fal,
Por deus non façades a tal
Torto qual oyredes dizer.

51.

Nostro Señor como jaço coitado
Morrend' assi en tal poder d' amor,
Que me tolleu o sen, e mal peccado,
Al me tolle de que me faz peor:
Tolle-me vós a que non sei rogar
Pol-a mia cuita, nen vol-a sei mostrar:
Assi me ten end' amor obridado.

E grave dia com amor foi nado,
Que me de cuita sempre soffredor
Fez em ar, faz viver tan alongado.
D' ù eu os ollos vi da mia Señor
E d' ù eu vi o seu bon parecer,
Se m' est' a mi podess' escaescer,
Logu' eu seria guarid' e cobrado.

E saberia d' algun mandado
De que oj' eu no soon sabedor;
Mais sei que este desej' e cuidado.
E como morre quen jaz na mayor
Coita d' amor das que eu nunca vi;
E mal pecado moir' oj' eu assi,
De mia Señor longe e desamparado.

E dereit' ca fui mal consellado,
Que lle falei, pero m' ovi en sabor,
Ca entendi que foy tan sen seu grado
Que lle fogi da terra com pavor,
Que ouve dela, e fiz mui mal sen;
Ca non mi avia dizer nulla ren,
Ond' eu nen outre fosse despagado.

52.

Nunca bon grad' amor aja de min
Nen d' al, por que me mais leixa viver
E direi vos por que o dig' assi
E a gran cuita que me o faz dizer:
Ei gran pavor de me fazer levar
Coita longadament, e m' ar matar
Por me fazer ar peor morte prender.

Poren me leixa viver des aqui
Amor, e ben o pod' ome entender;
Ca muit' á que ll' eu morte mereci,
Se dev' ome per amar amorrer.
Mais non me mata, nen me quer guarir;
Pero non m' ei del, pois viria partir,
Non me quer matar a meu prazer.

E d' amor nunca un prazer prendi,
Por mil pesares que m' el faz soffrer;
Ca Señor que eu por meu mal vi,
Non me quer el contra ela valer,
Nen dar m'esforço que m' era mester;
Pois m' esto faz, e matar non me quer,
Por que ll' ei eu tal vida gradecer?

Ca des que m' eu en seu poder meti
Non desejei ben que podesse aver,
Se quer mia morte desejei des y,
Que ant' eu muito soya temer,
E amor non me mata nen me val;
Mais matar m' ia se fosse meu mal,
O eu cuidasse en mia mort' a perder.

53.

Ja mia Señor ni un prazer
Non me fará mui gran prazer,
Sen vosso ben, ca outro ben
Non me fará cuita perder,
Mentr' eu viver, e quen viver
Aver mi-á pois est a creer.

E que mal consello fillei,
Aquel dia en que fillei
Vos por Señor; ca mia Señor
Senpr' eu mia morte desejei:
Meu mal cuidei por que cuidei
D' amar vos, ja mais que farei.

Que farei eu con tanto mal?
Pois vosso ben tod' é meu mal,
Pois est assi, morrer assi
Com om' a que Señor non val
A cuita tal que nunca tal
Ovu outro ome, d' amor nen d' al.

54.

Señor fremosa, pois me non queredes
Creer a cuit' an que me ten amor
Por meu mal, e que tan ben parecedes
E por meu mal vos fillei por Señor,
E por meu mal tan muito ben oy
Dizer de vós, e por meu mal vos vy;
Pois meu mal e' quanto ben vós avedes.

E pois vos vós da cuita non nenbrades,
Nen do affan que m' amor faz prender,
Por meu mal vivo mais ca vós cuidades
E por meu mal me fezo deus nacer,
E por meu mal non morri ù cuidei,
Como vos visse por meu mal fiquei
Vivo, pois vós por meu mal ren non dades.

Desta cuit' an que me vos tenèdes
En que oj' eu vivo tan sen sabor
Que farei eu pois me vós non creedes?
Que farei eu cativo pecador?
Que farei eu vivendo senpre assi?
Que farei eu qu' en mal dia naci?
Que farei eu pois me vós non valedes?

E pois que deus non quer me vallades,
Nen me queirades mia coita creer,
Que farei eu? por deus que mi o digades;
Que farei eu se logo non morrer?
Que farei eu se mais a viver ei?
Que farei eu que consello non sei?
Que farei eu que vós desamparádes?

55.

Quanto me nenbra de vós mia Señor
En qual affan me fazedes viver
E de qual guisa leixades amor
Fazer en mi quanto x' el quer fazer
Enton me cuid' eu de vós aquitar,
Mais vós pois vos vej' e vos ouço falar
Outro cuidad' arei log' a prender.

Por que vos vejo falar mui mellor
De quantas donas sei, e parecer,
E cuid' en como sodes sabedor
De quanto ben dona dev' a saber,
Este cuidado me faz d' estorvar
De quant' al cuid', e non me quer leixar
Partir de vós, nen de vós ben querer.

E quan ar soio cuidar no pavor
Que me fazedes mia Señor soffrer,
Enton cuid' eu en quant' eu vivo for
Que nunca veñ ao vosso poder,
Mais tolle m' en log' aqueste cuidar
Vosso bon prez, e vosso semellar;
E quanto ben de vós ouço dizer.

Mais quen vos ousa mia Señor catar
Deus como pod' o coraçon quitar
De vós, nen os ollos de vos veer;
Nen como pod' al ben desejar,
Se non de vós, que sol oyr falar
En quanto ben deus en vós faz aver.

56.

Muitos me veen preguntar
Mia Señor a quen quero ben;
E non lles quer end' eu falar
Con medo de vos pesar en
Nen quer' a verdade dizer
Mais jur' e faço lles creer
Mentira, por vó-lles negar.

E por que me veen coitar
Do que lles non direi per ren

Ca m' atrev' eu en vos amar;
E mentr' eu non perder o sen,
Non vos en devedes atemer;
Ca o non pod' ome saber
Por min, se non adeviñar.

Nen será tan preguntador
Null' ome que sábia de min
Ren, por que seja sabedor
O ben que vos quix, pois vos vi,
E pois vos praz negal' o ey
Mentr' o sen non perder; mais sei
Que mi o tollera voss' amor.

E se por ventur' assi for,
Que m' ar pregunten des aqui
Se sodes vós a mia Señor
Que amei sempre, e servi,
Vedes como lles mentirei:
D' outra Señor me lles farei,
Onde aja mais pouco pavor.

57.

O que consell' a min de m' eu quitar
De mia Señor, por que me non faz ben

E me por tan poderoso ora ten
De m' en partir, nunca el ouvu amor
Qual oj' eu ei, nen viu esta Señor
Con que amor fez a min començar.

Mais non a viu, e vai mi agora dar
Tal consell', en que perde seu sen;
Ca se a vir ou lla mostrar alguen,
Ben me faç' en d' á tanto sabedor
Que me terá mia morte por mellor
Ca me partir de seu ben desejar.

Ca se el vir o seu bon semellar
Desta Señor, por que mi a mí mal ven
Non mais terá que m' eu possa per ren
Dela partir en quant' eu vivo for,
Nen que m' end' eu teña por devedor
Nen outr' ome que tal Señor amar.

E pois la vir se poder si guardar
De a veer, com' end' a mì aven;
Ben terei eu que escapará en;
Mais d' ùa ren ei ora gran pavor
Des que a vir este consellador
De non poder min, nen si, consellar.

58.

En tal poder fremosa mia Señor
Son de vós cual vos ora direi:
Que ben ou mal en quant' eu vivo for
Qual vos prouguer, de vós atendel' ei;
Ca se me vós Señor fezerdes ben,
Ben me virá de deus, e d' outra ren;
E se me vós quiserdes fazer al,
Amor e deus, log' m' até faran mal.

Que entend' eu fremosa mia Señor,
Mentr' eu vos vir, que nunca prenderei
Gran ben de deus, nen de vós, nen d' amor;
Ca pois vos vejo, de tod' eu ben ey:
E direi vos mia Señor que me aven
Amor de deus, por' end', esforç', e sen,
Mentre vos vejo; mais pois vos non vir,

Esforç' e sen, e deus an me a falir.
E desenton, fremosa mia Señor,
Nunca de deus, nen de mi prenderei
Prazer, nen ben de que aja sabor,
Ca mia Señor de qual guis' averei
Ben deste mundo; pois me for d' aquen
Ca perderei quanto prazer me ven;

Pois vos non vir, e perderei des y
Deus, mia Señor, e o seu ben, e mi.

E direi vos, fremosa mia Señor,
Pois vos non vir quan perdito eu serei:
Perderei sen, e esforço, e pavor
E des y ben, nen mal, non sentirei.
E mia Señor al vos d' ar direi en:
Non me terrá consello que me den
Dano, nen prol, nen pesar, nen prazer;
E por qual guissa m' ei mais perder;

Ca perdud' é Señor a meu cuidar
Quem perde sen, e prazer, e pesar.

59.

Mal consellado que fuy mia Señor
Quando vos fuy primero conoscer,
Ca nunc' ar pudi gran coita perder,
Nen perderei já mentr' eu vivo for,
Nen viss' eu vós, nen quen mi o consellou,
Nen viss' aquel, que me vos amostrou,
Nen viss' o dia 'n que vos fuy veer.

Ca des enton me fez o vosso amor
Na mui gran cuit' an que vivo viver;

E por mi a non leixar escaescer
E mi a fazer cada dia mayor
Faz me Señor, en vós senpre cuidar;
E faz mi a deus por mia morte rogar,
E faz a vós a mi gran mal fazer.

E quen se fez de mi consellador
Que viss' o vosso muy bon parecer,
A quant' eu posso de vós entender,
De mia mort' ouvu, e de meu mal sabor;
E mal peccado non morr' eu poren,
Nen moyro por que seria meu ben,
Nen moyro por que queria morrer.

E por que me seria mui mellor
Morte, ca mais esta coita soffrer;
Pois non mi a' prol de vol-a eu dizer,
Nen vos faz outren por mi sabedor,
Nen me' val ren de queixar m' end' assi,
Nen me val coita, que por vós soffri,
Nen me val deus, nen mi poss' eu valer.

Pero entanto com' eu vivo for
Queixar m' ei senpre de vós, e d' amor:
Pois consell' outro non posso prender.

60.

Señor, pois deus non quer que min quei-
Creer la coita que me por vós ven, (rades
Por deus creede ca vos quero ben,
E já mais nunca m' outro ben façades,
E se mi aquesto queredes creer,
Poderei eu mui gran coita perder;
E vós Señor non sei que y perçades,

En guarirdes vóss' ome que matades,
E que vos ama mais que outra ren:
Por min vos digo que non acho quen,
Me dè consello, nen vós non mi o dades.
Pero deus sabe quan de coraçon
Oj' eu vos amo, e se el me perdon
Desamo mi, por que me desamades.

Per boa fe, mia Señor, e sabiádes
Ca por aquest' ey perdudo meu sen;
Mais se deus quiser que vos dig' alguen
Qual ben vos quero, e que o vós creades,
Poderei en meu sen cobrar des y;
E se a vós prouguer que sej' assi,
Senpre por en boa ventura ajades.

61.

De tal guissa me ven gran mal
Que nunca de tal guissa vi
Vyr a outro, pois nasci,
E direi vos ora de qual
Guissa, se vos prouguer, me ven:
Ven me mal, por que quero ben
Mia Señor e mia natural,

Que am' eu mais ca mì, nen al,
E teño que ei dereit' y
D' amar tal Señor mais ca mi,
E s' eu torto xe se me fal;
Ca eu non devia perder,
Por mui gran dereito fazer;
Mais a mi dereito non val.

E pois dereito, nen Señor,
Non me val' y, e que farei?
Quen mi consello dér, terrei
Que muit' é bon consellador;
Ca ela non mi o quer y dar,
Nen mi ar poss' eu dela quitar,
E qual consell' é 'qui mellor.

Esforçar m' en soffrer pavor
O mellor consell' é que sei,
E en lle dizer qual tortar,
E non ll' o negar pois y for.
E ela faça como vir,
De me matar, ou de me guarir
E averei de qual quer sabor.

62.

Meu Señor deus, se vos prouguer,
Tolled' amor de sobre mi,
E non me leixedes assi
En tamaña coita viver;
Ca vós devedes avaler
A tod' ome que coita ouver.

Ca me seria mais mester,
Ca me ten oj' el' na mayor
Cuit' an que ome ten amor,
E deus, se vos for en prazer,
Sacade me de seu poder,
E pois fazed' mi al querer.

E desque mia Señor non fezer
A coita que devo levar,
Deus nunca por outro pesar

Averei sabor de morrer
O que eu non cuido perder
Mentr' amor sobre mi poder.

63.

Quantos entenden mia Señor
A coita que me por vós ven,
E quan pouco dades por en,
Todos maravillados son
De non poder meu coraçon
Per alguna guisa quitar,
Por tod' esto, de vos amar.

Maravillan se, mia Señor,
E eu deles, por ni un ben
Desejar eu de nulla ren
En o mundo se de vós non,
Se lles deus alguna sazon
Aguisou de vo-ll-es mostrar,
Ou d' oyren de vós falar.

Ca se us viron mia Señor,
Ou vos souberon conoscer,
Deus com ar poderon viver,
En o mundo, ja mais des y

Se non coitados come mi
De tal coita qual oj' eu ei
Por vós, qual nunca perderei.

Nen a perdera mia Señor
Quen vir vosso bon parecer,
Mais converrá ll' en a soffrer
Com' eu fiz des quando vos vi.
E o que non fezer assy
Se dixer ca vos viu, ben sei
De mi ca ll' o non creerei.

Mais cree-ll'-ey a quen leixar
Tod' outro ben por desejar
Vós, que senpre desejarei.

64.

Non ouso dizer nulla ren
A mia Señor e sen seu ben,
Non ei mui gran coita a perder:
Vedes que coita de soffrer.

D' amar a quen non ousarei
Falar; pero non perderei
Gran coita sen seu ben fazer:
Vedes que coita de soffrer.

Por gran coita per' teñ' a tal
D' amar a quen nunca meu mal,
Nen mia coita, ei a dizer:
Vedes que coita de soffrer.

E vejo que moiro d' amor,
E pero vejo a mia Señor,
Nunca o per mi á saber:
Vedes que coita de soffrer.

65.

*Meu Señor, se vos prou*guer
Vós me tollede este poder
Que eu ei de muito viver,
Ca mentr' eu tal poder ouver
De viver, nunca perderei
Esta coita que oj' eu ey
D' amor en o meu coraçon.

Ca mi a faz aver tal moller,
Que nunca mi á ren de fazer,
Per que eu ja possa perder;
Que en quant' eu uvér poder,
Por esto a non poderei

Perder per ren, mais averei
Dela mais, com mui gran razon.

Ca non este cuita d' amor
Úa que ome fillar ven,
Se ome leixa sen seu ben,
Ou sen morte, ou se faz mellor;
Mais semella muit' outro mal,
E quen á esta cuita tal
Macar se morre non lle praz.

66.

Señor fremosa grand' enveja ei
Eu a tod' ome que vejo morrer;
E segund' ora o meu connocer,
En quant' este faço mui gran razon;
Ca ei por vós en o meu coraçon
Tan gran cuita que mil vezes me ten,
Señor, sen fala, et sen todo sen,
E non vos queredes de min doer.

Pero Señor ùa ren vos direi:
Con tod' est' ora non ei eu poder,
Per boa fe de null' enveja aver
A null' ome de quantos vivos son;

Mais faç' eu esto por que sei ca non
Vive null' ome que de vós mais ben
Aja de mi, que non ei dė vós ren,
Se non quant' ora me oystes dizer.

E por que sei tan ben per boa fé,
Que non sei cousa no mundo mellor,
Que já en tanto com' eu vivo for,
Nulla cousa non me pode guardar
D' aquesta coita que levo levar,
Se eu de vós algun ben non ouver;
E o que m' ende guardar non poder
Ja me non pode en al prestar Señor.

Ca esta cuita Señor tan grande,
Com' eu vos dixe já, o é mayor;
E ben creede que non é menor;
E ora por deus, que us fez falar
Mui ben, Señor, e mui ben semellar,
Doede-vos de mi se vos prouguer,
E se o fazerdes, já foy moller
Que xe pensó de sa alma peor.

67.

Señor fremosa, par deus gran sazon
Seria já agora, se en prazer
Vos caesse de quererdes prender
Doo de min; ca ben dè-la sazon
Que vos eu vi e que vusco falei
Deul-o sabe ca nunca desejei
Ben deste mundo, se o vosso non.

Ben desejarei no meu coraçon,
En quant' eu já en o mundo viver;
Ca de pran vos ei mayor ben querer,
De quantas cousas en o mundo son;
E de mais ùa cousa vos direi:
No me quitará ren, eu ben o sei,
E de vos querer assi, se morte non.

Ca de pran, se m' end' ouvesse a quitar,
Nulla cousa, sen morte mia Señor
Quitar-m'end'-ia, o mui gran sabor,
Que vos vejo aver de m' alongar
De vós, mui mais ca outr' ome poren
Mais mia Señor direi vos ùa ren,
Non vos am' eu por vos ar desamar.

*

Ben o creede, mais por vos buscar
Muito serviç' en quant' eu vivo for;
E por que vos fez parecer mellor
Deus d' outra dona, e mellor falar,
E el que vos tal fez, se m' algun ben
Non der de vós, Señor, non me dè sen,
Nen poder de vos por en desamar.

Ca sei eu ben ù otra ren non jaz,
Ca me será mia Señor mais mester
De veer vos, se end' a vós prouguer,
Ca me será o mayor ben que faz
Em este mund' a ome outra moller.

68.

Quen oge mayor cuita ten
D' amor en o seu coraçon
De quantos d' el cuitados son
Nostro Señor lle poña y
Consello, se a el prouguer
A tal per que ll' a tolla en.

Creed' ora en úa ren
Ca non é outren se eu non
Que mi a tive, dè la sazon

Que eu primeiramente vi
Per boa fe, a tal moller,
Que dá mui pouco ora porem.

Mais, pero, en quant' eu viver
Sempre a já mais amarei
D' outra cousa; e rogarei
O mais que eu poder rogar,
A deus que el mi a leixe oyr
Falar, e mi a leixe veer,
Se o ele quiser fazer.

E logo eu cuita sentirei,
Ca inda vos mais direi:
Log' m' averei a quitar
De nunca ja cuita sentir
En os dias que eu viver.
....

69.

Por deus vos rogo mia Señor
Que me non leixedes matar,
Se vos prouguer a voss' amor,
E se me quiserdes guardar
De morte, guardarédes y

Voss' ome se guardardes mi,
E que vos nunca fez pesar.

E se quiserdes mia Señor
Min en poder d' amor leixar,
Matar m' á el, pois esto for;
Ca quen vos vir desanparar
Min, que fuy vosso, pois vos vi,
Terá que farédes assy
Depois a quen s' a vós tornar.

E se me contra vós gran ben
Que vos quero prol non tover
Matar mi á voss' amor por en
E a mi será muy mester.
Ca log' eu coita perderei,
Mas de qual mort' eu morrerei,
Se guarde quen no ben quiser.

E querrá se guardar mui ben
De vós quen mia morte souber;
E teño que fará bon sen.
E se se guardar non poder,
Averá de vós, quant' eu ei,
A tal coita de que ben sei
Que morrerá quen a ouver.

70.

Por deus Señor non me desamparedes
A voss' amor, que m' assi quer matar,
E valla m' y bon sen, que vós avedes,
E deus por que vol' eu veño rogar.
E valla me, fremosa mia Señor,
Coita que levo por vós e pavor,
E valla me quan muito vós valedes.

Valla mi por que non saberedes
Que vos eu nunca mereci pesar,
De que me vós con dereito queixédes;
Ergo se vos pesa de vos amar
E non teñ' eu que é torto nen mal
D' amar ome sa Señor natural,
Ant' é dereit', e vós non l' entendedes.

E mia Señor por deus non me leixedes
Se vos prouguer a voss' amor forçar;
Ca non poss' eu con el mais poder-m'-edes
Vós se quiserdes de força guardar,
De tal guissa como vos eu disser.
Señor fremosa, se vos aprouguer,
Pois m' el por vós força que o forcedes.

E pois vós ambos en poder tenedes
Non me leixedes del forçad' andar;
Ca somos anbos vossos e devedes
A creer quen vos mellor consellar:
E mia Señor cuido que eu serei:
Ca senpre vos por consello darei
Que o voss' ome de morte guardedes.

E fic' amor como deve ficar
Quando vos non quiser augoniar,
De vos matar un ome que avedes.

71.

Tal ome coitado d' amor
Que se non dol' ergo de si
Mais d' outra guissa ven a mi,
Se me valla nostro Señor,
Por gran coita que d' amor ei
Já senpre dó averei,
De quen dele coitado for.

E de quen fillar tal Señor
Que lle non queira valer y
Qual eu fillei que poil-a vi,
Senpre me teve na mayor

Coita das que no mundo sei,
E como me non doerei
De quen da tal vir soffredor?

72.

Ome que gran ben quer moller
Gran dereit' á de trist' andar;
Ca se ll' ela non quer prestar
Al do mundo non ll' á mester,
Mais que mester lle pod' aver
O que lle non pode toller
Tal cuita como sigo ten.

E se est' om' a que deus quer,
Per alguna ment' ir a dar,
Dela ben log' acuidar
Dev' esto, se scient' ouver,
Ca ynda o á de perder,
E creo que dev' a morrer,
Se o cuidar, con pesar en.

E todo ome, que se poder
Per algua guisa guardar
De nunca moller muit' amar,
Fará bom sen, se o fezer;

Que en os dias que viver
Que pesar pode já prender
En o mundo per outra ren!

Mais quen se ende ben guardar quiser,
Guarde se ben de ir a logar
U veja o bon semellar,
Da mia Señor, se lle deus der,
(Que a tal fez) end' o poder,
Ca se o vir logo á d' aver
Mui gran cuita sen neum ben.

73.

Como vós sodes, mia Señor
Mui quite de me ben fazer
Assi m' ar quit' eu de querer,
Al ben en quant' eu vivo for
Se non vós, e sei ùa ren;
Se me vós non fazedes ben
Nen eu non vos fazo prazer.

E per boa fe, mia Señor,
Por quite me teñ' eu d' aver
Vosso ben en quant' eu viver,
Nen al en que aja sabor.

Mais vós en preito sodes en;
Ca me vos non quit' eu por en
De vosso vassalo ser.

E quant' eu prendo, mia Señor,
De vós quero vol-o dizer:
Ei mui gran cuita de soffrer
Ca non prendo de vós mellor;
E pois mi assi de vós aven,
Ome seria eu de mal sen,
Se non puñass' en vos ver.

74.

Vós que mi assi cuitades mia Señor
Que eu me quite de vos ben querer
De pran cuidades que algun poder
Ey eu Señor de me vos en quitar,
Ca vós por al non o ides fazer
Mais a verdad vos quer' eu dizer:
Este poder nunca mi o deus quis dar.

Mais se mi o deus desse ora, mia Señor.
E inda me poderia valer;
Ca logo m' eu quitaria d' aver
Gran cuita, e de vos fazer pesar;

Mais o vosso fremoso parecer,
Que eu por mi non ouvera veer,
Me quitou ja de mi o deus nunca dar.

E quitou-me por senpre, mia Señor,
Per boa fé, de nunca eu saber
Sen ver-vos Señor, que xe prazer,
E Señor non vol-o quer' eu negar,
Se vos de mi non quiserdes doer,
Veer-m'-édes cedo por vós morrer
Ca ja m' end' eu vejo de guis' andar.

E se vos digo pesar mia Señor
Non me devedes en culpa poer;
Ca en tanto com' eu pude soffrer
Mia cuita non vos fuy dela falar,
Nen me soub' en deso entrameter;
Mais non sei ora consello prender
A esta cuit' an que me vejo andar.

75.

Se deus me valla, mia Señor,
De grado querria saber
Se avedes algun sabor

En quanto mal m' ides fazer,
Ca se sabor avedes y
Gran ben per est' é para mi,
Mais poil' eu non sei, que me val?

E sêde ora sabedor
Do que vos eu quero dizer,
Ca me seria mui mellor
De sempre de vós mal prender,
Se sabor ouvessedes y
Ca de prender ja sempre assi
De vós ben, se vos fosse en mal.

E quen mi a mi por de mal sen,
Mia Señor, por esto tever,
Direi ll' eu que faça por en
Non faç' assi se non quiser;
Ca ja eu sempre guardar m' ei
D' aver mais ben do que oj' ei
Se per vosso mandado non.

E deus nunca me neun ben
Dè, se ende a vós non prouguer
Ca nen fará per nulla ren
Se o ante eu saber poder;
Ca de tal ben eu guardar-m' ei,

E com mia cuita me querrei
Compoer co meu coraçon.

76.

Se cuita grande, e de pesar
Non á oj' o meu coraçon
Nulla mingua, si deus m' anpar,
E vedes Señor por que non?
Por que vos vejo en mi perder
Mesura, que tanto valer
Sol' sempre a quen a deus quer dar.

E Señor mais vos direi en
Esso pouco, que eu podér
Viver no mundo, se quiser
Deus, assi viverei por en
(E tan mal dia eu naci)
Por que vós fazedes por mi
Cousa que vos non está ben.

E creo que fará mal sen
Quen nunca gran fiuz' ouver
En mesura d' outra moller,
E direi vos por que mi aven,
Por que me leixades assi

Morrer, e non catades y
Mesura, nen deus, nen al ren.

E mia Señor, a meu cuidar,
Cousa faria sen razon,
Eu se mi assi fuesse cuitar,
Con mia mort' en esta sazon
Que me vós fazedes morrer,
Se podess' en guissa ser
Que mal non vos podesse estar.

77.

Que sen consello que vós mia Señor,
Me en este mundo fazedes viver!
E non atend' eu mao pecado,
De nunca y mais do consell' aver,
Ca me non sei, Señor, sen vosso ben
Niun consell', e viv' assi por en
Sen consello e del' desasperado.

E ora por deus, que vos fez mellor
Falar, e mais fremoso parecer
D' outra dona, e mui mais loado
O vosso prez pelo mundo ser,
Pois a mi contra vós mester non ten

Nulla cousa, dizede me ùa ren:
Que farei eu desaconsellado?

E ja m' end' eu ben soon sabedor,
Macar mi o vós non queirades dizer,
Morrer cativo desamparado
E mia Señor non vos dev' a prazer,
Ca pois eu morrer log' dir' alguen:
Señor fremosa por que, e por quen,
Eu fuy assi á mort' achegado.

E já en tanto com' eu vivo for
Per boa fé, ben me dev' ateer
Por ome mui desaventurado,
Señor por que me vos deus fez ver,
E non por esto que me por vós ven,
Mais por que vejo que é vosso sen
Per meu preito mal enbaratado.

78.

Tanto me senç' ora ja cuitado
Que eu ben cuido que poder non aja ren
De me valer, ca esta cuita mao pecado
Tal me ten ja que non ei eu sen

De me temer de neun mal,
Nen ar desejar neun ben.

E pero nunca foi en pensado
Que podesse eu per ren veer
O que me faz tal cuita aver,
Por que en esto soon chegado;
E inda vos mais direi en:
Nunca del prax, por quanto mal
Eu por el prendo, neun ben.

Ca nunca eu vi, des que fuy nado,
Amor, nen prendi del prazer,
Nen-o cuido nunca prender
Del nen d' al, ca non é ja guisado,
C' amor de pran ja m' en guisa ten
Que me non pode nuzer mal
Deste mundo, nen prestar ben.

E assi faz mi desamparado
Amor en o mundo viver
De quanto ben deus quis fazer,
E per boa fé ja pelo grado
De mia Señor, per que m' est' aven;
Seu amor non faria mal
A null' ome nado, nen ben.

79.

Quero vos eu Señor gran ben,
Non ei al de vós se non
Muito mal, si deus me perdon;
Pero direi vos ùa ren:
Todo vol-eu cuid' a soffrer
Se m' end' a morte non toller.

E crede que a min é
Este mal que me vós levar
Fazedes de mia morte par;
Pero Señor per boa fé,
Todo vol-eu &c.

E pois por ben que vos eu sei
Querer me fazedes assi
Viver, tan mal dia vos vi;
Pero verdade vos direi
Todo vol-eu &c.

80.

Agora m' ei eu apartir
De mia Señor, et a ver ben

Me partirei pola non vir,
Mais per que me aqueste mal ven
En tamaña cuita será
Poren comigo, que morrerá;
E non se pode guardar en.

E pois me dela faz partir,
Non lle quero ja soffrer ren,
Nen quer' eu ela consentir
Quanto mal me faz; e poren
Un vasalo so que á,
De pran de morte perdel' á,
Por esta cuita en que me ten.

Pero sei eu ca ren non dá
Ela por esto me perder;
Mais per sa morte saberá
E se ll' eu podesse al fazer
Por aqueste mal que me faz,
Al lle faria mais non praz
A deus de m' en dar o poder.

E pois me deus poder non dá
De me per al ren defender,
Esta verei a fazer ja,
E ela ben pod' entender

Que esta morte ben me jaz;
Ca non poss' eu viver en paz
En quanto ll' est' ome viver.

81.

Muitos dizen que perderán
Coita d' amor sol per morrer
E s' é verdade ben estan:
Mais eu non' o posso creer
Que ome perderá per ren
Coita d' amor, sen aver ben
Da dona que ll' a faz aver.

E os que esto creud' an,
Deus, e que queren mais viver,
Pois que dali ben non estan
Onde querrian ben prender,
E sobejo fazem mal sen,
Ou de pran amor non os ten
En qual coita mi faz soffrer.

Ca se eles ouvessen tal
Coita qual oj' eu ei d' amor,
Ou soffresen tan muito mal
Com' eu soffro por mia Señor,

Log' averan a querer
Mui mais sa morte c' atender
De viveren tan sen sabor

Com' oj' eu viv', e non por al,
E por esto soffro a mayor
Coita do mundo e mayor mal;
Por que non soon sabedor
D' aquesto que ouzo dizer,
E esto me faz defender
De morte, e non d' outro pavor.

82.

Non teñ' eu que coitados son
D' amor (a tal est o meu sen)
Aqueles que non an seu ben,
E que teen a tal razom
Que poden sa coita perder
Qual deles quer quando morrer;
Por que non morre log' enton.

Mais de pran algùa sazon
An esses sabor d' outra ren,
E queren xe viver poren;
Ca por al ben teñ' eu que non

Querriam ja sempre viver
Por tamaña cuita soffrer,
Qual soffr' eu no meu coraçon.

E deul-o sabe con pavor
Viv' e soffr' esta cuita tal
Que ei de soffrer por gran mal,
E teñ' aquesto por mellor
D' eu soffrer cuita e veer
A mia Señor, e atender
De poder ir ù ela for.

Ca no son eu sabedor
De per mia morte nen per al
Perder cuita, se me non val
A mui fremosa mia Señor,
E deus se me quiser valer
Por mi, poil-a ten en poder,
Fará ll' aver coita d' amor.

83.

Puñei eu muito en me guardar
Quant' eu pude de mia Señor
De nunc' an seu poder entrar;

Pero forçou mi o seu amor
E seu fremoso parecer,
E metero' m' en seu poder
En que estou a gran pavor

De morte, com' en desejar
Ben o sabe de ulla mellor
Dona do mund', e non ousar
Falar con ela, e mayor
Coita nunca vi de soffrer:
Ca esta nunca dá lezer;
Mais faz cada dia peor.

Ca todavia creç' o mal
A quen amor en poder ten,
Se non é sa Señor a tal
Que lle queira valer por en;
Mais a tal Señor eu non ei,
Nen a tal dona nunc' amei,
Onde gañar podesse ren;

Se non gran coita, e non al,
E por esto perdi o sen,
Por tal dona que me non val,
E pero non direi por quen:
Mais per muitas terras irei

Servir outra, se poderei
Negar esta que quero ben.

84.

Ja meu Señor ouve sazon
Que podera sen vós viver
U vos viss', e ora non
Ei eu ja daquesto poder;
Pois outro ben Señor non ei
Se non quanto vos vej' e sei
Que mi o quererdes ja toller.

E se vós avedes razon,
Señor, de m' este mal fazer,
Mandade m' ir, e logu enton
Poderedes dereit' aver
De min', qual vos ora direi:
Ir m' ei d' aquend' e morrerei,
Señor, pois vos praz d' eu morrer.

E se quiserdes soffrer
Este pesar, por deus, Señor,
Que vos eu faç' en vos veer,
Cuid' eu fariades mellor
Que fazedes de m' alongar

D' ù vós sodes, e me matar;
De pran morrerei se m' en for.

Non-o queredes vós creer
Ca nunca soubestes d' amor
Mais deus vol-o leixe saber
Per mi Señor, e qual sabor
Eu ei de convusco falar,
Vos faz aver de m' ascuitar
E toll' ami de vós pavor.

85.

Se eu a mia Señor ousasse
Por algùa cousa rogar,
Rogaria que me leixasse
Ú ela vivesse morar;
E rogar-l'-ia outra ren,
Que o pesar que ouvesse en
Que todavia mi o negasse.

Por deus e que de min pensasse,
De que nunca quiso pensar,
E de mia cuita se nenbrasse,
De que se nunca quis nenbrar,
Nen deus que mi a fes tan gran ben

Querer, per que perdi o sen,
E nunca quis que o cobrasse.

E se m' ela por deus mandasse
O que me nunca quis mandar,
Que me non fosse, e que ficasse
Ali ù ela ouvess' estar,
A mui gran coit' an que me ten
Lle perdoasse deus poren,
E mais se ll' ela mais rogasse.

E coid' eu que perdoasse
Se quisess' ela perdoar
A mi, e non quant' al achasse
Que ll' eu fige, se non cuidar,
E se ll' esto disser alguen
Que este mal digu lle quen
Quis deus fazer que non cuidasse.

86.

Señor fremosa fui buscar
Conself', e non o pud' aver
Contra vós nen me quis valer
Deus a que fui por eu rogar;
E pois consello no achei,

E en vosso poder fiquei,
Non vos pes' ja de vos amar.

Por deus e se vos en pesar
No mi o façades entender,
E poder-m'-edes defender
De gran cuita por mi o negar:
E mia fazenda, vos direi
Por ben pagado me terrei,
Se me quiserdes engañar.

Tan vil vos serei de pagar,
Se o vós quiserdes fazer,
Por deus que vos ten en poder,
Ou se me quiserdes matar;
Poderedes ca me non sei
Consell' aver nen viverei,
Per boa fe se us pesar.

A gran coita me faz jurar
D' amor, que non posso soffrer,
E faz mi a verdade dizer
De que eu nunc' ousei falar
De gran cuita, que por vos ei;
Mais vejo já que morrei,
E quero m' ant' aventurar.

87.

Con vossa coita mia Señor
Ja de tod' al cuita perdi,
Ca toda me ven assi:
Desto seed' sabedor,
Que non pod' ome coita aver
Que non aja log' a perder
Desque ll' outra chega mayor.

E por aquesto mia Señor,
Des aquel dia que vos vi,
D' outra gran coita me party;
Assi me coitou voss' amor
Que me fez tod' escaecer
A tan muit' ouve que veer
Na vossa, que me faz peor.

88.

Muito per' dev' agradecer
Segund' agora a meu cuidar
A deus a quem faz ben querer
Señor con que pode falar
En lle sa coita descobrir,

Mais este ben por non mentir
Non vol-o quis ela a min dar.

Mais fez m' a tal Señor aver
De quen ouve sempre aguardar,
Des que a vi, de m' entender
Qual ben lle quero, e de provar
Se me queria, sentir
Quan pouco quer sol de mi oir
A cuita que me faz levar.

Ca ja toda per nulla ren
Non o poderia saber
Per mi, nen ar sei oj' eu quen
Mi a toda podesse creer,
Mentre me viss' assi andar
Viv' antr' as gentes e falar,
E da tal coita non morrer.

De qual desejando seu ben,
Me faz o seu amor soffrer:
Ca de menor morreu já 'lguen,
Mais deus me faz assi viver
En tan gran coita por mostrar
Per mi, ca xe pod' acabar
Quant' el no mundo quer fazer.

89.

Desejand' eu vós mia Señor
Seguramente morrerei,
E do que end' estou peor,
É d' ùa ren que vos direi:
Que sei de pran que pois morrer
Averei gran coita soffrer
Por vós como mi agora ei.

E poren, e por voss' amor
Ja senpr' eu gran coit' averei
Aqui en quant' eu vivo for;
Ca des quand' eu morrer ben sei
Que non a ei nunca perder,
Pois vosso ben non poss' aver
Ca por al non o perderei.

Por quantas outras cousas son,
Que deus no mundo fez de ben,
Polas aver eu todas non
Perderia coita poren;
E pode-la já perder
Mia Señor, sol por vos veer
En tal que a vós prougess' en.

Ora vos digu' eu a razon
De como me de vós aven,
Ca deul-o sab' a gran sazon,
Que desejei mais d' outra ren,
Señor, de vos esto dizer;
Pero non o ousei fazer
Erg' ora pois me vou d' aquen.

90.

Já foy sazon que eu cuidei
Que me non poderí' amor,
Per nulla ren, fazer peor
Ca me faz y enton, e sei
Agora já d' el ùa ren,
Ca ja m' en mayor coita ten
Por tal dona que non direi

Mentr' eu viver; mais guardar m' ei
Que mi o non sabia mia Señor
C' assi estarei dela mellor;
E dela tant' end' averei
En quanto non soberen quen
Est a dona que quero ben
Algùa vez a veerei.

Mais grand med' ei de me forçar
O seu amor quando a vir;
De non poder dela partir
Os meos ollos, nen me nenbrar
De quantos me enton averán,
Que sei ca todos puñarán,
En a saber a meu pesar.

E averei muit' a jurar
Pola negar, e a mentir,
E puñarei de me partir
De quen me quis perguntar
Por mia Señor, que sei de pran
Ca dos que me perguntarán
E dos outros m' ei a guardar.

91.

Ben o faria se nenbrar
Se quisesse ja mia Señor
Como mi á tort' a desamor,
E mi quisesse perdoar;
Ca nunca ll' eu mal mereci,
Mais fez mi a deus des que a vi,
Sen o meu grado muit' amar.

Pero lle nunca mal busquei
Ei ll' ora de buscar perdon,
Ca me quer mal de coraçon;
E non osm' oj' eu nen o sei
Per que me lle possa salvar,
Que lle nunca fize pesar;
Mais non quer oir mia razon,

E macar me quisesse oyr,
Non ll' ousaria y falar;
E por esto non poss' osmar,
Ren per que eu possa guarir;
Ca non ei d' outra ren sabor
Ergu' en viver ù ela for;
E desto m' ey sempre a guardar.

E guardar m' ei de a veer;
Pero non desejo muit' al;
Mais se me deus cedo non val,
Muit' ei gran coita de soffrer,
Pois m' ela perdoar non quer,
Deul-o sabe m' é mui mester
Oy mais mia morte, ca viver.

92.

Pois deus non quer que eu ren poss' aver
De vós Señor se non mal e affan,
E os meus ollos gran coita que an
Por vós Señor, se eu veja prazer,
Ir m' ei daqui, pero ùa ren sei
De min, Señor, ca ensandecerei.

E mia Señor fremosa, de bon prez,
Pero que vos amo mais ca min, nen al,
Pois deus non quer que aja se non mal
De vós, par deus que vos muito ben fez,
Ir m' ei daqui &c.

E pero vos amo mais d' outra ren',
Señor de mi e do meu coraçon,
Pois deus non quer que aja se mal non
De vós Señor, assi deus me dè ben,
Ir m' ei daqui &c.

Por vós que eu muit' am' e amarei
Mais de quant' al vejo, nen veerei.

93.

Quant' eu de vós mia Señor receei
Aver del-o dia en que vos vi,
Dizen mi ora que mi o aguis' assi
Nostro Señor como m' eu receei;
De vos casaren; mais sei ùa ren;
Se assi for que morrei por en.

E senpr' eu mia Señor, esto temi
Que m' ora dizen; de vos aveer
Desque vos soube mui gran ben querer;
Per boa fe, senpr' eu esto temi;
De vos casaren &c.

E senpr' end' eu Señor òuvi pavor
Desque vos vi, e convusco falei,
E vos dix' o grand' amor que vos ei
E mia Señor da quest' ei eu pavor;
De vos casaren &c.

94.

Señor que eu por meu mal vi,
Pois m' eu de vòs a partir ei,

Creede que non á en min
Se non mort' ou ensandecer;
Pois m' eu de vós a partir ei,
E ir allur sen vós viver.

Pois vos eu quero muy gran ben,
E me de vós ei aquitar,
Dizer vos quer' eu ùa ren
O que sei no meu coraçon,
Pois me de vós ei a quitar:

E mal dia naci Señor;
Pois que m' eu d' ù vós sodes, vou;
Ca mui ben soon sabedor
Que morrerei ù non jaz al;
Pois que m' eu d' ù vós sodes, vou.

93.

A mayor coita que eu vi soffrer
D' amor a null' ome desque naci
Eu mi a soffro e ja que est assi,
Meus amigos, assi veja prazer,
Gradesc' a deus, que me faz a mayor
Coita do mund' aver, por mia Señor.

E ben teñ' eu que faço gran razon
Da mayor coita muit' a deus gracir,
Que m' el dá por mia Señor, que servir-
Ei mentr' eu viver; mui de coraçon
Gradesc' a deus &c.

E por mayor ei eu per boa fé
Aquesta coita de quantas fará
Nostro Señor, e por mayor mi a dá
De quantas fez; e pois que assi é
Gradesc' a deus &c.

Pois que mi a fez aver pola mellor
Dona de quantas fez nostro Señor.

96.

Nostro Señor que eu sempre roguei
Pola coita que m' amor faz soffrer,
Que mi a tollesse, e non quis toller,
E me leixou en seu poder d' amor,
Des oge mais sempre ll' eu rogarei,
Pois ei gran coita que me dè mayor.

Con que moira, ca mui gran sabor ei
Per boa fe de mais non guarecer;

Pois s' el nunca de mi quiso doer,
E me faz viver sempr' a gran pavor
De perdel-o sen, mais ja graci-ll'-ei,
 Pois ei gran coita que me dè mayor,

Se ll' aprouguer mui cedo, ca non sei
Oj' outra ren con que visse prazer;
Pois m' el non quis nen quer del defender,
E de meu mal ouve tan gran sabor,
Mentr' eu viver, sempre o servirei,
 Pois ei gran coita que me dè mayor,

Con que moira ca de pran al non sei,
Que me possa toller coita d' amor.

97.

Muitos vej' eu per mi maravillar
Porque eu pedi a nostro Señor
Das coitas do mundo sempr' a mayor,
Mais se soubessen o meu coraçon
No me cuid' eu que o fossen provar,
Ante terrian que faço razon.

Mais por que non saben meu coraçon
Se van eles maravillar per mi;

Por que das coitas a mayor pedi
A deus qu' á de mi a dar gran poder,
Mais eu pedi-ll'-a-ey toda sazon
Ata que me dè en quant' eu viver.

El que á de mi a dar mui gran poder
Mi a dê; pero se maravillan en
Os que non saben meu coraçon ben,
Por que a peço ca m' é mui mester
De mi a dar el que o pode fazer,
Per boa fé se o fazer quiser.

E se el sabe que m' é mester
De mi a dar, el mi á dè se ll' aprouguer.

98.

Señor o mal que m' a min faz amor
E a gran coita que me faz soffrer
A vól-o devo muit' agradecer,
E a deus, que me vos deu por Señor,
Ca ben vos faço desto sabedor
Que por al non mi o podia fazer,

Se non per vós, que avedes sabor
Do mui gran mal, que mi a min faz aver,

E pois vos praz, vós lle dades poder
De me fazer, fremosa mia Señor,
O que quiser en quant' eu vosso for,
E vos de min non quiserdes doer.

E da gran coita de que soffredor
Foy, e do mal muit' a sen meu prazer
A vós dev' en mui grand' apoer;
Ca non me dè deus de vós ben Señor
Que me pod' amparar de seu pavor,
Se oj' eu sei al por que o temer;

Mais por deus, que vos foy dar o mayor
Ben, que eu d' outra dona oy dizer,
Que me non leixedes escaecer
En me lle non deffenderdes Señor;
Ca ben coido de com' é traedor
Que me m' a dè cedo, e pois non querer

Gracir vol-o, pois que eu morto for;
E por quanto ben vos deus fez Señor
Guardade vos de tal erro prender.

99.

Meus amigos muito me praz
Que entend' ora que me quer matar,
Pois mi a min deus non quis, nen
Mia Señor, a que roguei de me d' el
Amparar; e poren quanto m'el quiser matar
Mais cedo, tanto ll' o mais gracirei

Ca ben me pode partir da mayor
Coita de quantas eu oy falar,
De que eu foy muit' y á soffredor,
Esto sabe deus, que me fuy mostrar
Úa dona que eu vi ben falar
E parecer por meu mal, e o sei,

Ca muit' y á que avia pavor
De perder o sen con mui gran pesar
Que vi depois, e poren gran sabor
Ey de mia morte, se mi a quiser dar
Amor, e a que me fez gran pesar
Veer d' aquella ren, que mais amei.

Mais esso pouco que eu vivo for;
Pois assi é, no me quero queixar

Deles, mais el seja seu traedor
Se me non mata, pois non poss' achar
Que me ll' ampare, e se me del queixar
Deus non me valla, que eu mester ei.

100.

Mui gran poder á sobre min amor;
Pois que me faz amar de coraçon
A ren do mundo que me faz mayor
Coita soffrer, e por tod' esto non
Ouso pensar sol de me queixar en;
Tan gran pavor ei que mui gran ben
Me lle fezesse, por meu mal, querer.

E no mi á prol este pavor aver,
Pois cada dia mi a faz mui mellor
Querer, por mal de min, e por fazer
Me prender mort' en cab, e pois sabor
Á de mia morte, rogá'-ll'-ei que non
Mi a tarde muito, ca mui gran sazon
Á que a quis, e desejei poren.

Pois ja entendo que guisado ten
Amor mia morte, non pode seer
Que me non mate, sei eu ùa ren;

Que me val mais log' y morte prender
Que viver coitad' en mui gran pavor;
Ca non averei pois eu morto for,
Tal coita qual ei no meu coraçon.

E quen soubesse como me vai, non
Terria que eu soon de bon sen
En me leixar viver; ca sen razon
Me dá tal coita d' amor, que me conven
A viver trist' e sen todo prazer;
E me conven tal affan a soffrer,
Que mayor non fez nostro Señor.

101.

Ora non moiro, nen vivo, nen sei
Como me vai, nen ren de mi se non
Á tanto que ei en o meu coraçon
Coita d' amor, qual vos ora direi;
    Tan grande que me faz perder o sen,
    E mia Señor sol non sab' en de ren.

Non sei que faço nen ei de fazer,
Nen en que ando, nen sei ren de mi,
Se non á tanto que soffr' e soffri
Coita d' amor, qual vos quero dizer:
    Tan grande que &c.

Non sei que é de mì nen que será,
Meus amigos, nen sei de min ren al,
Se non á tanto que eu soffr' a tal
Coita d' amor, qual vos eu direi ja:
Tan grande que &c.

102.

Par deus Señor en gran coita serei,
Agora quando m' eu de vós quitar,
Ca me non ei d' al no mundo a pagar
E mia Señor gran dereito farei;
Pois eu de vós os meus ollos partir,
E os vossos mui fremosos non vir.

E ben mi o per devedes a creer
Que me será mia morte min mester
Des quando vos eu veer non poder,
Nen deus Señor non me leixe viver;
Pois eu de vós &c.

Pero sei m' eu que me faço mal sen
De vos amar, ca des quando vos vi,
En mui gran coita fuy Señor des y;
Mais que farei ay meu lum' e meu ben!
Pois eu de vós &c.

E pois vos deus fez parecer mellor
De quantas outras en o mundo son,
Por mal de mi e do meu coraçon
Com' averei ja do mundo saber;
Pois eu de vós &c.

103.

Ora vej' eu que me non fará ben
A mia Señor, pois me mandó dizer
Que me partisse de a ben querer;
Pero sei eu que lle farei poren:
Mentr' eu viver senpre lle ben querrei
E senpre ja Señor chamarei.

104.

Que prol vos á vós mia Señor
De me tan muito mal fazer,
Pois eu non sei al ben querer
No mundo, nen ei d' al sabor,
Dizede me que prol vos á.

E que prol vos á de fazer
Tan muito mal a quen vóss' é

Non vos á prol per boa fé;
E mia Señor se eu morrer,
Dizede me que &c.

Que prol vos á d' eu estar
Sempre por vós grand' afan,
E este mui grande de pran;
E pois mi o voss' amor matar,
Dize me que &c.

E vós lume dos ollos meus
Oyr-vos-êdes mal dizer,
Por min se eu por vós morrer;
E Señor por l' amor de deus
Dizede me que &c.

105.

Quer' eu a deus rogar de coraçon
Com' ome que é cuitado d' amor
Que el me leixe veer mia Señor
Mui ced', e se m' el non quiser oyr,
Logo ll' eu querei outra ren pedir:
Que me non leixe mais
En o mundo viver.

E se m' el á-de fazer algun ben,
Oyr-mi-á questo que ll' eu rogarei,
E mostrar mi á quanto ben no mund' ei,
E se me o el non quiser amostrar,
Logo ll' eu otra ren querrei rogar:
Que me non leixe &c.

E se m' el amostrar a mia Señor,
Que am' eu mais ca o meu coraçon,
Vedes o que lle rogarei enton:
Que me dé seu ben que m' é mui mester;
E rogá-ll'-ei que se o non fezer,
Que me non leixe &c.

E rogá'-ll'-ei se me ben á fazer,
Que el me leixe viver en logar,
Ú a veja, e lle possa falar;
Por quanta coita me por ela deu;
Se non vedes que lle rogarei eu:
Que me non leixe &c.

106.

Quando mi agora for e mi alongar
De vós Señor; e non poder veer

Esse vosso fremoso parecer,
Quero vos ora por deus preguntar:
    Señor fremosa, que farei enton?
    Dized', ay coìtado meu coraçon!

E dizede me en que vos fiz pesar,
Por que mi assi mandades ir morrer,
Ca me mandades ir allur viver,
E pois m' eu for, e me sea vós achar,
    Señor fremosa &c.

E non sei eu como possa morar,
Ú non vir vos, que me fez deus querer
Ben, por meu mal, poren quero saber
Quando vos non vir nen vos falar,
    Señor fremosa &c.

107.

Que ben que m' eu sei encobrir
Con mia coita, e con meu mal,
Ca mi o nunca pod' ome oyr
Mais que pouco que mi o á mui val;
Ca non quero eu ben tal Señor
Que se teña por devedor,
Algùa vez de mi o gracir.

Pero faça como quiser
Ca senpre a eu servirei,
E quanto a negar poder
Todavia negal-a-ey;
Ca eu por que ei a dizer,
O por que m' ajan de saber
Qu' en gran sandece comecei.

E de que me non aquitar
Nulla cousa se morte non,
Pois deus que mi a fez muit' amar
Non quer nen o meu coraçon,
Mais a deus rogarei poren
Que me dê cedo dela ben,
Ou morte se m' est' adurar.

E ben dev' eu ant' a querer,
Mia morte ca viver assi,
Pois me non quer amor valer,
E a que eu senpre servi
Me desama mais d' outra ren;
Pero fui ome de mal sen,
Porque d' ũ ela é say.

108.

Ay eu, de min que será
Que fuy tal dona querer ben
A que non ouso dizer ren
De quanto mal me faz aver,
E feze a deus parecer
Mellor de quantas no mund' á.

Mais en grave dia naci,
Se deus consello non m' y der,
Ca destas coitas qual xe quer
M' é mi mui grave d' endurar;
Como non ll' ousara falar
E ela parecer assi.

E a que deus fez por meu mal,
Ca ja ll' eu senpre ben querrei,
E nunca end' atenderei
Con que folg' o meu coraçon,
Que foy trist' ay gran sazon
Polo seu ben, ca non por al.

109.

Ey mia Señor ù non jaz al
Averei mui ced' a morrer,
Pois vosso ben non posso aver,
Mais direi-vos do que m' é mal:
De que seredes mia Señor
Fremosa, de min pecador.

E praz me si deus me perdon
De morrer, pois ensandeci,
Por vós que eu por meu mal vi,
Mais pesa me de coraçon
De que seredes &c.

E de morrer m' é mui gran ben,
Ca non poss' eu mais endurar
O mal que mi amor faz levar,
Mais pesa-me mais d' outra ren
De que seredes &c.

110.

Pois naci nunca vi amor
E ouço del senpre falar,

Pero sei que me quer matar,
Mais rogarei a mia Señor
Que me mostr' aquel matador
Ou que m' ampare d' el mellor.

Pero nunca ll' eu fige ren,
Por que m' el aja de matar,
Mais quer' eu mia Señor rogar
Polo gran med' en que me ten.
Que me mostr' &c.

Nunca me ll' eu ampararei
Se m' ela del non amparar,
Mais quer' eu mia Señor rogar
Polo gran medo que del ei,
Que me mostr' &c.

E pois amor á sobre min
De me matar tan gran poder
E eu non' o posso veer,
Rogarei mia Señor assi;
Que me mostr' &c.

111.

Preguntan me por que ando sandeu,
E non lle lo ouso dizer quer' eu
ja mais negar
E pois me deles non poss' amparar,
Nen me leixan encobrir, com meu mal,
Direi lles eu a verdade, e non al:
Direi-lles ca ensandeci
Pola mellor dona que vi.

Nen mais fremosa lles direi de pran,
Ca lles non quero negar nulla ren
De mia fazenda, ca lles quero ben,
Nen pola que oj' eu sei mais de prez;
E se m' ar perguntaren outra vez:
Direi-lles &c.

E deul' o sabe quan grav' a mi é,
De lles dizer o que senpre neguei,
Mais pois me coitan dizer-lle-la-ei
A meus amigos, e a outros non,
Mui gran verdade si deus me perdon:
Direi-lles &c.

E se a elles virem creran
Ca lles dig' verdade ù al non á,
E leixar-m' an de me preguntar já;
E se o non ar quiseren fazer,
Queré-lles-ei a verdade dizer:
Direi-lles &c.

112.

Tan muyto vos am' eu Señor
Que nunca tant' amou Señor
Ome que fosse nado,
Pero des que fuy nado
Non pud' aver de vós Señor,
Por que dissess': Ay! mia Señor,
En bon pont' eu fuy nado!
Mays quen de vós fosse Señor,
Bon dia fora nado.

E o dia que vos eu vi,
Señor, en tal ora vos vi,
Que nunca dormi nada
Nen desejei al nada
Se non vosso ben, poys vos vi.
E dig' a mi por que vos vi,
Poys que me non val nada,

Mal dia nad' eu que vos vi,
E vós bon dia nada.

Ca se vos eu non viss' enton,
Quando vos vi, poderiades enton
Seer d' afan guardado;
Mays nunc' ar fuy guardado
De muy gran coita des enton;
E entendi m' eu des enton,
Que aquel é guardado,
Que deus guarda; ca des enton
E' tod' ome guardado.

113.

Se eu podesse desamar
A que me senpre desamou,
E podess' algun mal buscar
A quen me senpre mal buscou,
Assi me vingaria eu:
Se eu podesse coita dar
A quen me senpre coita deu.

Mais non poss' eu enganar
Meu coraçon que m' enganou;
Por quanto me fez desejar

A quen me nunca desejou,
Et por esto non dòrmio eu;
Por que non posso coita dar
A quen me senpre &c.

Mais rog' a deus que desampar
A quen m' assi desanparou;
Uel que podess' en destorvar
A quen me senpre destorvou;
E logo dormiria eu,
Se eu podesse coita dar
A quen me senpre &c.

Uel que ousas' en preguntar
A quen me nunca preguntou,
Por que me fez en si cuidar,
Poys ela nunc' en mi cuidou
E por esto lazeiro eu,
Por que non poss' eu coita dar
A quen me senpre &c.

114.

Agora me part' eu muy sen meu grado
De quanto ben oge no mund' avia,

C' asi quer deus e máo meu pecado.
Ay eu! de mais se me non val Santa Maria
D' aver coita muita teñ' eu guisado,
E rog' a deus que mais d' oj' este dia
Non viva eu, se m' el y non consello.

Non viva se m' el y non dá consello
Nen viverei, nen é cousa guisada
Ca poys non vir meu lum' e meu espello;
Ay eu! ja por mia vilda non daria nada,
Mia Señor, e digo vos en concello
Que se eu moir' assi desta vegada
Que a vól-o demande meu liñage.

Que a vól-o demande meu liñage
Señor fremosa ca vós me matades,
Poys voss' amor en tal coyta me trage;
Ay eu! e sol non quer deus que mi o vós
E non me val y preito nen menage, (creades,
E ides-vos, e me desamparades,
Desamparare vos deus, a quen o eu digo.

Desanpare-vos deus a quen o eu digo
Ca mal perfic' oj' eu desamparado,
De mais non ey parente, nen amigo;
Ay eu! que m' aconsello e desaconsellado

Fic' eu sen vós, e non ar fic' amigo,
Señor se non gran coita e cuidado,
Ay deus! valed' a omen que d' amor morre.

115.

E mia Señor que eu mais d' outra ren
Desejei senpre, amei, e servi,
Que non soya dar nada por mi
Preyto me trage de me fazer ben.
Ca meu ben é, deus, por ela morrer,
Ante ca senpr' en tal coita viver.

En qual coita me seus desejos dan
Toda sazon mais á des agora ja;
Por quanto mal me faz, ben me fará
Ca morrerei e perderei afan;
Ca meu ben &c.

E quanto mal eu por ela levei
Ora mi o cobrarei se deus quiser;
Ca pois eu por ela morte preser
Non me diran que dela ben non ei
Ca meu ben &c.

E al sazon foi que me tev' en desden,
Quando me mais forçava seu amor,

E ora mal que pes' a mia Señor
Ben me fará, e mal grad' aja en;
Ca meu ben &c.

116.

Señor do corpo delgado
En forte pont' eu fuy nado,
Que nunca perdi cuidado,
Nen afan des que vos vi:
En forte pont' eu fuy nado,
Señor por vós e por mi!

Con est' afan tan longado
En forte pont' eu fuy nado
Que vos amo sen meu grado,
E faço a vós pesar y;
En forte pont' eu fuy nado,
Señor por vós e por mi!

Ay eu cativ' e coitado!
En forte pont' eu fuy nado,
Que servi senpr' en doado,
Ond' un ben nunca prendi;
En forte pont' eu fuy nado
Señor por vós e por mi!

117.

Vivo coitad' en tal coita d' amor
Que sol non dormen estos ollos meus;
Et rogo muito por mia mort' a deus,
E ùa ren sei eu de mia Señor:
Non sab' o mal que m' ela faz aver,
Nen a gran coyt' en que me faz viver.

Vivo coitad' e sol non dòrmio ren
E cuido muit', e choro con pesar,
Por que me vejo muy coytad' andar,
Mais mia Señor, que sabe todo ben,
Non sab' o mal &c.

E meus amigos mal dia naci
Con tanta coita que sempr' eu levei,
E por que mais no mundo viverei;
Poys mia Señor que eu por meu mal vi,
Non sab' o mal &c.

E meus amigos non ey poder
Da muy gran coyt' en que vivo soffrer.

118.

Des quando eu a mia Señor entendi
Que lle pesava de lle querer ben
Ou de morar ù lle dissesse ren,
Veed' amigos como m' eu parti:
    Leyxei ll' a terra por lle non fazer pesar,
    E vivo non posso viver.

Se non coitad', e mais vos en direi;
Pero m' eu viv' en gran coyta d' amor
De non fazer pesar a mia Señor,
Veed' amigos que muy ben m' eu guardei;
    Leyxei ll' a terra &c.

Se non coitado no meu coraçon;
Ca me guardei de lle fazer pesar;
E amigos non me soub' en guardar
Per outra ren, se per aquesta non;
    Leyxei ll' a terra &c.

119.

A mais fremosa de quantas vejo
En Santaren e que mays desejo,

E en que senpre cuidando sejo,
Non cha direi, mais direi comigo:
Ay sentirigo! ay sentirigo!
Al e Alfanx, e al seserigo.

Ela e outra, amigo, vi as
Se deus me valla non á dous dias,
Non cha direi eu ca o dirias,
E perder-t'-ias por en comigo;
Ay sentirigo! ay sentirigo! &c.

Cuidand' ela ja ey perdudo
O sen, amigo, e ando mudo,
E non sey ome tan entendudo
Que m' oj' entenda o por que digo
Ay sentirigo! ay sentirigo! &c.

120.

Pero eu vejo aqui trobadores,
Señor e lume destes ollos meus,
Que troban d' amor por sas Señores,
Non vej' eu aqui trobador par deus
Que m' oj' entenda o por que digo:
Al e Alfanx e al seserigo.

Señor fremosa mays de quantas son
En Santaren, e que mais desejo;
Dizer vos quero, se deus me perdon,
Non vej' ome de quantos vejo,
Que m' oj' entenda &c.

Amo vos tant' e tan de coraçon,
Que o dormir já o' ei perdudo
Señor de mi, e do meu coraçon,
Non vej' eu ome tan entendudo
Que m' oj' entenda &c.

121.

Amigos, des que me party
De mia Señor, e a non vi,
Nunca fuy ledo, nen dormy,
Nen me paguei de nulla ren.
Tod' este mal soffr' e soffri
Des que me vin de Santaren.

Assi me ten forçad' amor,
Par deus, por ela, que sabor
Non ey de min, e se non fer
Veel-a, perdud' ey o sen.
Tod' este mal soffro mayor,
Des que me vin de Santaren.

O seu fremoso parecer
Me faz en tal cuita viver
Qual non posso nen sei dizer,
E moiro querendo lle ben;
    Esto me faz amor soffrer,
    Des que me vin de Santaren.

E ela e o seu ben
Desejando, perco meu sen.

122.

Eu sei la dona velida
Que a torto foy ferida;
    Ca non ama.

Eu sei la dona loada
Que á torto foy mallada;
    Ca non ama.

Ca se oj' amig' amasse
Mal aja quen a mallasse,
    Ca non ama.

Se se d' amigo sentisse
Mal aja quen a ferisse,
    Ca non ama.

Que a torto foy ferida
Nunca en seja guarida,
Ca non ama.

Que a torto foy mallada
Nunca en seja vingada,
Ca non ama.

123.

Non est a de Nogueira
A freira, que mi poder ten:
Mays es outr' a fremosa,
A que me quer' eu mayor ben;
E moiro m' eu pola freira,
Mais non pola de Nogueira.

Non est a de Nogueira
A freira, ond' eu ey amor;
Mays es outra fremosa
A que me quer' eu muy mellor;
E moiro m' eu &c.

Se eu a freira visse o dia,
O dia que eu quisesse,

Non á coita no mundo
Nen mingua, que ouvesse:
E moiro m' eu &c.

Se m' ela mi amasse
Muy gran dereito faria,
Ca lle quer' eu muy gran ben;
E puñ' y mais cada dia;
E moiro m' eu &c.

124.

A que vi antr' as amenas
Deus como parece ben,
E mirei-la das arenas
Des y penado me ten.
Eu das arenas la mirei
E des enton senpre penei.

A que vi antr' as amenas,
Deus! com' á bon semellar,
E mirei-la das arenas,
Et des enton me fez penar.
Eu das arenas &c.

Se a non viss' aquel dia,
Que se fezera de mi?

Mais quis deus enton, e vi a;
E nunca tan fremosa vi.
Eu das arenas &c.

Se a non viss' aquel dia
Muito me fora mellor;
Mais quis deus enton, e vi a
A muy fremosa mia Señor.
Eu das arenas &c.

125.

Vou-m' eu fremosa per' al rey
Por vós: ù for penad' irei
D' amor, d' amor, d' amor,
Por vós Señor d' amor.

Vou-m' eu á la corte morar
Por vós; ù for, ey a penar
D' amor, &c.

E se vos eu non vir que farei,
Cuidand' en vós, morrer vos ei
D' amor, &c.

---

*

126.

Se vos prouguess' amor ben me devia
Cousimento contra vós avaler
Que mig' avedes fillada perfia,
Tal que non sei como possa viver
Sen vós que me tenedes en poder,
E non me leyxades noyte, nen dia.

Por esto faz mal sen quen s' en vós fia,
Com' eu que ouvera end' a morrer
Por voss' amor, en que m' eu atrevia
Muit', e cuidava con vosc' a vencer
A que me vós fezestes ben querer,
E falistes me ù vos mester avia.

E por aquest' amor, gran ben seria
Se eu por vós podesse ben aver
De mia Señor, ond' eu ben averia
Sol que vós end' ouvessedes prazer;
Mays vós amor non queredes fazer
Nulla ren, de quant' eu por ben terria.

E de ben grado ja m' eu partiria
De vós amor, se ouvess' en lezer;

Mays acho vos comigo todavia
Ca ù vou, por me vos asconder;
E poys sen vós non posso guarecer,
Se me matassedes já, prazer-m'-ia.

127.

Null' ome non pode saber
Mia fazenda per neun sen;
Ca non ous' eu per ren dizer
A que m' en grave coyta ten;
E non me sei consello dar;
C' a mia coyta non á par,
Que me faz seu amor soffrer.

E eu tal Señor fuy enprender
A que non ouso dizer ren
De quanto mal me faz aver,
Que me senpre por ela ven:
E mal perfoi de min pensar
Amor, que me seu fez tornar;
Ca por ela cuid' a morrer.

E nunca meus ollos verán
Con que fólgu' o meu coraçon
Mentr' esteveren com' estan

Alongados dela, e non
Foren ù a vejan ben o sei;
Que nunca lles ren mostrarei,
Que lles possa prazer de pran.

E ben sei ca non dormirán
Mentr' assi for; nen é razon
Nen eu non perderei affan
Mal pecado, nulla sazon;
Mais se eu non morrer, irei
Ced' ù lle mia coyta direi,
E ù por ela me matarán.

128.

Os meus ollos que mia Señor
Foron veer a seu pesar,
Mal perforon de si pensar
Que non poderian peor;
Poys ora en logar estan
Que a veer non poderan.

Sei ca non poderan dormir,
Ca viron o bon semellar
Da que os faz por si chorar,
E avel-o-an sentir
Pois ora &c.

Quanto prazer viron enton
Semella que foi por seu mal,
Ca se lles deus ora non val,
Non jaz y, se morte non;
Poys ora &c.

Quando a viron gran prazer
Ovu ende o meu coraçon;
Mais direi vos ùa razon:
Non ll' o devia agradecer;
Poys ora &c.

129.

Quen vos foy dizer mia Señor
Que eu desejava mais al
Ca vós, mentiu; se non mal
Me veña de vós e de deus,
E se non, nunca estes meus
Ollos vejam niun prazer
De quant' al desejan veer.

E veja eu de vós Señor,
E de quant' al amo pesar,
Se nunca no vosso logar

Tive ren no meu coraçon.
A tanto deus non me perdon,
Nen me dê nunca de vós ben,
Que desej' eu mais d' outra ren.

E per boa fe mia Señor
Amei vos muito mais ca mi,
E se o non fezesse assi,
De dur verri' aqui mentir,
A vós nen m' iria partir
D' ù eu amasse outra moller,
Mais ca vós, mais pois que deus quer

Que eu a vós queira mellor,
Valla m' el contra vós Señor,
Ca muito me per é mester.

130.

Señor fremosa conven mi a rogar
Por vosso mal, en quant' eu vivo for,
A deus ca faz me tanto mal amor,
Que eu ja senpr' assi ll'-ei-de rogar
Que el cofonda vós e vosso sen,
E min Señor que vos quero ben,
E o amor que me vos faz amar.

E vosso sen, que poren mi errar
Vos faz, tan muito serei rogador
A deus assi que confonda Señor,
El muite vós, e min, en que errar
Vos el faz tanto, e al mi ar conven
De lle rogar que ar cofonda quen
Me non leixa convusco mais morar.

E os meus ollos, a que vos mostrar
Fuy eu, por que viv' oge na mayor
Coita do mundo, ca non ei sabor
De nulla ren ù vo-lles eu mostrar
Non poss', e deus cofonda mi poren,
E vós Señor, e eles, e quen ten
En coraçon de me vosco mezcrar.

131.

Señor fremosa quant' eu cofondi
O vosso sen, e vós e voss' amor,
Con saña que ouve mia Señor,
E con gran coita que me faz assi
Señor perder de tal guisa meu sen,
Que cofondi vos en que tanto ben,
A quanto nunca d' outra don' oy.

Mais valla me contra vós por deus y
Vossa mesura, e quan gran pavor
Eu ei de vós que sode la mellor
Dona de quantas en o mundo vi;
E se mi aquesto contra vós non val,
Señor fremosa non sei oj' eu qual
Con que vos oj' eu ouse rogar por mi.

Mayl' a mesura que tanto valer
Señor sol senpr' a quen na deus quer dar,
Me valla contra vós e o pesar
Que ei Señor de quanto fuy dizer,
Ca mia Señor quan muy gran coita ten
No coraçon, faz lle dizer tal ren,
A que non sabe pois consell' aver.

Com' oj' eu faço e muit' estou mal
Ca se mi assi vossa mesura fal
Non ay al Señor se non morrer.

132.

A mellor dona que eu nunca vi
Per boa fe nen que oy dizer,
E a que deus fez mellor parecer,
Mia Señor est, e Señor das que vi

De mui bon preço e de mui bon sen,
Per boa fe e de tod' outro ben
De quant' eu nunca d' outra dona oy.

E ben creede de pran que é si,
E será ja en quant' ela viver,
E quen na vir e a ben connocer
Sei eu de pran que dirá que si:
Ainda vos de seu ben mais direi:
É muit' amada; pero que non sei
Quen na tan muito ame come mi.

E por tod' esto mal dia naci
Por que lle sei tamaño ben querer
Como ll' eu quer' e vejo me morrer,
E non-a vej' e mal dia naci;
Mais rog' a deus que lle tanto ben fez
Que el me guise como algũa vez
A veja ced' ù m' eu dela parti.

133.

Con mellor coraçon es contra mi
Quan muit' eu am' ũa moller,
Non no sabe nostro Señor;
Ne ar sabe quan gran pavor

Ey oj' eu dela, cuido m' eu;
Ca se o soubesse sei eu,
Ca se doeria de min,
E non me faria assi
Querer ben a que me mal quer.

Pero que dizen que negar
Non xe lle pode nulla ren,
Que el non sabia sei eu ben
Que aind' el non sabe qual,
Ben ll' eu quero nen sab' o mal
Que m' ela por si faz aver,
Ca se o soubesse, doer-
Si-á de mi a meu coidar.

Ca deus de tal coraçon é
Que tanto que sabe que ten
En o seu mui gran coita alguen
Que logo lli consello pon;
E por esto sei eu que non
Sabe la coita que eu ei,
Nen eu nunca o creerei
Por aquesto per boa fé.

134.

Om' a que deus ben quer fazer
Non lle faz' tal Señor amar
A que non ouse ren dizer
Con gran pavor de lle pesar,
Nen o ar faz' longe morar
D' ù ela é sen seu prazer.

Com' agora min faz viver,
Que me non sei conselI' achar
Con tan gran coita de soffrer,
En qual m' eu ora vej' andar
Com aver senpr' a desejar,
Mais d' outra ren de a veer.

Mais non pod' aquesto saber
Se non a quen deus quis dar
A coita que el fez aver,
A min des que me foi mostrar
A que el fez mellor falar,
Do mundo, e mellor parecer.

135.

Señor fremosa que senpre servi
Se deus me leixe vós ben aver,
Pero mi o vós non queredes creer
Des aquel' dia Señor que vos vi,
Sen vosso grado me vos faz amor,
E sen o meu, querer gran ben, Señor.

E mia Señor assi deus me perdon,
E me de cedo Señor de vós ben,
Que eu desejo mais que outra ren
Des que vos vi, mia Señor des enton,
Sen vosso grado &c.

E mia Señor, assi m' ajude deus
Escontra vós, que me faz tant' amar,
Que non sei y consello que fillar,
Des que vos viron estes ollos meus
Sen vosso grado &c.

136.

Meu Señor, deus veño vos eu rogar,
Con a mayor coita que nunca vi

Aver a om', e avede de mi,
Doó Señor, e nunca tal pesar
Me facedes meu Señor deus veer,
Per que eu aja o corp' a perder.

Ca estou eu oj' a mui gran pavor
De o veer, e meu sen está tal
De vos rogar por est', e non por al,
Que nunca tal pesar de mia Señor
Me facedes &c.

E ben sei eu de pran ca se fezer
Mia Señor o que ten no coraçon,
Ca perderei eu o corpo, mais non
Tan gran pesar nunca se vos prouguer
Me facedes &c.

137.

Se vos eu amo mais que outra ren
Señor fremosa que senpre servi,
Rog' a deus que ten en poder mi,
E vós Señor que me dê vosso ben.
E se assi non est e mia Señor
No me dê vosso ben, nen voss' amor.

Se vos eu amo mais d' outra moller,
Nen ca outr' ome, mais ca min nen al,
Rogu' eu a deus que muito pod' e val,
Que el me dê vosso ben se quiser,
E se assi non est &c.

138.

Se deus me leixe de vós ben aver
Señor fremosa, nunca vi prazer
Des quando m' eu de vós parti.

E fez mi o voss' amor tan muito mal
Que nunca vi prazer de min, nen dal,
Desquando m' eu de vós parti.

Ovu eu tal coita no meu coraçon,
Que nunca vi prazer, se ora non,
Des quando m' eu de vós parti.

139.

Des oge mais ja senpr' eu rogarei deus
Por mia morte, se mi a dar quiser

Que mi a dê cedo ca m' é mui mester,
Señor fremosa, pois eu per vós sei
Ca non á deus sobre vós tal poder
Per que me faça vosso ben aver.

E ja eu senpre serei rogador
Des oge mais pola mia mort' a deus,
Chorando muito destes ollos meus;
Pois per vós sei, fremosa mia Señor,
Ca non á deus &c.

Ca en quant' eu coidei e entendi,
Ca me podia deus vosso ben dar,
Nunca ll' eu quis por mia morte rogar;
Mais mia Señor ja per vós sei assi
Ca non á deus &c.

140.

Puñei eu muit' en me quitar
De vós fremosa mia Señor;
E non quis deus nen voss' amor,
E poil-o non podi acabar,
Dizer vos quer' eu ùa ren Señor,
Que senpre ben quige, or sachaz.....
Y a min qu' oje soy votr' om', elige.

De querer ben outra moller
Puñei eu ay gran sazon,
E non quiso meu coraçon
E pois que el, nen deus non quer;
Dizer vos quer' eu &c.

E mia Señor per boa fe
Puñei eu muito de fazer
O que a vós foron dizer;
E non pud', e pois assi é,
Dizer vos quer' eu &c.

141.

Ora vej' eu o que nunca coidava
Mentr' eu vivesse no mundo veer,
Vi ùa dona mellor parecer
De quantas outras en o mundo vi,
E por aquela logo me parti
De quant' eu al no mundo desejava.

E se eu ant' en mui gran coit' andava
Ja m' esta dona faz mayor aver,
Ca me faz deus por meu mal entender
Todo seu ben, e poil-o entendi,
Mais en tan grave dia foy por mì,
Ca mais coitad' ando ca ant' andava.

E eu vi quan fremoso falava,
E ll' oy quanto ben disse dizer;
Tod' outra ren me fez escaescer
Per boa fé, pois ll' eu todest' oy,
Nunca ll' ar pude rogar des ali,
Por nulla ren do que ll' ante rogava.

142.

Niun consello Señor non me sei
A esta coita que me faz aver
Esse vosso fremoso parecer,
E pois aqui tamaña coita ey
U vos vejo, fremosa mia Señor,
Que farei ja des que m' eu daqui for.

E perdud' ei eu o dormir, e o sen
Perderei ced' a quant' é meu coidar,
Que non sei y consello que fillar;
E pois mi aqui tamaña coita ven,
U vos vejo &c.

E nunca eu tamaña coita vi
Aver a ome, si deus me perdon,
A qual oj' eu ei no meu coraçon
Por vós, e pois tal coita ei aqui,
U vos vejo &c.

143.

E mia Señor direi vos que me aven
Por que a vejo mui ben parecer,
Tal ben lle quer' onde coid' a morrer;
E pero que lle quero tan gran ben,
Ainda ll' eu mui mellor querria
Se podesse, mais non podria.

Ca lle quero tan gran ben que perdi
Já o dormir, e de pran perderei
O sen mui cedo, con coita que ei;
E pero que tod' aquesto perc' y,
Ainda ll' eu &c.

Ca lle quero ben tan de coraçon
Que sei mui ben que se m' ela non val,
Que morrerei cedo, non ay al,
E con tod' esto, si deus me perdon,
Ainda ll' eu &c.

Per nulla ren, par Sancta Maria,
Ca se podesse log' eu querria.

144.

Cuidades vós, mia Señor, que mui mal
Estou de vós, e cuido que mui ben
Estou de vós Señor, por ùa ren,
Que vos ora direi, ca non por al:
Se morrer, morrei por vós, Señor,
Se m' y ar fezerdes ben á que mellor.

Tan mansa vos quis deus, Señor, fazer,
E tan fremosa, e tan ben falar,
Que non poderia eu mal estar
De vós, por quanto vos quero dizer,
Se morrer &c.

Amo-vos tant' e con tan gran razon,
Per o que nunca de vós ben prendi,
Que coid' eu est, e vós que non é si,
Mais tant' esforç' ei no meu coraçon,
Se morrer &c.

145.

Direi vos que mi aven mia Señor,
Y logo quando m' eu de vós quitei

Ouve por vós fremosa mia Señor
Amorrer, e morrêra; mas cuidei
Que nunca vos veria des' y
Se morrese, e por esto non morri.

Cuidando en quan vos deus fez de ben
En parecer, e en mui ben falar,
Morrèra eu, mais polo mui gran ben
Que vos quero mais me fez deus coidar
Que nunca vos &c.

Cuidando en vosso mui bon parecer
Ovu a morrer, assi deus me perdou,
E polo vosso mui bon parecer,
Morrèra eu, mais acordé m' enton
Que nunca vos &c.

Coidand' en vós ouv' a morrer assi
E cuidand' en vós, Señor, guareci.

146.

Preguntou Johan Garcia
Da morte de que morria:
E dixe ll' eu; todavia
A morte desto se mata;
Guiomar Affonso Gata
Est a dona que me mata.

Pois que m' ouve preguntado
De que era tan coitado,
Dixe ll' eu este recado:
A morte desto &c.

Dixe ll' eu já vos digo
A coita que ei comigo;
Per boa fe meu amigo,
A morte desto &c.

147.

Des eu ora morto for
Sei ben ca dirá mia Señor:
Eu soo Guiomar Afonso!

Pois souber mui ben ca morri
Por ela, sei ca dirá assi:
Eu soo Guiomar Afonso!

Pois que eu morrer fillára,
Enton o so queixe dirá:
Eu soo Guiomar Afonso!

148.

Nunca tan coitad' ome por moller
Foy com' eu por ùa que me non quer
Fazer ben, pero se mi o non fezer
E' cousa guissada de non viver
Nada se me deus non der ben tallada ,
Nen vida longada non mi a min mester.

E mellor me será a mì de morrer
Ca senpr' assi como vivo viver
Coitado pola que non quis dizer
A mi n' outro dia o per que guaria,
Per que gran prazer ela me faria,
Par Santa Maria, non mi o quis fazer.

E poil-a eu vi, senpre a vi puñar
En me de seu preito e de si quitar,
Mais agora ja por me mais coitar;
Por ende me disse que a nunca visse
En logar estar que ll' eu non fogisse,
E que a non visse por m' en me matar.

149.

Ir vos queredes mia Señor,
E fiqu' end' eu con gran pesar,
Que nunca soube ren amar,
Ergo vós des quando vos vi;
E pois que vos ides daqui
Señor fremosa que farei?!

E que farei eu pois non vir
O vosso mui bon parecer?
Non poderei eu mais viver,
Se me deus contra vós non val;
Mais ar dizede-me vós al,
Señor fremosa que farei?!

E rog' eu a nostro Señor
Que se vós vos fordes d' aquen
Que me dê mia morte poren;
Ca muito me será mester;
E se mi a el dar non quiser,
Señor fremosa que farei?!

Pois mi assi força voss amor
E non ouso vosco guarir,

Des quando me de vós partir,
Eu que non sei al ben querer,
Querria me de vós saber,
    Señor fremosa que farei?!

150.

Am' eu tan muito mia Señor
Que sol' non me sei consellar,
E ela non se quer nenbrar
De min, e moiro me d' amor;
    E assi morrerei, por quen
    Nen quer meu mal, nen quer meu ben.

E quando ll' eu quero dizer
O muito mal que mi amor faz,
Sol non lle pesa nen lle praz,
Nen quer en mì mentes meter.
    E assi morrerei &c.

Que ventura que me deus deu
Que me fez amar tal moller,
Que meu serviço non me quer,
E moir' e non me ten por seu.
    E assi morrerei &c.

E veede que cuita tal
Que eu ja senpr' ei a servir
Moller, que mi o non quer guarir,
Nen mi o ten por ben nen por mal.
E assi morrerei &c.

151.

A ren do mundo que mellor queria
Nunca meu ben quis dar, Sancta Maria!
Mais quant' end' eu no coraçon temia,
Ei! Ei! Ei! Señor, Señor, agora vi
De vós quant' eu senpre temi.

A ren do mundo que eu mais amava,
E mais servia, nen mais desejava,
Nostro Señor quant' end' eu receava,
Ei! Ei! Ei! &c.

E que farei eu cativ' e cuitado,
Que eu assi fiquei desamparado
De vós; por que cuita grand' e cuidado
Ei! Ei! Ei! &c.

152.

Quantos aqui de España son,
Todos perderon o dormir
Con gran sabor que an de s' ir;
Mais eu nunca sono perdi
Des quando d' España say,
Ca mi o perdera ja enton.

E eles si deus me perdon
Desejan sas terras assy,
Que non dormiron muit' ay;
Mais pois y foren dormiran,
Ca non desejan al nen an
Outra coita, se esta non.

E estou end' eu mui peor,
Que coid' y a perder o sen,
Desejando senpr' a qual ben
Do mundo mais grave d' aver,
Como desej' ar ben fazer
Da mui fremosa mia Señor.

E de pran est est' o mayor
Ben que oj' eu posso saber,

E deus que mi a fez ben querer,
Se m' este ben quisesse dar,
Non me cuidaria cambiar
Por rey, nen por emperador.

153.

Meus ollos quer vos deus fazer
Ora aver tan gran pesar,
Onde me non poss' eu quitar
Sen mort' e non poss' eu saber
Por que vos faz agora deus
Tan muito mal, ay ollos meus!

E a vós farán cedo veer
A por que eu moyro casar,
E nunca me dela quis dar
Ben, e non poss' or' entender
Por que vos faz &c.

E de quen vos esto mostrar
Nunca vos mostrará prazer;
Ca logu eu y cuid' a morrer
Os ollos e non poss' eu osmar
Por que vos faz &c.

154.

Como morreu quen nunca ben
Ouve da ren, que mais amou,
O que viu quanto receou
Dela, e foy morto por en,
Ay mia Señor, assi moyr' eu!

Como morreu quen foy amar,
Quen lle nunca quis ben fazer,
E de que lle fez deus veer
De que foy morto con pesar,
Ay mia Señor, assi moyr' eu!

Com' ome que ensandeceu,
Señor con gran pesar que viu,
E non foy ledo, nen dormiu
Depois mia Señor, e morreu,
Ay mia Señor, assi moyr' eu!

Como morreu quen amou tal
Dona, que lle nunca fez ben,
E que viu levar a quen
A non valia, nen a val,
Ay mia Señor, assi moyr' eu.

155.

Señor os que me queren mal
Sei eu ben que vos van dizer,
Todos Señor por me fazer
Perder convusc' e non por al;
Dizen vos ca vos quero ben,
Señor, e non devo por en
Eu escontra vós a perder.

E ja desta mezcra tal
De me guardar non ey poder;
Ca vos ei muy gran ben querer;
Pero me contra vós non val,
E vós por tollerdes mi o sen,
Nunca lles queredes per ren
Esta mescra de min creer.

E mia Señor quer' eu puñar
Se me posso salvar, se non,
E diré lles a quantos son
Que mi o non poderan provar;
Mais eles sei eu que faran:
Log' ant' vós mi afrontaran
Que vos amo de coraçon.

156.

Eu soon tan muit' amador
Do meu liñagen que non sei
Al no mundo querer mellor
D' ũa mia parenta que ei:
E quen sa liñagen quer ben,
Teñ' eu que faz dereit' e sen:
E eu sempr' o meu amarei.

Senpre serviç' e amor
Eu a meu liñagen farei,
En tanto com' eu vivo for,
Esta parenta servirei,
Que quero mellor d' outra ren,
E muito serviço en mi ten,
S' en eu poderei, e poderei.

Pero nunca vistes moller
Nunca chus pouco algo fazer,
A seu liñagen ca non quer
En meu preito mentes meter:
E poderia me prestar
Par deus muit', e non lle custar
A ela ren de seu aver.

E veede se mi á mester
D' a tal parenta ben querer:
Que m' ei a queixar se quiser
Lle pedir algo ù a veer;
Pero se me quisesse dar
Algo, faria-me precar
A tal parenta, e valer.

157.

Muit' aguisado ei de morrer
E non teño mia mort' en ren,
Ante me prazeria en,
Pois sen meu grad' ei a fazer
A mia Señor mui gran pesar,
Ca le pesa de a amar.

A mia Señor gran pesar á
De que lle quer' eu mui gran ben,
E a min gran coita m' en ven;
Mais pero de fazer ei já
A mia Señor &c.

E grave dia eu naci
Con quanto mal me faz amor;

Ca por el mentr' eu vivo for,
Ei ja senpr' a fazer assi
A mia Señor &c.

E nunca m' end' eu partirei;
Ca non quer o meu coraçon,
Nen deus, e si deus me perdon,
A meu pesar a fazer-ll'-ei
A mia Señor &c.

E non me poss' end' eu quitar
De lle fazer este pesar.

158.

Que partid' eu serei Señor
De nunca ja veer prazer,
Des quando ora partido for
De vos falar e vos veer.
E partido serei logo y
D' aver sabor d' al, nen de min.

E partir-s'-an os ollos meus
De non veer de nulla ren
Prazer, pois que os partir deus
De vós Señor, que quero ben,
E partido serei &c.

E partir-s'-á meu coraçon
De nunca d' al ren se pagar;
E partir-s'-á en con razon,
Des quando vos eu non falar,
E partido serei &c.

159.

Que sen mesura deus é contra mì,
Pois que me faz senpre pesar veer,
Por que me leixa no mundo viver;
Mais pois me vejo que x' el quer assi,
Quant' eu oy mais no coraçon tever
Negar-lo-ei, e direi ll' al que quer.

E quant' el sabe que me pesará,
Poil-o el faz por xe me mal fazer
E por al non, quero vos eu dizer
Se eu poder o que ll'-end' averrá:
Quant' eu &c.

E des' oy mais non pod' el saber ren
De mia fazenda se non deviñar,
Pois el assi quer migo guerreiar;
Mais vedes que vo-ll'-eu farei poren,
Quant' eu &c.

160.

Señor fremosa non ei oj' eu quen
Vos por min queira mia coita mostrar,
Nen eu Señor non vos ous' y falar;
Pero quero vos rogar d' ùa ren:
Que vos prenda doo de mi
Por quant' affan por vós soffri.

Por quanta coita ben dê la sazon
Que vos eu vi sempre por vós levei,
Se vos prouguer ora rogar vos ei,
Señor por deus, por est' e por al non:
Que vos prenda &c.

Ay mia Señor, lume d' aquestes meus
Ollos, que eu vi sempre por meu mal,
Non vos ous' eu por min falar en al:
Mais mia Señor rogo vos eu por deus
Que vos prenda &c.

Avede vós doo de min
Por quant' affan soffr' e soffri.

161.

Se vos eu ousasse, Señor,
No mal que por vós ei, falar
Des que vos vi a meu coidar,
Pois fossedes en sabedor
Doer-vos-yades de mi.

E por que nunca estes meus
Ollos fazen senon chorar
U vos non veen, com pesar,
Se o soubessedes por deus,
Doer-vos-yades &c.

Mais non vos faç' eu saber
De quanto mal me faz amor
Por vós, ca m' ei de vós pavor,
Ca se vol' ousasse dizer
Doer-vos-yades &c.

162.

Estes ollos meus ei eu mui gran razon
De querer mal en quant' eu ja viver,
Por que vos foron mia Señor veer;

Ca depois nunca, se deus me perdon,
Pud' eu en outra ren aver sabor
Ergu en coidar en vós, ay mia Señor!

E esses vossos ollos, e destes meus
Me veo sempre coit' e pesar;
Poil-os meus foron os vossos catar
Ca des y nunca, si me valla deus,
Pud' eu en outra &c.

163.

Muito puñei de vos negar
Señor fremosa o gran ben
Que vos quero; mas ja per ren
No ei poder de me guardar
Que vos non aja de fazer
Do ben que vos quero saber.

Quisera m' eu que foss' assi,
Que podesse meu coraçon
Encobrir, mais non me perdon'
Deus, se já poss' al fazer y
Que vos non aja &c.

Ca entendy eu por meu mal
Que vós parecedes mellor

De quantas eu vi mia Señor;
Pero non poss' y fazer al
Que vos non aja &c.

Tal ben vos quero que ben sei
Per ren que non posso guarir;
Pero non me poss' eu partir
Mais, e sei que poder non ei
Que vos non aja &c.

Ca todo non sei oj' eu quen
O podesse dizer per ren.

E negára vol' eu; mais non
Quis deus, nen o meu coraçon.

164.

Señor fremosa, pois pesar avedes
De que vos amo mais ca min nen al,
Direi vos gran verdade, senon mal
Me veña de vós, que me mal queredes;
Non vos quer' eu pelo meu grado ben:
E mia Señor pois que vos pesa en
Dizer vos quer' eu a quen vos tornedes.

A vós Señor, que tan ben parecedes,

E a quen vos fez parecer assi,
Que quantas donas en o mundo vi,
De parecer todas-las vós vencedes,
E de bon prez, e de falar mellor,
E pois deus tanto ben vos fez, Señor,
De vos amar non me vos en queixedes.

Ca non é en min, mao meu peccado,
Nen quer amor que m' en possa quitar
Nen deus Señor, nen vosso semellar,
Ca m' en teen de tal guissa forçada,
Que me vos faz en mui de coraçon
Querer gran ben, e si deus me perdon,
Non vos faç' y pesar pelo meu grado.

E mia Señor se deus fosse pagado
D' eu de gran coita guardado seer,
Non me mostrára vosso parecer,
Nen vós Señor, que eu mal dia nado,
Por meu mal, vi, e destes ollos meus.

E pois vos vi nunca despois quis deus
Que perdess' eu gran coita nen coidado,
E gran coita como a perderei;
Pois que vos pesa per que vos amei,
Sei, se viver, que viverei coitado.

165.

Señor fremosa, quero vos rogar
Por aquel deus que vos feze nazer,
E mui mellor das outras parecer
Donas, que el en este mundo fez,
E mui mansa e de muy mellor prez,
Que vos non pes' de vos eu muyt' amar.

Por vosso prez e por deus, mia Señor,
E por mesura, e por quanto ben
Vos el foy dar, rogo vos eu por en
Que se vos oj' eu faço pesar y,
En vos amar mia Señor mais ca mi,
Que me non façades en sabedor.

E se me vós quiserdes consentir
Que vos am' eu, direi vos ùa ren:
Y me faredes aquel mayor ben
Daqueste mund', e que mais desejei
Des que vos vi; e mais vos en direi:
Sol por atanto vos quer' eu servir.

166.

Señor fremosa, pois m' oj' eu assi
Vejo morrer, que contra vós gran ben
Que vos quero, non me val nulla ren,
Nen mui gran coita que por vós levei,
Des que vos vi, atanto vos direi.

E mia Señor non devia perder,
Eu contra vós, por vos querer mellor
Ca min, nen al, nen aver d' al sabor,
Se non de vós, e de poder guarir,
Ú vos vejo, e aver m'-ancobrir
De vós e d' outre, de mi o entender;
E vedes que coita de soffrer.

E mia Señor como vos eu disser
Esto de vós, des quando vos amei,
Todo sabor do mundo perdud' ei,
E non mi ar pude d' outra ren pagar
Se non de vós, e conven mi aguardar
De mi o saberdes quant' eu mais poder.

167.

Ay mia Señor quero vos perguntar,
Pois que vos ydes, e eu non poss' yr
Vosco per ren, e sen grad' a partir
M' ei eu de vós e de vosco morar,
Ai eu cativo por deus que farei!
Ai eu cativo, que non poderei
Prender consello, pois sen vós ficar!

Non sei oj' eu tan bon consellador,
Que me podesse bon consello dar,
Na mui gran coita que ei d' endurar
U vos non vir, fremosa mia Señor,
Ai eu cativo de mi que será!
Ai eu cativo, que ei por vos já
Viver en cuita mentr' eu vivo for!

E os meus ollos non poden veer
Prazer en mentr' eu vivo for per ren;
Pois vos non viren, meu lum' e meu ben;
E por aquesto querria saber
Ai eu cativ', e que será de min!
Ai eu cativ' e mal dia naci,
Pois ei de vós alongad' a viver!

168.

Non soube que xera pesar,
Si me valla nostro Señor,
Que deus non fez a seu pesar
Longe viver de sa Señor,
Ú lle non possa ren dizer
Da coit' an que o faz viver
Mui trist', e mui coitad' andar.

Non ar soube parte d' affan,
Nen de gran coita nulla ren
O que non soffreu est' affan
De non poder per nulla ren
Veer la Señor que ben quer;
E quen tal coita non ouver
O aí non lle coita de pran.

Esta teñ' eu por la mayor
Coita do mundo a meu coidar
E non podi aver mayor;
E non o quer' eu en coidar
Esto, per nulla ren meter
Mais por verdade o dizer
Como quen end' é sabedor.

Ca me fez deus coitas saber,
Per que mi as fez todas soffrer,
E teñ' end' esta por mayor.

169.

Puñar quer' ora de fazer
A meus ollos mui gran prazer,
Que lles non fiz a gran sazon,
Ca lles quero fazer veer
A Señor do meu coraçon.

Pero sei ben ù non jaz al,
Que lles verrá en muito mal
Que os non pod' en guardar ren;
Mais de tod' esto le m' en chal,
Ca eles x' o buscaron ben.

Quand' eles viron mia Señor
Muit' ouveron en gran sabor,
Mais non os quise deus quitar
De grand' affan e de pavor,
Que pois ouveron d' endurar.

170.

Nostro Señor deus, e por que neguei
A mia Señor quando a eu ver
Podia, e lle podéra dizer
Muitas coitas que por ela levei,
Ca já eu tal tenp' ouve attendi
Outro mellor, e aquele perdi,
E outro tal nunca já cobrarei.

Ca ja eu tal tenpo ouve que morei,
Ú a podia eu mui ben veer,
E a vi mui mellor parecer
De quantas donas vi, nen veerey;
E pero nunca ll' ousei dizer ren
De quantas coitas levo por gran ben
Que ll' eu querria, e quer', e querrei.

Mentr' eu viver, mais já non viverei,
Se non mui pouco, pois que a veer
Eu non poder, ca já niun prazer
De nulla cousa já nunca prenderei;
Ca nunca deus quer que eu cuid' en al,
Se non porque lle non diss' o gran mal
E a gran coita, que por ela ey.

Mais a que sazon que m' eu acordei,
Quando a non posso per ren veer;
Nen quando non posso y consello aver;
Mais eu cativo, e que receey?
Ca non me avia por end' a matar,
Nen ar avia peor a estar
Dela do que m' oj' estou, e o sei.

171.

Deste mundo outro ben non querria
Por quantas coitas me deus faz soffrer,
Que mia Señor do mui bon parecer,
Que soubess' eu bem que entendia
Como oj' eu moir', e non ll' o dizer eu
Nen outre por min, mais ela de seu
O entender como seria.

E se eu est' ouvess' auveria
O mais de ben que eu querri' aver,
Sabel-o ela ben sen ll' o dizer
Eu, e non attenderia aquel dia
Que ell' attend', ond' ey mui gran pavor
De lle dizer: por vós moiro Señor,
Ca sei que por meu mal o diria.

Ca Señor ei que m' estrañarìa
Tanto, que nunc' averia poder
De ll' ar falar, nen sol de a ver
E mal me via; mais peor m' iria,
E por esto querria eu assi
Que o soubesse ela, mais non per mì;
E soubess' eu ben que o sabia.

E rog' a deus e Sancta Maria
Que lle fezeron muito ben aver,
Que ben assi ll' o façan entender;
E con tod' est' ainda seria
En gran pavor de m' estrañyar por en,
E par deus ar jurar-ll' ia mui ben
Que nulla culpa y non avia

De m' entender, assi deus me perdon,
Nen o gran ben que ll' eu quer': e enton
Con dereito non se queixaria.

172.

Señor, que deus mui mellor parecer
Fez de quantas outras donas eu vi,
Ora soubessedes quant' eu temi

Senpre o que ora quero cometer
De vos dizer, Señor, o mui gran ben
Que vos quero, e quanto mal me ven,
Señor por vós, que eu por meu mal vi.

E sabe deus que adur eu vin y
Dizer vos como me vejo morrer
Por vós Señor, mais non poss' al fazer
En el, por deus doede-vos de mi;
Ca por vós moir' esto sabede ben;
E se quiserdes mia Señor por en
Non me deviades leixar morrer.

E ja que vos comecei a dizer
Ben, que vos quero se vos non pesar;
Señor fremosa, quero vos rogar
Que vos non pes' por deus de vos veer,
Nen de falar vosc', e faredes ben,
E gran mesura, e quant' é meu sen,
Teño que non á por que vos pesar.

E mia Señor por eu vosco falar
Nunca vós y ren podedes perder,
E guarredes min, e se o fazer
Quiserdes, quero vos desenganar.
Señor todos vol-o terran por ben;

E mia Señor mais vos direi eu en
Muito perdedes vós en me perder.

Ca mia Señor avedes vós muy ben
Como que vos non ei a cuitar ren.

173.

A mia Señor que me foi amostrar
Deus por meu mál, por vos eu non mentir
E que senpr' eu puñei de a servir,
Muit' ouve gran sabor de m' enganar,
Ca me falou primeir' ù a vi ben,
E pois que perdia o sen
Por ela nunca m' er quiso falar.

E se m' eu dela soubesse guardar
Quando a vi, puñara de guarir,
Mais foi me ela ben falar e ryr,
E falei ll' eu, e non a vi queixar,
Nen se queixou que a chamei Señor;
E pois me viu mui coitado d' amor
Prugo lle muit', e non m' er quis catar.

E pois me queria desenparar,
Quando a vi mandasse me partir,

Logo de si, e mandasse m' end' ir,
Mas non lle vi de nulla ren pesar,
Que ll' eu dissess' e tamben me catou;
E pois viu que seu amor me forçou
Leìxou m' assi desenparad' andar.

E deferença dev' end' afillar
Tod' ome que dona fremosa vir
De min, e guarde se ben de non ir,
Com' eu fui logu en seu poder entrar,
Ca ll' averra com' aveo a min:
Servi a muit', e pois que a servi,
Leixou m' assi desenparado andar.

174.

Quand' eu podia mia Señor ver,
Ben desejava enton
Dela en o meu coraçoñ,
E non queria ja mellor
De lle falar e a veer,
E nunca outro ben aver.

Chorand' enton dos ollos meus,
Con tanto ben desejand' al;

E soffro agora muito mal,
E non queria mais a deus
De lle falar &c.

Eu perdia enton o sen,
Quando lle podia falar
Por seu ben, que me desejar
Faz deus me fezesse este ben,
De lle falar &c.

175.

Ando coitado por veer
Un ome que aqui chegou,
Que dizen que viu mia Señor,
E dirá me se lle falou.
E falarei con el muit' y
En quan muit' á que a non vi.

E por amor de deus quen o vir
Diga lle que sa prol será
De me veer, e veel' ei,
Por que viu, e falar mi á.
E falarei &c.

Ca muito per á gran sabor
Quen Señor ama de falar

En ela se acha con quen;
E poren vou aquel buscar,
E falarei &c.

Pero sei eu dela de pran
Ca non m' enviou ren dizer,
Mas do om' ei eu gran sabor
Por que a viu, de o veer,
E falarei &c.

Ca nunca vi, des que a vi,
Outro prazer, se a non vi.

176.

Quand' oj' eu vi per ù podia ir
A essa terra ù é mia Señor,
E ù eu d' ir avia gran sabor
E me d' aly non podia partir,
Chorei tan muito destes ollos meus,
Que non vi ren, e chamei muito deus.

Préto fui en que podéra chegar
Se eu oussasse ced' ù ela é;
Mas ouvi gran coita per boa fe
E pois d' aly me non ousei quitar,
Chorei &c.

Por mal de mi oj' eu o logar vi
Per ù íra se ousasse alá,
Pero m' ela non fez ben, nen fará,
Catando-la direi vos que fiz y,
Chorei &c.

Que me valesse non quis el assi
Nen me deu ren de quanto lle pedi.

177.

Nostro Señor, que me fez tanto mal,
Ainda me poderia fazer ben,
Se mia Señor per quen este mal ven,
Eu visse ced' e non lle peço al;
Ca se eu fosse fius de a veer
Non querria do mundo mais aver.

Por quanto ll' eu roguei e lle pedi
Quando eu podia veer mia Señor,
Non ll' o peço, nen querria mellor
De mi amostrar ù m' eu dela parti.
Ca se eu &c.

Ca muit' á já que ll' eu senpre roguei
Por outro ben, e non mi o quis el dar

De mia Señor, e fuy m' ora rogar
Que a non vege, non a veerei
Ca se eu &c.

E rogo ll' eu que se lla el prouguer,
Mostre mi a cede quanto mal me fez,
Non será ren sem oyr esta vez
Meu Señor deus e mi a mostrar quiser,
Ca se eu &c.

178.

Juro vos eu fremosa mia Señor
Se deus me leixe de vós ben aver,
E se non leixe me por vós morrer,
Se pois fui nado nunca dona vi
Tan fremosa come vós, nen de mi
Tan amada, com' eu vos sei amar,

E pois vos amo tanto mia Señor,
Se vós quiserdes quero vos dizer
Qual coita me vós fazedes soffrer,
E non queredes que vos eu fal' y,
E non poss' eu muito viver assi,
Que non moira mui ced' en con pesar,

Que ei mui grande desto mia Señor,
De que me non queredes gradecer
De vos servir, nen de vos ben querer,
E dizedes de quanto vos servi,
Que fiz mal sen, que á tant' y perdi,
E eu pero non me poss' en quitar,

Nen quitarei, en quant' eu vivo for,
De vos servir Señor, e vos amar.

179.

Eu que affan que oj' eu viv' eu sei,
Que en quant' eu en o mundo viver,
Affan e coita ei senpre d' aver;
Vedes por quê, por quanto vos direi:
Por ùa dona que eu quero ben,
A tal per que ei perdudo meu sen,
E por que ei mui cedo de morrer.

Ca me dá coita que de pran ben sei
Que non poss' eu muit' assi guarecer,
Ca ela ja non m' á ben de fazer
Nen o ãtendo, nen o averei,
Nen rog' a deus eu ja por outra ren,

Senon por morte, que me dê poren,
Se perderei coita, pois que morrer

Ei per al, ja eu esto ben o sei,
Ca mi o faz deus e mia Señor saber
Que me fazen a tal coita soffrer,
Qual vos eu digo que non poderei
Aquesta coita, que m' en coita ten
Perder por al, se me cedo non ven
Mia morte, poren querria morrer;

Ca per quant' eu de mia fazenda sei,
O mellor é pera mi de morrer.

180.

Nostro Señor que non fui guardado
D' eu en tal tempo com' este viver,
Que o que soyan por ben teer,
Ora o teen por deguisado;
Que este mundo ja tornado en al,
Que todo prez teen ora por mal,
A que mal tempo eu son chegado!

Que mal fuy eu desaventurado
Que en tal tempo fui ben querer

A tal dona, de que non poss' aver
Ben, e por que ando muy coitado,
E as gentes que me veen andar
Assi coitado, ... en proffaçar,
E dizen muit' ... namorado

E de min an ja muito proffaçado,
Por que saben ca le quero gran ben,
Que me devia a precar por en:
E poren soon mais pouco precado
E ...... en coita nunca mayor vi,
E mia Señor non me quer valer y,
E assi fiquei desamparado

Esta coita ten me chegado
A morte, non guarrei por niun sen;
Pois mia Señor non quer por mi dar ren,
De que eu senper andei enganado,
E moir'; e pois préto da mort' estou;
Muito me praz que enfadado vou
Deste mundo, que é mal parado.

181.

Coit' averia se de mia Señor,
Quando a visse coidasse aver ben,

E non poder eu veel-a per ren,
Pois end' agora tan gran coita ei,
Como se dela ben cuidass' aver,
Non morreria mais pola veer.

E que non cuido mentr' eu vivo for,
Nen o cuidei nunca des que a vi,
D' aver seu ben, e pero est assi,
Ey tan gran coita d' ir ù ela é,
Como se dela &c.

Non andaria mays ledo de pran
Do que eu ando por que cuido a yr
Ú ela é, que moiro por servir,
E asi moiro pola veer ja,
Como se dela &c.

Pero entendo que faço mal sen
En desejar meu mal, como meu ben.

182.

Se eu moiro ben o busquei;
Por que eu tal Señor fillei;
Úa dona de que ja sei,
Que nunca posso ben aver

E senpre ll' eu gran ben querrei,
E derei-te d' assi morrer,

De que m' eu podera quitar
Se m' ende soubesse guardar,
Mas avia de lle falar
Gran sabor, e de a veer,
E tornou se m' en gran pesar;
E derei-te d' assi morrer.

Ca primeiramente vi
Mui fremosa, se eu daly
Fogisse e non ar tornasse y,
Assi podera mais viver;
Mas non cuidei que foss' assi:
E derei-te d' assi morrer.

Quando a fillei por Señor
Non me mostrava desamor,
E ora muit' á gran sabor
De mia morte cedo saber;
Por que fuy seu entendedor,
E derei-te d' assi morrer.

E veerá mui gran prazer
Quando m' agora vir morrer.

183.

Senpr' eu Señor roguei a deus por mi
Que me desse de vós ben, e non quer;
Mais quero ll' al rogar e pois souber
Que ll' al rogo, al me dará log' y.
Ca lle rog' eu que nunca me dê ben
De vós, e cuido que mi o dê por en.

E per aquesto quero eu provar
Deus, ca muit' á que lle por al roguei,
De vós Señor, mais ora veerei
Se me ten prol de o assi rogar,
Ca lle rog' eu &c.

Pois assi é que m' el senpre deu al,
E al desej' eu no meu coraçon,
Rogar-ll-ei est', e cuidará que non
Será meu ben, e dará mi o por mal
Ca lle rog' eu &c.

184.

Gran coita soffro, vos negando
Ca non quis deus que coita soffresse,

Que eu oussasse mentre vivesse
Nunca dizer, e por aqui stando
Maravillado de como vivo
En tan gran coita com' oj' eu vivo.

Esta coita de que eu jasço
Cuidando sempr' des que me deito,
Pois me levo sol non é en preito,
Que cuid' en al, e poren me faço
Maravillado &c.

Ben sei que ome sol non m' entende
Qual coita soffr', e como coitado
Eu vivu oje, ne est ome nado
Que o soubesse que non fosse ende
Maravillado &c.

E non o ouso dizer cativo,
De mais desejo mia morte e vivo.

185.

Neguei mia coita des ùa sazon;
Mas con gran coita que ouve e que ei
Ouvia falar y como vos direi,

En os cantares que fiz desenton
En guisa soube mia coita dizer
Que nunca mi a poderon entender.

E sabe deus quen mui gran coita ten
Como eu teño, non á poder d' estar,
Que non aja y ja quant' a falar,
E nos cantares que eu fiz poren
En guisa soube &c.

Algun sabor prend' ome quando diz
Ja que da coita que soffr' e do mal,
Com' eu soffro mais ci a temer al,
E nos cantares que des' enton fiz
En guisa soube &c.

186.

Por non saberen qual ben desejei,
E desejo en o meu coraçon,
Nen o meu mal, assi deus me perdon
Digu' eu aquest' e aquesto direi,
Que desejo ben por que non dou ren,
E que me ven o mal que me non ven.

Por nunca ja ren saberen per mi,
Os que me veen por en preguntar

De que me veen en gran coit' andar,
Juro lles eu, e digo lles assi;
Que desejo ben &c.

E por esto non poderán saber
Nunca meu mal per mì mentr' eu poder,
E poderei senpre, se deus quiser,
Mentr' eu fezer as gentes entender,
Que desejo ben &c.

E sabe deus que muito mal me ven,
Mais non d' aly donde se cuid' alguen.

187.

A dona que eu vi senpre por mal,
E que me gran coita deu,
E dá; poila vi, e poss' eu,
Non me ten, nen me quer valer,
Non á vej', e non vej' eu
No mundo dond' eu veja prazer.

A que me faz viver en tal
Affan, e soffrer tanto mal,
Que morrerei se me non val,
E non quer mia coita creer
Non a vej' &c.

A que eu quero mui gran ben
E que mi assi coitado ten,
Que non poss' eu, per niun sen,
Partir me de lle ben querer
Non a vej' &c.

188.

Se ei coita muito a nego ben,
Pero que m' ei a do mundo mayor
Por vós, mais ei de vós tan gran pavor
Que vos direi mia Señor que mi aven;
Ei gran coita de mais ei a jurar
Que non ei coita quen me en preguntar.

A vós non ous' a gran coita dizer
Que ei por vós, en o meu coraçon,
E con pavor assi deus me perdon,
Que ei Señor de vos pesar fazer,
Ei gran coita de mais &c.

189.

Des que vos eu vi, mia Señor, me ven
O mui grand' affan e o muito mal,

Que ei por vós, pero direi vos al,
Ante que vos eu visse d' outra ren:
Sei que non vira tamaño prazer
Como vej' ora vos veer.

Des que vos vi sei que é mayor
Coita do mund' esta que por vós ei,
Pero aven mi o que vos ar direi
Ante que vos eu visse, mia Señor;
Sei que non vira &c.

Des que vos eu vi, mia Señor, me deu
Gran coit' des cada que vos non vi,
E gran pesar, mas pero que mi assi
De vós aven, ante que vos viss' eu,
Sei que non vira &c.

E desejand' eu aqueste prazer,
Des que vos non vir me fará morrer.

190.

De quantos mui coitados son
A que deus coita faz aver
Min faz mais coitado viver,
E direi vos per qual razon:
Faz me querer ben tal Señor,

A mais fremosa nen mellor
Do mund', e non mi a faz veer.

E dá me tal coita que non
Sei de min consello prender;
E fez me ja pavor perder
De mia mort', ay gran sazon,
Ond' ant' avia gran pavor;
Veed' ora se á mayor
Coita no mundo de soffrer.

Nunca me deus quis guisar,
En quanto cuidado prendi,
Ú cuidei al en cuidar y
En como podess' acabar
Do que querria nulla ren,
Mais cuid' en quanto mal mi ven
Cativ' e mal dia naci.

E quant' oj' est a meu coidar
Ben per sei eu ca non ay
Coita mayor das que a mi
Faz mia mort' ora desejar;
Pero non querria por en
Morrer, se coidasse aver ben
Da que por meu mal dia vi.

191.

Pois contra vós non me val, mia Señor,
De vos servir, nen de vos querer
Ben mayor ca mi, Señor, nen outra ren,
Valla me ja contra vós a mayor
Coita que soffro por vós, das que deus
Fezo no mund', ay lume destes meus
Ollos, e coita do meu coraçon.

E se me contra vós non val, Señor,
A mui gran coita, que me por vós ven,
Per que perdi o dormir e o sen,
Valla me já contra vós o pavor,
Que de vós ei que nunca ousei dizer
A coita que me fazedes aver,
Que neguei senpr', ay mui gran sazon.

E se m' esto contra vós, mia Señor,
Non val, quer' eu a deus rogar por en,
Que me valla, que vós en poder ten,
E que vos fez das do mundo mellor
Falar Señor, e mellor parecer,
E se m' esto contra vós non valer,
Non me valrrá log' y, se mort' non.

192.

Cuidava m' eu que amigos avia
Muitos no mundo; mais mao pecado
Non ey amigos, ca pois tan coitado
Jaço morrend', alguen se doeria
De min, que moyr' e non ouso dizer,
O de que moyr', e que me faz morrer,
Non o dig' eu, nen por min ome nado.

E os amigos en quem atrevia
De que me teñ en al por avidado,
Non ll' o dizen; mais se tan acordado
Foss' algun deles ben mi avidaria,
Se ll' o dissesse, e nunca y perder
Podia ren, e poderia aver
Mi presto tolleito d' un coidado.

Mais aquest' é cousa mui desguisada,
Ca non sei eu quen tan poder ouvesse,
Pois mia Señor visse que lle soubesse
Dizer qual coita; pois la vi mi á dada
Ca pois que viss' o seu bon parecer
Aver ll'-ia log' eu d' escaecer,
E dizer x' ante por si se podesse.

E ben coid' á quant' é meu connocer,
Que pois fosse ù a podesse veer
Querrendo m' eu, nen do seu non dissesse.

193.

Qual dona deus fez mellor parecer
E que fezo de quantas outras son
Falar mellor, e en mellor razon;
E con tod' esto mellor prez aver,
E mais mansa das que eu nunca vi,
Aquesta fez desejar a min deus,
Por ja mais nunca coita perder.

Non me fez deus tal dona ben querer,
Nen mi a mostrou se por aquesto non,
Por aver eu en o meu coraçon
Mui gran coita ja mentr' eu viver;
Poren cativo, mal dia naci,
Que viverei mentr' eu viver assi;
Por que non nunca per mi á saber;

Nen ja per outre non o saberá
Ca eu a outre nunca o direi;
E por boa fe mais a tanto farei,
Nega ll' ei senpr' ata que moira já,

E se mi o om' adeviñar poder,
E pois a vir, e tal esforç' ouver,
Que ll' ouse ren dizer por si dirá:

Ca ben sei eu ù outra ren non á,
Que tal esforç' averá qual eu ei,
Quando a vejo, que per ren non sei
Que ll' y dizer, e al assi fará,
Se per ventura lle dizer quiser
Algua ren ali ù estever
Ant' ela todo ll' escaescerá:

Ca pois vir, assi deus a mi perdon',
O seu fremoso parecer enton,
Demo xol' eu o que ll' al nenbrará.

194.

Señor por vós soon maravillado
Por que vos pesa de vos ben querer,
E a deus devo muit' agradecer,
Por que mi á esto Señor achegado
Que vos vejo por vos preguntar en,
E por vos ar dizer log' outra ren:
Ca vos non quero ben pelo meu grado.

Mais mia Señor fuy desaventurado
Ú me vos deus fez primero veer,
Que me non fez log' y morte prender,
Ca per aquesto fora eu guardado,
Ou por perder Señor enton o sen,
Ca non temer a vós depois, nen quen
Ei a temer por vós, mao pecado.

E mia Señor por deus, que mais loado
Fez vosso prez pelo mundo seer,
E vós das outras donas mais valer,
Pois eu cativo, desaconsellado,
Sen o meu grado vos quero gran ben,
Dizede me por que vos pesa en,
Quand' eu, Señor, que mal dia fuy nado,

Non atendo de vós por que me ven
Muito de mal, mentr' eu viver, poren
Se soo desej' e afan e coidado.

195.

Ay eu coitado por que vi
A dona que por meu mal vi,
Ca deus lo sabe poil-a vi,
Nunca ja mais prazer ar vi,
Per boa fe ù a non vi,

Ca de quantas donas eu vi
Tan bona dona nunca vi.

Tan comprida de todo ben
Per boa fe esto sei ben,
Se nostro Señor me dê ben
Dela, que eu quero gran ben,
Per boa fe non por meu ben,
Ca pero que ll' eu quero ben,
Non sabe ca lle quero ben.

Ca ll' o nego pola veer
Pero non a posso veer,
Mais deus que mi a fezo veer,
Rogu' eu que mi a faça veer;
E·se mi a non fezer veer,
Sei ben que non posso veer
Prazer nunca sen a veer.

Ca lle quero mellor ca min;
Pero non o sabe per mim
A que eu vi por mal de mim,

Nen outre ja, mentr' eu o sen
Ouver, mais se perder o sen,
Diré o con mingua de sen;

Ca vedes que ouço dizer
Que mingua de sen faz dizer
A ome o que non quer dizer.

196.

Se eu soubesse ù eu primeiro vi
A mia Señor, e meu lum', e meu ben
Que tanto mal me verria por en
Como me ven, guardara me log' y
De a veer, amigos; pero sei
Ca nunca vira, nen vi, nen verey
Tan fremosa dona com' ela vi.

Mais, amigos, mal dia fuy por mi,
Pois me por ela tan gran cuita ven
Que ben mil vezes no dia me ten,
Meus amigos, desmygad' assi:
Que niun sen, nen sentido non ei,
E quand' acordo, amigos, non sei
Niun consello pois aver de mi.

En tal coita qual m' oydes dizer
Me ten amigos, si deus me perdon,
Des que a vi, que non visse, ca non
Vi nunca dona tan ben parecer,

Nen tan fremosa, nen tan ben falar,
Por tal dona, qual m' oydes contar,
Moir' eu, e non lle posso ren dizer;

Ca se a posso algũa vez veer,
Quanto cuid' ante no meu coraçon
Ca lle direi escaece m' enton,
Ca mi o faz ela tod' escacer,
Tanto a vejo fremoso falar,
E parecer, amigos, que nenbrar
Non me posso, se non de a veer.

E se me quisesse dar seu ben,
Dela ja ll' eu quitaria poren,
Sen me outro ben fazer.

197.

Que alongad' eu ando d' ũ yria,
Se eu ouvesse aguisado d' ir y,
Que viss' a dona que veer querria
Que non visse, ca por meu mal a vi,
De que meu mui sen meu grado parti,
E mui coitad', e fuyss' ela sa via;
E fiquei eu, que mal dia naci:

E que préto que mi a min d' ir seria
Ú ela é, pero longe daqui
Se soubesse que veer poderia
Ela, que eu por meu mal dia vi,
Ca, del-o dia en que a connoci,
Senpre lle quige mellor todavia,
E nunca dela niun ben prendi.

Non ll' ousei sol dizer como morria
Por ela, nen ll' o diz outre por mi,
E con mia mort' ja me prazeria;
Pois non vej' ela, que por meu mal vi;
Ca mais mal' morte, ca morrer assi,
Com' oj' eu vivo, e deus que mi a podia
Dar, non mi a dá, nen al que ll' eu pedi.

E por qualquer destas me quitaria
De min gran coita, que soffr' e soffri
Por ela, que eu vi, por meu mal dia,
Mais fremosa de quantas donas vi,
Direy a ja, ca ja ensandeci:
Joana est, ou Sancha, ou Maria
A por que eu moiro, e por que perdi

O sen, e mais vos end' ora diria:
Joan Coello sabe que é sy.

198.

Señor queixo me con pesar
Grande, que ei de que vos vi,
E gran dereito per faç' y,
E mais me devia queixar
Eu desse vosso parecer,
Que tanto mal me faz aver.

E queixo me dos ollos meus
Por end' assi deus me dê ben,
Con medo non se vos queix' en,
Mia Señor, nen me queixo a deus
Eu desse vosso &c.

199.

Moir' eu, e praz me, si deus me perdon',
E de mia mort' ei eu mui gran sabor,
Por non soffrer mui gran coita d' amor,
Que soffri senpre no meu coraçon,
Ca log' aquesta coita perderei,
E amigos direi vos outra ren:
Pesa me muito que non verei
Ante que moira meu lum' e meu ben.

Soya m' eu mia morte recear,
E avia gran sabor de viver,
E ora moir', e praz me de morrer,
E non querria ja mais viv' andar;
E do que moiro gran prazer end' ei,
E amigos direi vos outra ren:
Pesa me &c.

En me prazer con mia morte razon
Faç' eu mui grande, por nostro Señor,
Ca sei de pran, que pois eu morto for,
Log' esta coita perderei enton,
E quen ora temo, non temerei;
E amigos direi vos outra ren:
Pesa me &c.

200.

Se deus me valla mia Señor
De grado querria seer
Sandeu; por quant' ouço dizer
Que o sandeu non sabe ren
D' amor, nen que xê mal, nen ben,
Nen sabe sa morte temer;
Poren querri' ansandecer.

E por non soffrer a mayor
Coita das que deus quis fazer,
Qual la eu senpr' ei a soffrer
Por vós, e rog' a deus poren,
Que me faça perder o sen,
E pavor que ei de morrer,
Ou me non leixe mais viver.

E deus non me leixe viver,
Se eu ansandecer non ei,
Ca se viver senpr' averei
Coita d' amor, dirci vos qual
Gran coita, se me deus non val;
E se for sandeu perderei
A gran coita que d' amor ei.

´ Ca des quand' eu ensandecer
Se verdad dizen, ben sei
Ca nunca pesar prenderei,
Nen gran coita d' amor nen d' al,
Nen saberei que xê 'st' mal,
Nen mia morte non temerei,
Deus! e quand' ensandecerei!

201.

Pola verdade que digo, Señor,
Me queren mal os mais dos que eu sei
Por que digo que sodes a mellor
Dona de mundo; e verdade vos direi,
Ja m' eles senpre mal poden querer
Por aquesto; mais en quant' eu viver
Nunca lles tal verdade negarei.

E mia Señor, en quant' eu vivo for,
Se non perder aqueste sen, que ei,
Mal pecado de que non ei pavor
De o non perder, e o non perderei;
Ca perderia pelo sen perder
Gran coita, que me fazedes aver,
Señor fremosa des que vos amei.

202.

Señor fremosa, pois vos vi,
Ouve tan gran coita d' amor
Que non va y querer ben tal moller,
Que seu serviço non lle quer

Per nulla guisa gradecer,
E mal pecad' assi viv' eu
Cuitad', e que demo mi o deu
Cuita pola nunca perder.

Non por al, se non polo seu
Bon parecer da mia Señor,
Que nunca ome mellor,
Tal se deus me leix' aver,
Dela ben, e me mostr' o seu
Bon parecer, que lle deus deu,
Por ja senpr' a mì mal fazer.

Ca deul-a fez, por mal de min,
Mais fremosa de quantas son
No mundo, si deus me perdon;
E vedes que mi ar fez poren;
Fez mi a veer por mal de mì,
Ca non por al, ca poil-a vi,
Nunca m' ar paguei d' outra ren,

Se non dela de que assi
Estou, como vos eu direi;
Que todo quant' aver cuidei
Dela, poil-a vi, e y o en
Vedes, por que o dig' assi

Coidei dela des que a vi
Aver gran coita sen seu ben.

Ja nunca dela cuidei al aver par deus,
Que pod' e val', erg' esta coita que me ven.

203.

Ay eu! que mal dia naci
Con tanto mal quanto me ven,
Querend' ùa dona gran ben,
Que me fez mal, des que a vi;
E faz, e non s' en quer quitar,
E ora faz desejar
Mia mort', e alongar de si.

E mal pecado, viv' assi
Coitado, e sol non acho quen
Se doya de min; e poren
Mia Señor non se dol de mi,
E al me faz se lle pesar
Faz outr' a min se ven queixar
Por en, que culpa non ei y.

E por gran coita teñ' a tal,
Eu, que sol non ll' ouso dizer

O gran mal, que me faz aver,
E desejo senpre mais d' al
De ll' o dizer, mais ei pavor
De pesar muit' a mia Señor,
E calo m' ante con meu mal.

Mais rog' a deus que sab' o mal,
Que me mia Señor faz soffrer,
Que el me faz' ensandecer;
Pois que m' outro ben todo fal,
Ou morrer, se sandeu non for,
Ca esto me seria mellor;
Pois que m' ela, nen deus non val.

204.

Señor fremosa veño vos dizer
De quanto mal a min faz voss' amor,
Que me digades vós, ay mia Señor,
Por deus que vos deo tan bon parecer,
Mia Señor fremosa, que prol vos ten
A vós, de quanto mal me por vós ven.

E pois vos eu amei des que vos vi,
E amo mais de quantas cousas son,

E dized' mi ora, si deus vos perdon,
Pois vos eu outro mal non mereci,
Mia Señor &c.

Pero Señor nunca vos eu ousei
De mia coita nulla ren ementar,
Que mi a min fez o voss' amor levar;
Mais pois per vós tan muito de mal ei,
Mia Señor &c.

205.

Par deus Señor ja eu non ei poder
De non dizer de quanto mal me ven
Por vós, que quero mellor d' outra ren,
Que me fez deus por meu mal ben querer,
Ca me fazedes ja perder o sen,
E o dormir Señor, e praz vos en,
E trage m' en gran coita voss' amor.
Tod' est mal me por vós ven Señor.

Amor me faz viver en coita tal
Por vós Señor, si deus de mal m' anpar,
Qual eu ja nunca poderei mostrar,
Mentre viver, pero non puñ' en al,
E a vós praz de coraçon poren;

Por que trae amor tan en desden,
E faz m' aver de mia morte sabor,
Tod' est mal me por vós ven Señor.

206.

Mais de mil vezes coid' eu en o dia,
Quando non posso mia Señor veer,
Ca lle direi se a vir todavia
A mui gran coita que me faz soffrer,
E poil-a vejo vedes que mi aven;
Non lle digo de quanto coido ren,
Ant' o seu mui fremoso parecer,
Que me faz quanto coido escaecer.

Ca poil-a vejo non lle digo nada
De quanto coid' ante que lle direi,
Ú a non vege par deus mui coitada
Mentre viv', e por deus que farei?
Ca poil-a vejo coido senpr' enton
No seu fremoso parecer, e non
Me nenbra nada, ca todo me fal,
Quanto lle coid' a dizer, e dig' al.

207.

Se eu a deus algun mal mereci,
Gran vingança soub' el de min prender;
Ca me fez mui boa dona veer,
E mui fremos', e ar fez me des y
Que lle quis senpre d' outra ren mellor,
E pois mi aquesto fez nostro Señor
Ar fez ela morrer, e leixou mi.

Viver no mundo, e mal dia naci,
Por eu assi en o mundo viver,
Ú deus sobre mì á tan gran poder
Que m' en o mundo faz viver assi,
Sen ela, ca ben soon sabedor
D' aver gran coita mentre vivo for,
Pois non vir ela, que por meu mal vi.

E por meu mal amigos non morri
Ú eu primeir' oy dela dizer
Que morrera, ca podéra perder,
Vedes qual coita per morrer log' y
A coita de quantas deus fez mayor
En que eu vivo polo seu amor,
Pero que nunca ben dela prendi.

208.

Ai mia Señor, e meu lum' e meu ben!
Per boa fé verdade vos direi;
E Señor nunca vos eu mentirei
Ca vos quero muy mellor d' outra ren,
Non me dê deus de vós ben, nen de si,
Se nunca tan fremosa dona vi,
Como vós, e confonda me poren.

E mia Señor, e meu lum', e meu ben,
Pero que m' eu muitas terras andei,
Nunca y tan fremosa dona achei
Come vós, por que me muito mal ven,
E fez vos deus nacer por mal de mi,
Señor fremosa, ca per vós perdi
Deus, e amigos, e esforç', e sen.

Ca nunca eu no mundo pud' achar,
Des quando me' vos deus fez veer,
Dona que me fezess' escaecer
Vós, a que deus no mundo non fez par;
Ca vos fez de todo ben sabedor,
E se non, deus non me dê voss' amor,
Nen vosso ben, que me faz desejar.

E mal m' ach' eu que non querri' achar
De toda ren, se vol' eu vin dizer,
Por ben que nunca de vós coid' aver,
Nen ar digo por vos prazentear,
Mais por que dig' a verdade Señor,
Ca vos vejo parecer mui mellor
Das outras donas, e mellor falar.

Tod' aquesto por mal de mi é;
Ca morrerei cedo por boa fe
Por vós, ca me vej' eu de guis' andar.

209.

Ay eu coitado! e quand' acharei
Quen me dê consello como possa yr
A un logar ù eu querria yr,
E non posso, nen ar poss' achar
Me dê consello como possa yr
Veel-a dona, que por meu mal vi,
Mais fremosa de quantas donas vi.

E por que moiro querendo lle ben,
Ca tan fremosa dona nunca fez
Nostro Señor, de quantas donas fez,

Nen tan comprida de tod' outro ben,
Por esta moiro, que deus a tal fez,
E non ll' o disse se me valla deus;
Ca non ousei assi me valla deus,

Ca me quis antes mia coit' andurar,
Quen ca me perder con tan boa Señor,
A que deu tantò ben nostro Señor,
E quero m' ante mia coit' andurar;
Mais rogarei tanto nostro Señor
Que el me lev' ù a possa veer,
Ca muit' á já que non pude veer

Niun prazer, ca non fuy a logar,
Ú a eu viss', e por aquesto non
Vi nunca mais prazer, nen ja mais non
Mi ar veerei, se non for a logar
Ú veja ela, ca sei eu que non
Verei prazer, e senpr' averei mal,
Se non vir ela, que vi, por meu mal.

E meus amigos se non est assi,
Non me dè deus dela ben, nen de si.

E se non leve deus ù son os seus
Estes meus ollos, que vejan os seus.

E se os viren veran gran prazer,
Ca muit' á que non viron gran prazer.

Leve os deus cedo, que pod' e val,
Ú verán ela, que tan muito val.

210.

Que muit' á ja que a terra non vi
Ú est a mui fremosa mia Señor,
De que m' eu trist' e chorando parti,
E muit' anvidos' e mui sen sabor,
Por que me disse que me partiss' en,
Ay mia Señor, e meu lum', e meu ben,
Mais fremosa das donas que eu vi.

E meus amigos, por meu mal a vi
Das outras donas parecer mellor,
E fez mi a deus veer por mal de mi,
Meus amigos, ca de pran a mayor
Coita do mundo vi oge poren,
Como querer lle mellor d' outra ren;
E non a vej', amigos, ù a vi.

Mais ù mi a deus primero fez veer,
Mais me valèra de morrer enton,

Pois que mi a deus tan gran ben fez querer
Que ben mil vezes, si deus me perdon',
Esmoresco no dia que non sei
Que me faço, nen que digo tante y,
Amigos, gran coita pola veer.

211.

Joana, dix' eu Sancha, e Maria,
En meu cantar, con gran coita d' amor;
E pero non dixe por qual morria,
De todas tres, nen qual quero mellor,
Nen qual me faz por si o sen perder,
Nen qual me faz ora por si morrer,
De Joana, de Sancha, de Maria.

Tant' ouve medo que lle pesaria,
Que non dixe qual era mia Señor
De todas tres, nen a por que morria,
Nen a que eu vi parecer mellor
De quantas donas vi, e mais valer
En todo ben non a quige dizer,
Tant' ouve medo que lle pesaria.

E pero mais toller non me podia
Do que me tolle, pero m' ey pavor

Tolle mi o corpo que ja nunca dia
Estê nen noite, que aja sabor
De min, nen d' al que mia mais a toller,
Nen vej' ela, que moiro por veer,
Que est o mais que me toller podia,

E por aquest' eu viver non querria
Per boa fé, ca vivo na mayor
Coita do mundo des aquel dia
Que a non vi, ca non ouve sabor
De min nen d' al, nen vi nunca prazer,
E pois me vej' en tal coita viver,
Deus me confonda se viver querria.

Ca esta dona me tolleu poder
De rogar deus, e feze o me perder
Pavor de morte que ante avia.

212.

Ora vej' eu que fiz muy gran folia,
E que perdi ali todo meu sen
Por que dixe ca querria gran ben,
Joan' ou Sancha que dixe ou Maria,
Ca por aquesto que eu dixe aly

Me soube log' ùa dona de si
Daquestas tres que por ela dizia.

E por quant' eu esto dixe devia
Mort' a prender per boa fe, poren,
Por que dixe ca querria gran ben
Joan' ou Sancha que dixe ou Maria,
Ca por aquesto que eu fuy dizer,
Mi ouvu o gran ben que lle quero a saber
Esta dona, que ante non sabia.

Ca non soubera que lle ben queria
Esta dona, se non por meu mal sen,
Por que dixe que queria gran ben,
Joan' ou Sancha que dixe ou Maria,
E des que soub' esta dona por mi,
Ca lle queria ben, de senpre des y
Me quis gran mal, mayor non poderia.

Por mui gran ben que lle quis toda via,
Des que a vi que me soube poren,
Por que dixe ca queria gran ben
Joan' ou Sancha que dixe ou Maria,
E des que ouv' esta dona poder
De min gran ben, que ll' eu quero saber,
Nunca mi ar quis veer des aquel dia.

213.

Que muitos que mi andan preguntando
Qual es la dona que quero gran ben,
Se é Joana, se Sancha, se quen,
Se Maria, mais eu tan coitad' ando,
Cuidando en ùa destas tres que vi,
Polo meu mal, que sol non lles torn' y,
Nen lles falo, se non de quand' en quando.

E vou me d' antr' as gentes alongando
Por tal que me non pregunten poren,
Per boa fe, ca non por outra ren,
E van m' elas a meu pesar chamando,
E preguntando m' apesar de mi
Qual est a dona que me faz assi
Por si andar en gran coit' an que ando.

E faço m' eu delas maravillado,
Pois m' y no an consello de poner,
Por que morren tan muito por saber
A dona por que ando coitado,
Non lle la digo por esta razon
Ca por dizer l' asi deus me perdon,
Non mi poran consello, mal pecado.

Poren todo ome devia acordado
Que sen ouvesse d' aquest' a seer,
De nunca ir tal pregunta fazer;
Ca per que en seria castigado,
Castigar sen pelo seu corazon
Qual per assi non quisesse que non
Disesse a outre nunca per seu grado.

E elas van me gran pesar dizer
No que lles nunca prol no á d' aver
Per que destorvan min de meu coidado.

Mail-o que vai tal pregunta fazer
Deul-o leixe moller gran ben querer,
E que ar seja d' outre preguntado.

214.

Ora vej' eu que xe pode fazer,
Nostro Señor quanto xe fazer quer,
Pois me tan boa dona fez morrer,
E mi ora fez veer outra moller,
Per boa fe que amo mais ca mi,
E nunca me deus valla poil-a vi,
Se me non fez' tod' al escaecer.

Tanto a vi fremoso parecer,

E fremoso falar, que sol mester
Non m' ouvera per ren de a veer;
E se vos eu verdad' non disser
Non me dê deus dela ben nen de si,
Ca nunca tan fremosa dona vi
De quantas donas pude connocer.

E por a tal coido senpr' a viver
En grave coita, mentr' eu vivo for,
Ca me fez ela muy gran coyt' aver,
De que ja mais non será sabedor
Nunca per min, ca eu non ll' a direi
Mal pecado, nen amigo non ei,
Que ll' a nunca por min queira dizer.

Ca me non posso oj' amigo saber,
Nen mi o quis nunca dar nostro Señor
Tal que por min lle fezess' entender,
Com' oj', e moiro polo seu amor;
E pois que eu tal amigo non ei,
Morrer poss' eu, mais nunca llo direi;
Pero me vejo por ela morrer.

Pero se ll' o por min disse alguen,
Ben coido dela que non desse ren;
Nen por mia morte, nen por eu viver.

215.

Non me poss' eu mia Señor defender
Que me non mate cedo vosso amor,
Se m' eu de vós partir, ay mia Señor,
Pois mi aqui ven ante vós cometer.
    Ca pois mi amor ante vós quer matar,
    Matar xe mi á, se me sen vós achar.

E mia Señor al vos quero dizer
De que sejades ende sabedor,
Non provarei eu mentr' eu vivo for
De lle fogir, ca non ei en poder.
    Ca pois &c.

Pois mi ante vós en tan gran coita ten,
E me tolleu mia Señor o dormir,
Non quer' eu ja provar de me partir
D' ù fordes vós ca faria mal sen.
    Ca pois &c.

216.

Quantos oj' eu con amor sandeus sei
Dizen, si deus me leixe ben aver,

Que dona lles fez o sen perder
Mellor de quantas oj' en o mund' á,
Se verdad é, sei eu a dona ja;
Ca tal dona si deus a mi perdon,
Non á no mundo se mia Señor non.

Ainda vos outra cousa direi:
O todos estes eu ouço dizer
Que á mellol-os fez ensandecer
Dona do mundo, mais s' é verdade,
Log' eu a don' sei, per boa fe;
Ca tal dona &c.

S' é verdade que eles por a tal
Dona, qual dizen, perderon no sen,
Pola mellor do mundo, e son por en
Sandeus, e non an d' outra ren sabor,
Non son sandeus, se non por mia Señor;
Ca tal dona &c.

217.

Mentre non soube por min mia Señor
Amigos, ca lle queria gran ben,
De a veer non lle pesava en,
Nen lle pesava dizer lle Señor;

Mais alguen foy que lle disse por min,
Ca lle queria gran ben, e des y
Me quis gran mal, e non mi ar quis veer
Confonda deul-o que ll' o foy dizer.

De me matar fezera mui mellor
Quen lle disse ca ll' eu queria ben,
E de meu mal non lle pesava en;
El fezera de me matar mellor;
Ca, meus amigos, des que a non vi,
Desejo morte que senpre temi.
E ei tan gran coita pola veer
Qual non posso, amigos, nen sei dizer.

A esta coita nunca eu vi par;
Ca esta coita peor ca morte é;
Poren sei eu ben per boa fe
Que non fez deus a esta coita par;
Ca pero vej' ù é mia Señor, non
Ous' ir veel-a, si deus me perdon,
E non poss' end' o coraçon partir,
Nen os ollos mais non ous' ala ir.

E quando a terra vej' e o logar
E vej' as casas ù mia Señor é,
Vedes que faz enton per boa fé,

Pero mais casas vej', e o logar
Non ous' ir y, e peç' a deus enton
Mia morte muit' e mui de coraçon,
E choro muit', e ei m' end' a partir,
E non vou y, nen sei pera ù ir.

218.

Fiz meu cantar e loei mia Señor
Mais de quantas outras donas eu vi,
E se por est' an quexume de min
As outras donas, ou mi an desamor,
Ajan de seu quen delas diga ben,
E a quen façan muito mal por en,
Ca ben assi faz a min mia Señor,

E mais fremosa dona nen mellor
De quantas oj' eu sei, per boa fé,
E vejan que faran ca já si é,
E se me por aquest' an desamor,
Ajan de seu quen as loe enton,
Nunca les por en faça, se mal non;
Ca non faz a mì a miña mellor.

E se m' eu ei de mi a loar sabor,
Non an poren por que se mi assañar,

Mais ar ajan de seu quen as loar,
E a quen ajan por en desamor,
Com' a mì faz aquella que eu já
Loarei senpr'; e sei ben que non á
De fazer a min ben niun sabor.

219.

Ca se m' algun ben quisesse fazer
Ja que quem eu fezera entender,
Des quant' á que a fillei por Señor,
Agora viv' eu como querria veer
Viver quantos me queren mal,
Que non vissen prazer de si nen d' al,
Com' eu fiz senpre des aquel' dia
Que eu mia Señor non pud' veer,
Se nunca depois ar vi prazer,
Deus no me valla que poderia.

E quen vivess' assi viveria
Per boa fe en gran coita mortal,
C' assi viv' eu por ùa dona qual
Sab' oge deus e Sancta Maria,
Que a fezeron mellor parecer
De quantas donas vi, e mais valer,
En todo ben, e ben veeria

Quen visse mia Señor, e diria:
Eu sei ben por ela, que é tal
Como vos eu dig', e se me non val
Deus, que mi amostre ja non guarria
Eu mais no mundo, ca non ei poder
De ja mais aquesta coita soffrer
Do que soffri, e desejaria

Muito mia mort', e querria morrer
Por mia Señor, a que prazeria;

E por gran coita en que me viver
Vejo por ela que poderia.

220.

Senpr' ando coidando en meu coraçon
Com' eu iria mia Señor veer,
E en como ll' ousaria dizer
O ben que ll' eu quero, e sei que non
Ll' ousarei end' eu dizer nulla ren,
Mais veel-a-ei pouc', e irei en
Con mui gran coita en o meu coraçon.

Val que se avir quantas cousas son
En o mundo non mi á de guarecer

De morte, pois lle non ousar dizer,
O ben que ll' eu quero, e poren non
Me sei consello, nen sei ora ben
Se prove d' ir y, se non é meu sen,
E meus consellos todos aqui son.

E assi guaresc' a mui gran sazon
Coidando muit', e non sei que fazer,
Mais pero pois lle non ei a dizer
O ben que ll' eu quero, teño que non
É mia prol d' ir y, mais sei al poren
Que morrerei se a non vir, e qu' en
Soffr' eu tantas coitas, tan gran sazon.

E veo outre por quem mi o non ten
Por seu, e moir', asi deus me perdon'.

221.

Nostro Señor, e ora que será
De min que moiro por que me parti
De mia Señor muy fremosa que vi
Polo meu mal, e de mi que será
Nostro Señor, eu ora que farei
Ca de pran niun consello non ei,
Nen sei que faça, nen que xe será

De mi que moiro, e non me sei já
Niun consello outro senon morrer,
E tan bon consello non poss' aver
Pois que non coido nunca veeria
Esta Señor, que por meu mal amei,
Des que a vi, e am', e amarei
Mentr' eu viver, mais non viverei ja,

Mais des aqui de pran per nulla ren,
Coidando senpre no meu coraçon,
No muy gran ben que ll' oj' eu quero, e non
Na veer, nen a coid' ar ja per ren
Aveer, e con aqueste coidar;
Coid' a morrer; ca non poss' y osmar
Com' eu poss' a viver, per nulla ren.

Poil-a non vej' e coid' en quanto ben
Lle vós fezestes, en todo ar coid' al,
En com' a min fezestes muito mal,
Pois ja quisestes que ll' eu tan gran ben
Quisesse, non mi o fazerdes alongar
De a veer, e tan a meu pesar
Nostro Señor, ù me faredes ben.

Ala fe, nen ll' ur aquesto sei já,
Ca se a non vir nunc' auverei ren.

222.

Por mia Señor fremosa, quer' eu ben
A quantas donas vej', e gran sabor
Ei eu de as servir por mia Señor,
Que amo muit', e farei ũa ren;
Por que son donas querrei lles fazer
Serviço senpr', e querrei as veer
Senpr' eu poder, e dizer delas ben,

Por mia Señor, que quero muy gran ben,
Que servirei ja mentr' eu vivo for;
Mais en quant' ora non vir mia Señor,
Servirei as outras donas poren;
Por que nunca vejo tan gran prazer
Com' en veel' as; pois non ei poder
De veer mia Señor, que quero ben.

Ca de pran est' é oge mais de ben,
Que ei, pero que soon sabedor
Que assi morrerei por mia Señor,
Veed' as outras perdendo meu sen,
Por veer ela que deus quis fazer,
Señor, das outras en ben parecer,
E en falar, e en tod' outro ben.

E por aquesta coid' eu a morrer,
A que deus fez, por meu mal, tanto ben.

223.

Nunca fiz cousa de que me tan ben
Achasse, com' é de quanto servi
Senpr' ũa dona, des quando a vi,
Que amei senpre mais ca outra ren,
Ca de pran quanto no mundo durei
Os dias que a servi, ganey;
E tantos ouv' end' a prazer de mi.

E teño que me fez deus mui gran ben
En me fazer tan boa don' amar,
E de a servir, e non m' enfadar,
Nen tenell'-o mal que me faz en ren,
E de me dar coraçon de tener
Por ben quanto m' ela quiser fazer,
E atender tenp', e no me queixar.

E de pran senpre, des que ll'eu quis ben,
Mayor ca mi, e con mayor razon,
Senpr' eu coidei que verria sazon
Que ll' ousaria, en algua ren,
Dizer do ben que ll' eu quer', e estou

Atendend' aquel tenp', e non chegou;
Pero estou led' en meu coraçon.

Por que quero tan boa dona ben,
De que sei ca nunca me mal verrá;
Ca se morrer por ela prazer-mi-á,
Se mi ar quiser fazer algua ren,
Como non moira fará mui mellor,
E ben o pode fazer mia Señor,
Ca tod' aqueste poder ben o á.

224.

E en fazer en min quanto quiser,
E en valer mui mais d' outra moller,
En parecer, e en tod' outro ben,
Señor fremosa, vejo vos queixar
Por que vos am', e amei, pois vos vi,
E pois vos desto queixades de mi,
Se en dereito queredes fillar
A quen aqui é no vosso poder,

Pois vós de min non queixades por al,
Senon porque vos quero mui gran ben,
E vejo que vos queixades por en,
Señor de min, e meu ben, e meu mal,
A quen aqui é no vosso poder.

Señor se vós tenedes por razon
D' eu por aquesto ja morte prender,
Non ei eu quen me de vós defender,
E poren coita do meu coraçon,
A quen aqui é no vosso poder.

225.

De mort' é o mal que me ven;
Muit' é tan grave de soffrer,
Que já mais, en quant' eu viver,
Se de mia Señor non ei ben,
Nunca me pode toller al
Mal, nen gran coita, senon mal

De morte, pois que eu sei ben
Que de mia Señor muit' amar
Non ei poder de me quitar;
Poren se dela ben non ei,
Nunca me pode &c.

De morte, ca en quant' eu for
Vivo, desejarei o seu
Ben, e por aquesto sei eu,
Se ben non ai de mia Señor,
Nunca me pode &c.

De morte, ca tod' outro mal
D' amor, sei eu ca me non fal.

226.

Ay mia Señor, a tanto lle farei,
Quero ll' eu ja soffrer tod' outro mal,
Que me faça; pero direi vos al
De pran, aquesto lle non soffrerei,
D' eu estar muito que a non veja.

Soffrer quero de nunca lle dizer
Qual ben lle quero no meu coraçon;
Pero m' é grave, se deus me perdon',
Mais de pran esto non posso soffrer,
D' eu estar muito que a non veja.

E soffrer ll' ey quanta coita me dá,
E quant' affan outro mi aver fezer,
E ela faça y, como quiser;
Mas de pran esto non soffrerei já,
D' eu estar muito que a non veja,
Ca non posso que morto non seja.

227.

Sazon sei ora, fremosa mia Señor,
Que eu avia de viver gran sabor,
Mais soon por vós tan coitado d' amor
Que me faz ora mia morte desejar.

Pois neun doo non avedes de mi,
Señor fremosa, grave dia vos vi,
Ca soon por vós tan coitado des y,
Que me faz ora mia morte desejar.

228.

Gradesc' a deus que me vejo morrer
Ante que mas me soubessen meu mal,
Ca receci saberen mi o mais d' al,
E os que cuidan mais end' a saber,
Praz me muito por que non saben ren
De que moiro, nen como, nen por quen.

De m' entenderen avia pavor
O que m' eu sei en o meu coraçon,
Mas ja que moir', assi deus me perdon',
Os que viveren, pois eu morto for,
Praz me muito &c.

Pero choravan estes ollos meus
Con mui gran coita, senpre me calei,
Que nunca dix' ùa cousa que sei;
Mais como quer que mi o aja con deus
Praz me muito &c.

E ben teño que me fez deus y ben;
Por que mia coita non forçou meu sen.—

229.

Pois o vivo mal que eu soffro puñei
De o negar, assi deus me perdon,
E queren deviñar meu coraçon,
E non poden, mai-lo mal que eu ei,
Pois que eu puño senpre, en o negar,
Maldito seja quen mi o deviñar.

E non póde per mi saber meu mal
Sen deviñal-o, nen ei eu pavor,
Nen ja per outr', en quant' eu vivo for,
O que eu cuid', e digo que cuid' al,
Pois que eu &c.

230.

Nostro Señor quen m' oj' a min guisasse
O que eu nunca guisad' averei,
A meu cuidar per quanto poder ei,
Ca non sei oj' eu quen s' aventurasse,
Ao que m' eu non ous' aventurar;
Pero me vej' en mayor coit' andar,
Ca outra coita, que oj' om' achasse.

Algun amigo meu se s' acordasse
E acordado foss' en me partir
Ante da terra, e leixasse m' ir;
E pois eu ido fosse ele chegasse
Ú de chegar eu ei mui gran sabor,
Ú est a mui fremosa mia Señor;
E ll' o gran ben que ll' eu quero contasse,

E me dissesse, pois sè lle pesasse,
Per om' m' a mi pesaria muit' en,
Se deus me valla, mas faria ben,
Quand' eu viss' ela, pois que lle jurasse,
Qual mayor jura soubesse fazer,
Que nunca lle soubera ben querer,
En tal razon per que m' ela strañyasse.

E des y pois que m' eu assi salvasse,
Se deus me salve, que nunca o meu
Mal, mais diria de mia coita eu
A mia Señor, pero que me matasse
O seu amor que xe me matará,
E o sei ced' ù al non averá
Ca nunca foi quen tal coita levasse,
Com' eu levo, nen foi quen s' end' osmasse.

231.

Quand' eu mia Señor con vosco falei,
E vos dixe ca vos queria ben,
Señor, se deus me valla, fiz mal sen
E per como m' end' eu depois achei,
Ben entendi fremosa mia Señor,
Ca vos nunca poderia mayor

Pesar diser, mas non pud' eu y al
Mia Señor, se deus me valla, fazer,
E fui vol-o con gran coita dizer;
Mas pero m' eu depois m' ind' achei mal,
Ben entendi &c.

Pesar dizer, e mal dia naci,
Por que vos vi dizer tan gran pesar,

E por que m' end' eu non pude guardar;
Ca por quant' eu depois por en perdi,
Ben entendi &c.

Pesar dizer do que vos dix' enton,
Mais se menti, ja deus non me perdon'.

232.

Por deus Señor tan gran sazon
Non cuidei eu a desejar
Vosso ben, a vosso pesar,
E vedes Señor que non:
Ca non cuidei sen voso ben
Tanto viver, per nulla ren.

Non ar cuidei des que vos vi
O que vos agora direi,
Mui gran coita, que per vos ei,
Sofrel-a quanto a sofri:
Ca non cuidei &c.

Nen ar cuidei depois d' amor
A soffrer seu ben, nen seu mal,
Nen de vós, nen de deus, nen d' al,
E direi vos por que Señor,
Ca non cuidei &c.

233.

Señor que grav' oj' a mi é
De me aver de vós a partir;
Ca sei de pran, pois m' eu partir
Que mi averrá, per boa fé:
Averei, se deus me perdon',
Gran coita no meu coraçon.

E pois partir os ollos meus
De vós, que eu quero gran ben,
E vos non viren, sei eu ben
Que mi averrá Señor, par deus,
Averei se deus &c.

E se deus m' algun ben non der
De vós, que eu por mal vi,
Tan grave dia vos eu vi,
Se de vós grado non ouver,
Averei se deus &c.

234.

O meu Señor me guisou
De senpr' eu já coita soffrer

En quanto no mundo viver,
Ú m' el a tal dona mostrou
Que me fez fillar por Señor,
E non ll' ouso dizer Señor.

E se deus ouvo gran prazer
De me fazer coita levar,
Que ben s' end' el soube guisar
U me fez tal dona veer,
Que me fez fillar &c.

Se m' eu a deus mal mereci,
Non vos quis el muito tardar,
Que se non quisese vingar
De mi ù eu tal dona vi,
Que me fez fillar &c.

235.

....
.... çon,
E gran dereito faç', e mui gran razon,
Señor, ca nunca outra dona vi
Tan mansa, nen tan a posto catar,
Nen tan fremosa, nen tan ben falar,

Come vós, Señor, e pois assi é,
Mui gran dereito faç' en vos querer
Mui gran ben, ca nunca pude veer
Outra dona Señor, per boa fé,
    Tan mansa &c.

Come vós, por que cedo morrerei;
Pero direi vos ant' ùa ren:
Dereito faç' en vos querer gran ben,
Ca nunca dona vi, nen veerei,
    Tan mansa &c.

236.

Quando m' eu mui triste de mia Señor,
Mui fremosa, sen meu grado quitei,
E s' ela foi, mesquiñe eu fiquei,
Nunca me valla min nostro Señor
    Se eu cuidasse que tanto vivèra,
    Sen a veer, se ante non morrèra.

Ali ù eu dela quitei os meus
Ollos, e me dela triste parti,
Se cuidasse viver quanto vivi,
Sen a veer, nunca me valla deus
    Se eu cuidasse &c.

Ali ù m' eu dela quitei, mas non
Cuidei que tanto podesse viver
Como vivi, sen a poder veer,
Ca nostro Señor nunca me perdon'
Se eu cuidasse &c.

237.

Amigos, non poss' eu negar
A gran coita que d' amor ei;
Ca me vejo sandeu andar
E con sandece o direi:
Os ollos verdes que eu vi
Me facen ora andar assi.

Pero quem quer x' entendera
Aquestes ollos quales son,
E dest' alguen se queixára,
Mais eu ja, quer moira, quer non,
Os ollos verdes &c.

Pero non devia perder
Ome que ja o sen non á,
De con sandece ren dizer,
E con sandece digu eu já:
Os ollos verdes &c.

238.

Señor veedes me morrer
Desejando o vosso ben,
E vos non doèdes por en ren,
Nen vos queredes en doer:

»Meu amig', en quant' eu viver,
Nunca vos eu farei amor,
Per que faça o meu peor.

Mia Señor por deus que vos fez,
Que me non leixedes assi
Morrer, e vos faredes y
Gran mesura, con muy bon prez
Direi vol' amig' outra vez:

»Meu amig' &c.

Mia Señor que deus vos perdon':
Nenbre vos quant' affan levei
Por vós, ca por vós morrerei;
E forçad' esse coraçon,
Meu amig', ar direi que non.

239.

Ú m' eu parti, d' ù m' eu parti
Log' eu parti
Aquestes meus ollos de veer,
E par deus quanto ben avia, perdi;
Ca meu ben tod' era 'n veer,
E mais vos ar quero diser;
Pero vejo nunca ar vi.

Ca non vej' eu, pero vej' eu
Quanto vej' eu non m' é mal ren;
Ca perdi o lume poren,
Por que non veja quen me deu
Esta coita que oj' eu ey,
Que já mais nunca veerei,
Se non vir o parecer seu.

Ca ja ceguei, quando ceguei,
De pran ceguei eu, log' enton,
E ja deus nunca me perdon',
Se ben vejo, nen se ben sei;
Pero se me deus ajudar,
E me cedo quiser tornar,
Ú eu ben vi, ben veerei.

240.

A boa dona por que eu trobava,
E que non dava nulla ren por mi,
Pero s' ela de min ren non pagava,
Soffrendo coita sempre a servi,
E ora ja por ela ensandeci;
E dá por mi ben quanto x' ante dava.

E pero x' ela con bon prez estava,
E con bon parecer que ll' eu vi,
E lle sempre con meu trobar pesava,
Trobei eu tanto, e tanto a servi,
Que ja por ela lum' e sen perdi,
E anda x' ela por qual x' ant' andava

Por de bon prez, e muito se presava,
E dereit' é de sempr' andar assi,
Ca se ll' alguen na mia coita falava,
Sol non oya, nen tornava y;
Pero por coita grande que soffri,
Oy mais ey dela quant' aver coidava:

Sandece e morte, que busquei sempre y:
Seu amor me deu quant' eu buscava.

241.

Amigos, quero vos dizer
A mui gran coit' an que me ten
Úa dona que quero ben,
E que me faz ensandecer,
E catando pola veer,
Assi and' eu, assi and' eu,
Assi and' eu, assi and' eu.

E ja meu consello non sei;
Ca ja o meu adubad' é,
E sei mui ben, per boa fe,
Que ja sempr' assi andarei
Catando se a veerei,
Assi and' eu, &c.

E ja eu non posso chorar,
Ca ja chorand' ensandeci,
E faz mi amor andar assi,
Como me veedes andar,
Catando per cada logar,
Assi and' eu, &c.

E já o non posso negar:
Alguen me faz assi andar.

242.

Quantos an gran coita d' amor
En o mundo, qual oj' eu ei,
Querrian morrer, eu o sei,
E averian en sabor;
Mais mentr' eu vos vir mia Señor,
    Sempre m' eu querria viver:
    E atender, e atender.

Pero ja non posso guarir,
Ca ja cegan os ollos meus
Por vós, e non me val y deus,
Nen vós, mais por vos non mentir,
En quant' eu vos mia Señor vir,
    Sempre m' eu &c.

E teño que fazen mal sen
Quantos d' amor coitados son
De querer sa mort', e se non
Ouveron nunca d' amor ben
Com' eu faço, Señor, e poren
    Sempre m' eu &c.

243.

Gran sazon á que eu morrera ja,
Por mia Señor, desejando seu ben;
Mas ar direi vos o que me deten
Que non per moir', e direi vol-o já,
Falan me dela, e ar vou a veer
Já quant' esto me faz ja viver.

E esta coit' an que eu viv' assi,
Nunca en parte soube mia Señor,
E vou vivend' a gran pesar d' amor,
E direi ja por quanto viv' assi,
Falan me dela &c.

Non viv' eu ja se per aquesto non:
Ouç' eu as gentes no seu ben falar,
E ven amor logo por me matar,
E non guaresco, se per esto non:
Falan me dela &c.

E viverei mentre poder viver,
Ca pois por ela me ei a morrer.

———

244.

Se m' ora deus gran ben fazer quisesse,
Non m' avia mais de tant' a fazer
Leixar m' aqui ù m' ora 'stou viver,
E do seu ben nunca m' el outro desse;
Ca ja sempr' eu veeria d' aqui
Aquelas casas ù mia Señor vi,
E cata la ben quanto m' eu quisesse.

Par deus Señor viçoso viveria,
E en gran ben, e en mui gran sabor,
Veel' as casas ù vi mia Señor,
E cata la quant' eu cataria
Mentr' eu daquest' ouvess' o poder;
Daquelas casas que vejo veer,
Nunca en ja os ollos partiria.

Daqui vej' eu Barcelos e Faria,
E vej' as casas ù vi alguen,
Per boa fe, que me nunca fez ben;
Vedes por que: por que xe non queria;
E pero sei que me matar' amor,
En quant' eu fosse daqui morador,
Nunca eu ja d' el morte temeria.

E esso pouco que ei de viver
Vivel-o-ya a mui gran prazer;
Ca mia Señor nunca mi o saberia.

245.

Estes meus ollos nunca perderan
Señor gran coita, mentr' eu vivo for,
E direi vos, fremosa mia Señor,
Destes meus ollos a coita que an:
    Choran e cegan quand'alguen non veen,
    E ora cegan por alguen que veen.

Guisado teen de nunca perder
Meus ollos coita, e meu coraçon,
E estas coitas Señor miñas son;
Mais los meus ollos, por alguen veer,
    Choran e cegan &c.

E nunca ja poderei aver ben;
Pois que amor ja non quer, nen quer deus;
Mais os cativos destes ollos meus
Morrerán sempre por veer alguen:
    Choran e cegan &c.

246.

Cuidou s' amor que logo me faria,
Per sa coita, o sen que ei perder;
Pero nunca o podo fazer,
Mais aprendeu outra sabedoria:
Quer me matar mui cedo por alguen,
E aquesto pod' el fazer mui ben;
Ca mia Señor esto quer todavia.

E ten s' amor que demandei folia
En demandar o que non poss' aver,
E aquesto non poss' eu escoller,
Ca logo m' eu en al escolleria:
Escolleria, mentr' ouvesse sen,
De nunca ja morrer, por nulla ren,
Ca esta morte non é lograria.

Y que de coita levei en Faria,
E vin aqui a Segobia morrer;
Ca non vej' y quen soya veer,
M' eu pouque pouque per esso guarria,
Mais pois que ja non posso guarecer,
A por que moiro vos quero dizer:
Di alguen este é filla de Maria.

E o que sempre neguei en trobar
Ora o dix', e pes' a quen pesar;
Pois que alguen acabou sa perfia.

247.

Esso mui pouco que oj' eu falei
Con mia Señor; gradecio a deus,
E gran prazer viren os ollos meus,
Mais do que dixe gran pavor per ei;
    Ca me trem' assi o coraçon,
    Que non sei se ll' o disse, se non.

Tan gran sabor ovu' eu de lle dizer
A mui gran coita, que soffr' e soffri
Por ela, mais tan mal dia naci,
Se ll' o oj' eu ben non fiz entender;
    Ca me trem' assi o coraçon &c.

Ca nunca eu falei con mia Señor,
Se non mui pouc' oje, derei vós al:
Non sei se me ll' o dixe ben, se mal,
Mais do que dixe estou a gran pavor;
    Ca me trem' assi o coraçon &c.

A quen muito trem' o coraçon,
Nunca ben pod' acabar sa razon.

248.

Vedes Señor, quero vos eu tal ben
Qual mayor posso no meu coraçon,
E non diredes vós poren de non.

»Non amigo; mais direi me outra ren:
Non me queredes vós a mi mellor
Do que vos eu quer', amig' e Señor.

Ú vos non vejo...............
Se deus me valla, de ren, nen de mi,
E non diredes que non est assi.

»Non amigo; mas quero me al dizer:
Non me queredes &c.

Amo vos tanto que eu ben sei
Que non podia mais, per boa fe;
E non diredes que assi non é.

»Non amigo; mas al me vos direi
Non me queredes &c.

249.

Quisera m' ir: tal consello prendi
Fuy coitad', e tornei me poren;
E tod' ome que me consellar ben,
Consellar m' á que more senpr' aqui,
Por un dia que mia Señor non vi,
D' á tant' ouvera morrer con pesar.
Quen me quiser veña m' aqui buscar.

Tod' ome, que souber meu coraçon,
Nulla culpa non me dev' a poer,
Por eu morar ù podesse veer
A mia Señor, por que moiro; ca non
M' ei a partir d' aqui, nulla sazon,
Aguardando que lle possa falar.
Quen me quiser &c.

Nostro Señor, e quen me cousirá
Daqui morar, ca ja ir me cuidei,
E fuy coitado, como vos direi,
Que nunca ja tan coitado será
Ome no mundo; mais vos direi já
D' outra tal coita me quer' eu guardar.
Quen me quiser &c.

Deul-o sabe que me quisera ir,
De coraçon, morar á cas' del rey:
Mais direi vos por que o leixei:
Por amor, que mi o non quis consentir;
E pois amor non me leixa partir
Da mia Señor, nen daqueste logar,
Quen me quiser &c.

250.

Desej' eu muit' a veer mia Señor;
Pero sei que pois ant' ela for,
Non ll' ei a dizer ren
De com' oj' eu averia sabor;
E lle estaria ben.

Pola veer moiro, e pola servir;
E pero sei que pois m' ant' ela vir,
Non ll' ei a dizer ren
De com' oj' eu poderia guarir;
E lle estaria ben.

Se ll' al disser non me dirá de non;
Mais da gran coita do meu coraçon
Non ll' ei a dizer ren,
Que ll' eu diria en boa razon;
E lle estaria ben.

Pero ei gran sabor de lle falar,
Quando a vejo, por lle non pesar,
Non ll' ei a dizer ren
De com' eu poderia led' andar,
E lle estaria ben.

251.

Ay deus! que coita de soffrer,
Por aver gran ben a querer
A quen non ousarei dizer;
Da mui gran coita que me ten
Non ll' ouso dizer nulla ren.

Ja senpr' en coita viverei,
C' amo qual dona vos direi,
A que dizer non ousarei;
Da mui gran coita &c.

Se lle d' al quiser ementar,
Sol non ll' en crecera pesar,
Pero non ll' ousarei falar;
Da mui gran coita &c.

252.

Ay deus! Como ando coitado d' amor,
E se o for dizer a mia Señor,
Logo dirá que lle digo pesar,
E quero mi ante mia coit' andurar,
Ca lle dizer, quando a vir, pesar.

Pero m' eu moiro querendo lle ben,
Se lle disser a coit' an que me ten,
Logo dirá que lle digo &c.

Ben moira se al dizer quiser,
Mais se lle ren de mia coita disser.
Logo dirá que lle digo &c.

253.

En gran coita vivo Señor
A que me deus nunca quis dar
Consello, e quer se me matar,
E a min seria mellor,
E por meu mal se me deten,
Por vingar vos mia Señor ben
De min, se vos faço pesar.

E assi ei eu a morrer,
Veendo mia mort' ante mi,
E nunca poder fillar y
Consello, nen o atender
De parte do mundo, e ben sei,
Señor, que assi morrei;
Pois assi é vosso prazer.

E ben o podedes fazer,
Se vos eu morte mereci;
Mais por deus guardade vos y;
Ca tod' é en vosso poder,
E Señor preguntar vos ey;
Por serviço que vos busquei,
Se ei poren mort' a prender.

254.

Nostro Señor en que vos mereci,
Por que me fostes tal Señor mostrar,
A mais fremosa que eu nunca vi,
A que non ouso nulla ren falar,
Pero a vejo non ll' ouso dizer
A mui gran coita que me faz aver,
Y mi assi mia coita endurar.

255.

Quero vos eu ora rogar
Por deus, que vos fez, mia Señor,
Non catedes o desamor,
Que m' avedes, nen o pesar,
Que vos eu faço en vos querer
Ben, e devede la soffrer,
Por deus, e por me non matar.

Ca nunca vos eu rogarei
Por outra ren mentr' eu viver,
Se non que vos jaç' en prazer,
Por deus Señor, esto que sei
Que vos agora é pesar;
Ca vos pesa de vos amar,
E eu non posso end' al fazer;

Ca se eu ouvesse poder
De qual dona quisess' amar,
A tal Señor fora fillar,
Onde cuidasse ben aver;
Mais de vós nunca o cuidei
Aver, Señor, mais avel'-ei,
Mentr' eu viver, a desejar.

E sabedes des que vos vi,
Mia Señor, senpr' eu desejei
O vosso ben, e vos neguei
Meu cor, deste vol'-encobrir;
Mais agora ja por morrer
Se vos pesa, ou por viver,
Se vos prouguer, vol-o direi.

256.

De quant' eu sempre desejei
De mia Señor, non end' ei ren,
E o que muito receei
De me avir, todo me aven,
Ca sempr' eu desejei; mais d' al
Que me pes', a partir m' ei en.

E ja que m' end' a partir ei
Esto pod' ela veer ben:
Que muita guerra lle farei;
Por que me faz partir d' aquen
Ond' eu soon mui natural:
E sei ll' eu un seu ome á tal,
Qual avera morrer por en.

E non o pode defender
De morte, se mi mal fez,

Ca ùa morte ei eu d' aver,
E pois eu a morrer ouver,
Toda via Señor querei
Fillar por mi, e toller ll' ei
Est' ome por que me mal quer.

E pois ll' eu est' ome toller,
Faça m' ela mal se poder,
E non o poderá fazer;
Mais pod' entender, se quiser,
Que log' eu guardado serei
D' ela, e non a temerei
Des que ll' eu esto feit' ouver.

257.

Muitas vezes en meu cuidar
Ei eu gran ben de mia Señor,
Et quant' ali ei de sabor
Se mi ar toma pois en pesar,
Des que m' eu part', e nulla ren
Me non fica daquel gran ben,
E non me sei consell' achar.

D' en acharei ergu en cuidar
Consell', en quant' eu vivo for,

Ca si me ten forçado amor,
Que me faz a tal don' amar,
Que me quer mui gran mal poren,
E por que non sab' amar, ten
Que non pode m' amor forçar.

Mais amor á tan gran poder,
Que forçar pode quen quiser;
E pois que mia Señor non quer
Esto d' amor per ren creer,
Ja mais seu ben non averei,
Se non assi como mi o ei,
Sempr' en cuidal' o posso aver;

Ca deus me deu tan gran poder,
Que mentre m' eu guardar poder
De fala d' om' ou de moller,
Que non poss' este ben perder,
Ca senpr' en ela cuidarei,
E senpr' en ela ja terrei
O coraçon, mentr' eu viver.

258.

Non me poss' eu Señor salvar,
Que muito ben non desejei aver

De vós; mais salvar m' ei
Que non cuidei end' acabar,
Mais do que vos quero dizer;
Cuidei vos Señor a veer;
Tanto ben ovu en cuidar.

E digu este por me guardar
D' ùa cousa que vos direi:
Nen cuidedes que al cuidei,
De vós, mia Señor, a gañar
Señor, que podesse viver
Na terra vosque deus poder
Me leix' aver de senpr' estar.

E dê me poder, de negar,
Senpr' a mui gran cuita que ei
Por vós, ás gentes que sei,
Que puñan en adeviñar
Fazenda d' om' en a saber,
E os que esto van fazer,
Deul-os leix' end' mal achar.

E deul-os leix' assi ficar
Com' eu Señor sen vós fiquei,
U vos vi ir, e non ousei
Ir, con vosco, e de pesar

Ouvera por end' a morrer,
Tan grave me foy de soffrer,
De m' aver de vós aquitar.

259.

De vós Señor querria eu saber,
Pois desejades mia mort' aver,
E eu non moir' e querria morrer,
Que me digades que farei eu y.

Con mia mort' me seria gran ben,
Por que sei ca vos prazeria en,
E pois non moiro veñ' a vós poren,
Que me digades que farei eu y.

Por mia morte que vos vi desejar,
Rogu eu a deus sempr', e non mi a quer dar,
E veño vos mia Señor perguntar:
Que me digades que farei eu y.

Por mia morte roguei deus e amor,
E non mi a dan, por me fazer peor
Estar convosqu', e veñ' a vós Señor:
Que me digades que farei eu y.

260.

Non me queredes, mia Señor,
Fazer ben en quant' eu viver,
E pois eu por vós morto for,
Non mi o podedes fazer;
    Ca non vi eu quen fezesse
    Nunca ben, se non podesse.

Podedes vos nenbrar ben ll' eu
De min, que soffro muito mal
Por vós, e digo vol' ant' eu,
Que pois me non faredes al
    Ca non vi eu &c.

Podedes vos nenbrar de min,
Depois mia morte sen al ren,
E se eu faça boa fin
Non me faredes outro ben;
    Ca non vi eu &c.

Fazede mi, e gracir vol'-ei
Ben, m' entr' ando vivo, ca non
Mi o faredes, eu ben o sei,
Pois eu morrer por tal razon,
    Ca non vi eu &c.

261.

Rogaria eu mia Señor
Por deus que me fezesse ben,
Mais ei dela tan gran pavor
Que lle non ouso falar ren,
    Con medo de se m' assañar,
    E me non querer pois falar.

Diria ll' eu de coraçon
Como me faz perder o sen
O seu bon parecer; mais non
Ous', e tod' aquesto m' aven
    Con medo &c.

Pois me deus tal ventura deu,
Que m' en tamaña coita ten
Amor, senpr' eu ja serei seu,
Mais non a rogarei por en,
    Con medo &c.

262.

Por vos veer vin eu Señor,
Et lume destes ollos meus,

E valla me contra vós deus,
Ca o fiz con coita d' amor;
Ca Señor non ei eu poder
De viver mais sen vos veer.

Aventurei me, vin aqui,
Por vos veer e vos falar,
Et mia Señor se vos pesar,
Fazed' o que quiserdes y,
Ca Señor &c.

Como vós quiserdes será
De me fazerdes mal e ben,
E pois é tod' en vosso sen,
Fazed' o que quiserdes já,
Ca Señor &c.

263.

Meus amigos, pese vos do meu mal,
Et da gran coita que me faz aver
Úa dona que me ten en poder,
E por que moir'; e pois m' ela non val,
Morrerei eu, meus amigos, por en,
Ca ja perdi o dormir e o sen,

Pelo seu ben, et deus non mi o quer dar,
Se non gran coit', en que senpre vivi,
Des que vi ela, que por meu mal vi;
E pois eu tanto viv' a meu pesar,
Morrerei &c.

Pelo seu ben, que desej' e non sei
Se non gran coita que m' ela deu já,
Et se mais vivo, mais mal me fará,
Et poys eu tanto mia fazenda sei,
Morrerei &c.

E coitad' eu, que muito mal me ven,
Por que quero muy boa Señor ben.

264.

Por que non ous' a mia Señor dizer
A muy gran coita do meu coraçon,
Que ei por ela, se deus me perdon',
Veede a coit' en que ei a viver:
Ond' eu atendo ben, me ven gran mal,
E quen me devia valer, non me val.

Non me val ela, que eu senpr' amei,
Nen seu amor, que me forçado ten,

Que me tolleu o dormir e o sen;
Ora veed' a coita, que eu ei,
Ond' eu atendo &c.

Nen me val deus, nen me val mia Señor,
Nen qual ben ll' eu quero, des que a vi,
Nen meus amigos non me valen y;
Ay eu cativo, coitado d' amor,
Ond' eu atendo &c.

265.

Non perc' eu coita do meu coraçon,
Cuidando sempr' en quanto mal me ven
Por ùa dona que quero gran ben,
E sei ja esto, se deus me perdon':
Que nunca deus gran coita quiso dar,
Senon a quen el fez moller amar,

Com' a min fez; ca des que eu naci,
Nunca vi om' en tal coita viver
Como eu vivo, per moller ben querer;
E sei ja esto que passa per mi,
Que nunca deus &c.

Com' a min fez muy coitado d' amor,
E d' outras coitas grandes, que eu sei,

E pois eu ja toda las coitas sei,
D' ùa cousa soon ben sabedor;
Que nunca deus &c.

Com' a min fez, e nunca me quis dar
Ben dessa dona, que me fez amar.

266.

Señor eu vivo muit' a meu pesar
E eu muy coitado, se deus me perdon',
Por vós que amo muy de coraçon,
Que me fez deus por mal de mi amar,
E por meu mal me vos foy amostrar;
Ca delo dia Señor que vos vi
Per boa fe, nunca coita perdi

Por vós, que eu por mal de mi amei,
Des que vos vi, per boa fe, Señor;
Ca des enton me fez o voss' amor
Na muy gran coita viver que oj' ei,
E por meu mal vos vi, e vos falei,
Ca delo dia &c.

Por vós, que quero mellor d' outra ren,
Que me fez deus por meu mal ben querer;

Ca en tal coita me vejo viver,
Que ja perdi o dormir e o sen,
E por meu mal vos quero tan gran ben,
Ca delo dia &c.

Por vós, que amo muyto mais ca mi,
Ben me creede Señor que é 'ssi.

267.

Que me vós nunca quisestes fazer
En que me vistes de me mal querer
Por deus e por mesura, e por mi,
Dizede m' esto, que vos vin rogar;
E tal rogo non vos dev' a pesar,
E terrei que me fazedes ben y:

Por aquesto, que vos rogo Señor,
Dizede mi o, ca vos non jaz y mal,
Nen vos rogu eu que me digades al,
E terrei que me fazedes amor:

E vedes por que o quero saber:
Por me guardar de vos pesar fazer.

268.

Que sen meu grado m' oj' eu partirei
De vós Señor, ù me vos espedir,
Como partir me de quanto ben ei,
E saber ben ca des que vos non vir,
Ca nunca ja poderei gran prazer
Ú vos non vir, de nulla ren veer.

Porque entendo que vos prazerá,
M' averei ora de vos aquitar,
Mais nunca om' en tal coita será
Com' eu serei mentre sen vós morar,
Ca nunca ja &c.

E rogu eu deus, que tan de coraçon
Me vos fez amar des quando vos vi,
Que el me torn' en algùa sazon
U vos eu veja, ca ben sei de mi
Ca nunca ja &c.

269.

Per mi sei eu o poder que amor
A' sobr' aqueles que ten en poder,

Ca me faz el tan coitado viver
Que muit ay que ouvera sabor
    Que me matasse; mais por me leixar
    Viver en coita non me quer matar.

Por que sei eu que faz el outrossi
Aos outros, que en seu poder ten,
Com' a mi faz; poren me fora ben,
Per boa fe, des que o entendi
    Que me matasse; &c.

Por que sei ben que nunca prenderei
Dela prazer per el, nulla sazon,
Poren querria, si deus me perdon',
O que vos digo por esto que sei
    Que me matasse; &c.

270.

Dizen m' as gentes por que non trobei
A' gran sazon, e maravillan s' en;
Mais non saben de mia fazenda ren,
Ca se ben soubessen o que eu sei,
Maravillar-s'-iam logo per mi
De como viv', e de como vivi,
E, se mais viver, como viverei.

Mais non o saben, nen lle lo direi,
En quant' eu viva ja per neun sen;
Mais calar-m'-ei con quanto mal me ven,
E sempr' assi mia coita soffrerei;
Ca eu non quero mia coita dizer
A quen sei ben ca non mi á de poer
Consello, mais do que m' eu y porrei.

E o consello ja o eu fillei,
Que eu y porrei, c' assi me conven
Morrer coitad', como morre quen
Non ha consello, com' oj' eu non ei:
E esta morte mellor me será,
Ca de viver na coita que non á
Par, nen a ouve nunca, eu o sei.

E mellor est, e mais será meu ben
De morrer cedo, e non saberen quen,
E por quen moir', e que sempre neguei.

271.

Muitos vej' eu que se fazen de mi
Sabedores, que o non son de pran,
Nen o foron nunca, nen o seran,

E pois que eu deles estou assi,
    Non saben tanto que possan saber
    Qual est a dona que me faz morrer.

Ca sempre m' eu de tal guisa guardei
Que non soubessen meu mal, nen meu ben,
E fazen s' ora sabedores en;
Mais pero cuidan saber quant' eu sei,
    Non saben tanto &c.

Diga x' andando quis o que quiser,
Ca me sei eu como deles estou,
Ben grad' a deus, que m' end' assi guardou,
Que se s' aquesto per mi non souber,
    Non saben tanto &c.

E muito saben se nunca saber
O per mi poden, nen per l' eu dizer.

272.

Muito ando triste no meu coraçon
Por que sei que m' ei mui ced' a quitar
De vós Señor, e ir allur morar,
E pesar-mi-á en, si deus me perdon',
    De me partir de vós, per nulla ren,
    E ir morar allur sen vosso ben.

Por que sei que ei tal coita soffrer,
Qual soffri ja outra vez, mia Señor;
E non averá y al, pois eu for,
Que non aja gran pesar à prender
De me partir &c.

Ca mi aveo assi outra vez já,
Mia Señor fremosa, que me quitei
De vós, e sen meu grad' allur morei;
Mais este mui gran pesar me será
De me partir &c.

E quando m' eu de vós partir poren,
Ou morrerei, ou perderei o sen.

273.

Parti m' eu de vós, mia Señor,
Sen meu grad' ùa vez aqui,
E na terra ù eu vivi,
Andei sempre tan sen sabor,
Que nunca eu pude veer
De rem, ù vos non vi, prazer.

Na terra ù me fez morar
Muito sen vós, mia Señor, deus,

Fez me chorar dos ollos meus,
E fez me tan coitad' andar,
Que nunca &c.

E des que m' eu de vós quitei,
Fezo me sempr' aver de pran
Nostro Señor mui grand' affan,
E sempre tan coitad' andei
Que nunca &c.

E non poderia prazer
Ú eu vos non visse, veer.

274.

Meus amigos, muit' estava eu ben
Quand' a mia Señor podia falar
Na muy gran coita, que me fazia levar,
Nostro Señor, que mi a mostrou poren,
Me faz a min sen meu grado viver
Longe dela, e sen seu ben fazer.

Deus que lle mui bon parecer foi dar,
Por mal de min e destes ollos meus,
Me guisou ora que non visse os seus,
Por mi a fazer sempre mais desejar,
Me faz a min &c.

Nostro Señor que lle deu mui bon prez,
Mellor de quantas outras donas vi
Viver no mund', e de pran est assi;
Deus, que ll' a ela tod' este ben fez,
Me faz a min &c.

E faz mi a força de min ben querer
Dona a que non ouso ren dizer.

275.

Estes que ora dizen, mia Señor,
Que saben ca vos quer' eu muy gran ben,
Pois en nunca per my souberon ren,
Querria agora seer sabedor
Per quen o poderon eles saber,
Pois mi o vós nunca quisestes creer

Ca mia Señor sempre o eu neguei
Quant' eu mais pude, assi deus me perdon',
E dizen ora quantos aqui son
Que o saben, mais como saberei,
Per quen o poderon &c.

276.

A dona que ome Señor devia
Con dereito chamar, per boa fe;
Meus amigos, direi vos eu qual é:
Ua dona que eu vi n' outro dia,
E non ll' ousei mais d' aquesto dizer;
Mais quen a visse podess' entender
Todo seu ben, Señor la chamaria.

Ca Señor é, de muito ben e via,
Eu por meu mal sei o, per boa fe,
E de morrer por en gran dereit' é;
Ca ben sob' eu quanto m' end' averria
Morrer assi com' eu moiro, perder,
Meus amigos, o corp' e non poder
Veer ela, quando veer querria.

E tod' aquesto m' ant' eu entendia
Que a visse; mas tant' oy falar
No seu ben que me non soube guardar,
Nen cuidava que tan ben parecia,
Que log' eu fosse por ela morrer;
Mais ù eu vi o seu bon parecer,
Vi, amigos, que mia morte seria.

E por esto que ben consellaria
Quantos oyren no seu ben falar,
Non a vejan, e poden se guardar
Mellor ca m' end' eu guardei, que morria,
E dixe mal, mais fez me deus aver
Tal ventura, quando a fuy veer
Que nunca dix' o que dizer queria.

277.

Que eu mui de grado querria fazer
En ùa tal cantiga por mia Señor,
Qual a devia fazer trobador,
Que a tal Señor fosse ben querer,
Qual eu ben quer'. e fazer non a sei,
E cuid' y muit', e en pero non ey
De faze-la qual merece poder.

Tan muit' avia mester de saber
Trobar, mui ben quen por a tal Señor
Trobar quissesse, a mi pecador
Nunca deus quisso dar á entender
A tal razon, qual oj' eu mester ey,
Pera falar no que sempre cuidei,
No seu ben, e no seu bon parecer;

Mas como pod' achar boa razon
Ome coitado que perdeu o sen,
Com' eu perdi, e quando falo ren
Ja non sei que me digo, nen que non,
E con gran mal non pod' ome trobar;
E prazer non ei, se non en chorar,
E chorando nunca farei bon son!

E por aquesto ben vej' eu que non
Posso fazer a cantiga tan ben
Por que ja soon fóra de meu sen,
Chorando cativ', e meu coraçon
Ja non sab' al fazer se non cuidar
En mia Señor, e se quero cantar,
Choro; ca ela me nenbra enton.

278.

Oy eu sempre mia Señor
Dizer que peor é de soffrer
O gran ben ca o gran mal;
E maravillo m' en, e non o pude, nen posso
Ca soffr' eu mal por vós, qual mal (creer,
Señor me quer matar, e guaria mellor,
Se me vós ben quisesedes fazer.

E se eu ben de vós podess' aver,

Ficass' o mal que por vós ei a quen
Aquesto diz, e o que assi ten
O mal en pouco, faça o viver
Deus, con mal senpr', e con coita d' amor
E pod' assi veer qual é peor,
Do gran ben ou do gran mal, de soffrer.

E o que esto diz, non sab' amar,
Neüa cousa tan de coraçon,
Com' eu Señor amo vos, de mais non
Creo que sabe que xe desejar
Tal ben, qual eu desejei des que vi
O vosso bon parecer, que des y
Me faz por vós muitas coitas levar.

E de qual eu Señor ouço contar
Que o ben est e faz gran traicion
O que ben á se o seu coraçon
En al pon' nunca, se non en guardar
Senpr' aquel ben; mais eu que mal soffri
Senpre por vós, e non ben des aqui,
Terriades por ben de vos nenbrar.

Se o fezerdes, faredes ben y,
Se non, se ben viverei senpr' assi;
Ca non ei eu outro ben de buscar.

279.

Dizen Señor ca distes por mi
Que foi ja temp', e que foi ja sazon,
Que vos prazia d' oyrdes enton
En mi falar, e que non é ja si.

»Dizen verdad', amigo, por que non
Entendia o que pois entendi.

E Señor dizen; pero vos tal ben
Quero, que moyro, que ren non me val,
Ca vós dizedes dest' amor a tal
Que nunca vos ende se non mal ven:

»Dizen verdad', amigo, e pois é mal,
Non y faledes, ca prol non vos ten.

Pero cuid' eu, fremosa mia Señor,
Des que vos vi que sempre me guardei
De vos fazer pesar, mais que farei
Ca por vós moir', e non ei d' al sabor:

»Non vos á prol', amigo, ca ja sei
O porque era todo voss' amor.

280.

Coidava m' eu, quand' amor non avia,
Que non podes' el comigo poder,
Mais pois lo ei ja, non cuidaria;
Ca me non sei, nen posso deffender;
E por que soub' esto de min amor,
Fezo m' el que amase tal Señor
En quen lle mostrass' o seu poder.

E de guisa mi o mostrou, que queria
Ante mia mort' oje mais ca viver,
Ca soffro coita qual non soffreria,
Mas ey, a mal que me pes', de soffrer,
Ca de guisa me ten vençud' amor,
Que se deus ou gran mesura non for,
De mia Señor pos' en coita viver.

Mais esta mesura como seria
De mia Señor, ca non ll' ouso dizer
Que me valla, ca sei ca me diria
Que me quitasse ben de a veer,
E por aquesto ben sei que amor
Me faria cada dia peor,
Se ll' o dissese, e non n' ouso dizer.

281.

Quantos oj' andam en o mar aqui
Coidan que coita no mundo non á,
Senon do mar, nen an outro mal já,
Mais d' outra guis' acontece oje a mi:
Coita d' amor me faz escaecer
A muy gran coita do mar e teer

Pola mayor coita de quantas son
Coita d' amor, a quen a deus quer dar:
E é gran coita de mort' a do mar,
Mas non é tal, e por esta razon
Coita d' amor &c.

Pola mayor coita per boa fe,
De quantas forom, nen son, nen serán;
E estes outros que amor non an
Dizen que non; mas eu direi qual' é
Coita d' amor &c.

Por mayor gran coita a que faz perder
Coita do mar, que faz muitos morrer.

282.

Señor fremosa, pois que deus non quer,
Nen mia ventura, que vos eu veer
Poss', e conven m' oje mais a soffrer
Todas las coitas que soffrer poder
Por vós, e quero ja sempre coidar
En qual vos vi, e tal vos desejar
Todo los dias en que eu viver.

E mort' assi veña, quando veer,
Ca desejos non ey eu de perder
Da mansedume, e do bon parecer,
E da bondade, se eu ben fezer,
Que en vós á; mais quero a deus rogar
Que me leixe meu temp' assi passar,
Desejando qual vos vi, e soffrer.

Ca en desejos é todo meu ben,
E dizen outros que an mal, Señor,
Desejando; mais eu fillo y sabor,
Ca desejo qual vos vi, e poren
Vivo, ca senpre cuid' en qual vos vi,
E a tal vos desejei des ali,
E desejarei mentr' eu vivo for,

Ca sen desejos nunca eu vi quen
Podess' aver tan verdadeir' amor,
Como oj' eu ey, nen fosse soffredor
Do que eu soffro; e esto me manten
Grandes desejos que ei, e assi
Quero viver; e o que for de mi
Seja, ca esto teñ' eu por mellor:

Desejar sempre ca des que non vi
Vós, non vivera ren do que vivi,
Se non coidando en qual vos vi Señor.

283.

Pois mia ventura tal é pecador
Que eu ey por mellor mort' a prender,
Muito per devo a deus agradecer,
E a servir, en quant' eu vivo for,
Por que moiro ù mentira non á
Por tal moller, que quen a vir dirá
Que moiro eu ben morrer por tal Señor:

Ca pois eu ey tan gran coita d' amor,
De que ja muito non posso viver,
Muit' é ben saberen, pois eu morrer,
Que moir' con dereit'; e gran sabor

Ey eu desto; mais mal baratará,
Pois eu morrer, quen mia Señor verá;
Ca morrerá como eu moir' ou peor.

Ca non á no mundo tan soffredor
Que a veja que se possa soffrer,
Que lle non aja gran ben de querer;
E por esto baratara mellor
Non a veer, ca ren non lle valrrá;
E per força ben assi morrerá,
Com' eu moiro de ben desejador.

Mais eu que me faço consellador
D' outros, devera pera min prender
Tal consello; mais foron mi o toller
Meus pecados, por que vi a mellor
Moller que nunca naceu, nen será;
E moiro por ela, per o que a;
Moiro mui ben se ende sabedor.

Ela pero sei que lle plazera
De mia morte, ca non quis, nen querrá,
Nen quer que eu seja seu servidor.

284.

Señor fremosa, por nostro Señor,
E por mesura, e por que non á
En min se non mort', e cedo será,
E por que soon vosso servidor,
E polo ben que vos quer' outrossi,
Ay meu lume! doede vos de min!

Por mercê é que vos veño pedir,
E por que soon vosso, e por que non
Cato por al, nen seria razon,
E por que sempre vos ey a servir
E polo ben &c.

Por que vós nunca podedes perder
En aver doo de min, e por qual
Vos fezo nostro Señor, e por al,
Por que soub' eu qual sodes coñocer,
E polo ben &c.

Por quan mansa e por quan de bon prez,
E por quam a posto vos fez falar
Nostro Señor, e por que vos catar
Fez mais fremoso de quantas el fez,
E polo ben &c.

285.

A mia Señor, que por mal destes meus
Ollos eu vi, fuy lle gran ben querer,
E o mellor que dela poid' aver,
Des que a vi, direi volo par deus,
Disso m' oje ca me queria ben,
Pero que nunca me faria ben.

E por esto que me disso cuidou
Min a guarir, que ja moiro, mais non
Perdi poren coita do coraçon
Pero ben foy mais do que me mateu,
Disso m' oje &c.

E por aquesto cuida que seu prez
Tod' á perdudo, e vedes qual Señor
Me faz amar muito deus, e amor,
E o mellor que m' ela nunca fez,
Disso m' oje &c.

E entendeu ca me quer a tal ben,
En que non perde, nen gaano eu ren.

286.

De quantas cousas en o mundo son,
Non vejo eu ben qual pod' ensemellar
Al Rey de Castella e de Leon,
Se ùa, qual vos direi: o mar:
O mar semella muit' aqueste Rey;
E daqui endeante vos direi
En quales cousas, segundo razon.

O mar dá muit', e creede que non
Se pod' o mundo sen el governar;
E pode muit' e tal coraçon
Que o non pode ren apoderar;
Des y ar temudo, que non sei
Quen o non tema, e contar vos ey
Ainda mais; e judga m' enton.

En o mar cabe quant' y quer caber,
E manten muitos, e outros y a;
Que x' ar quebranta e que faz morrer
Enxerdados, e outros a que dá
Grandes herdades e muit' outro ben;
E tod' esto que vos cuncto aven
Al Rey, se o sooberdes conocer.

E da mansedume vos quero dizer
Do mar non á cont' e nunca será
Bravo, nen sañudo, se ll' o fazer
Outro non fezer, e soffrer vós á
Toda las cousas; mais se en desden,
Ou per ventura algun loco ten,
Con gran tormenta o fará morrer.

Estas mañas, segundo meu sen,
Que o mar á, á el Rey. E por en
Se semellan quen o ben entender.

1.º SUPPLEMENTO.

CONTENDO AS TROVAS QUE FICARAM SEM COLLOCAÇA'O, POR HAVER DÚVIDAS PARA ESTA, OU POR PARECEREM ESTRANHAS AO ASSUMPTO GERAL DAS OUTRAS.

(*a*).

Pouco vos nenbra, mia Señor,
Quant' afan eu por vós levei,
E quanta coita por vós ey,
E quanto mal me faz amor,
Por vós, e non me creedes
Mia coita, nen me valedes.

E Señor ja perdi o sen,
Cuidand' en vés, et o dormir,
Con gran coita de vos servir,
Et outro mal muito me ven
Por vós, &c.

Por vós me veo muito mal,
Des aquel di' en que vos vi,
Et vos amei, e vos servi,
Vivend' en gran coita mortal,
Por vós, &c.

E desmesura fazedes
Que vos de mi non doedes.

(*b*).

Se eu ousass' a Mayor Gil dizer
Como ll' eu quero ben, des que a vi,
Meu ben seria dizer ll' o assi,
Mais non ll' o digo, ca no ey poder
De lle falar en quanto mal me ven,
Et quantas coitas, querendo lle ben.

Como ll' eu quero ben de coraçon
Se ll' o dissesse ben seria ja,
Mais por que sei que mi o estrañiará
Sol non ll' o digo, ca non ey sazon
De lle falar en quanto &c.

Se ll' eu dissess' en qual coita d' amor
Por ela viv', e quant' afan ey,

Meu ben seria, mais non ll' o direi,
Per nulla guisa, ca ey gran pavor
De lle falar en quanto &c.

Mais de tod' esto non lle dig' eu ren,
Nen ll' o direy, ca lle pesará eu.

(*c*).

Cativo mal consellado
Que me non sei consellar,
E senpre viv' en cuidado;
Pero non posso cuidar
Cousa que me proe teña
Contra quen m' en coita ten;
Ante cuid' eu que me veña
Peor do que m' ora ven.

Cuid' est', e cuido guisada
Ca me quis deus aguisar
Que senpr' amei desamado;
E faz me Señor amar
Tan de prez, e que parece
Tan ben, que per parecer
Et per prez, outre merece,
Que a possa merecer.

Mais non am' eu per meu grado,
Nen ar cuid' agradar
D' amor, que me ten forçado;
Pero quero m' esforçar
Con sen, e con lealdade,
D' amar e seer leal;
E Señor tan sen maldade,
Non me fará sempre mal;

Ca sempr' eu serei pagado
De quanto s' ela pagar,
E de fazer seu mandado
Se m' ela quiser mandar,
Como se me ben fezesse;
Assi como me mal faz,
Ou ll' o meu amor prouguesse,
Assi como lle despraz.

(*d*).

Quen viu o mundo qual o eu ja vi;
E viu as gentes que eran enton,
E viu aquestas que agora son,
Deus! quand' y cuida que pode cuidar,
Ca me sin' eu per min quando cuid' y;
Por que me non vou algur esterrar,
Se poderia mellor mund' achar.

Mundo tenemos fals' e sen sabor,
Mundo sen deus, e en que ben non á,
E mundo tal que non corregerá;
Ante o vejo sempre enpeorar:
Quand' est' eu cat', e vej' end' o mellor,
Por que me &c.

Ú foy mesur' ou grandez' ù jaz
Verdad, ù é quen amigo leal
Que fuy d' amor ou trobar, por que sal
A gente, e triste sol non quer cantar,
Quand' est cat', e quanto mal s' y faz
Por que me &c.

Viv' eu en tal mund', e faz m' y viver
Úa dona que quero muy gran ben,
E muit' á já que m' en seu poder ten
Ben del-o temp' ù soyan amar,
Oy mais de min, pode quen quer saber
Por que me &c.

Mais en tal mundo por que vay morar
Ome de prez que s' en pod' alongar?

———

(*e*).

Algùa vez dix' eu en meu cantar
Que non querria viver sen Señor,
E por que m' ora quitei de trobar,
Muitos me teen por quite d' amor,
E cousecen me do que fuy dizer
Que non queria sen Señor viver
Com' or' assi me foi d' amor quitar.

Ja m' eu quisera con meu mal calar,
Mais que farei con tanto cousidor?
Aver lles ey mia fazenda mostrar,
Que non teñan que viv' eu sen amor;
Ca Señor ey, que me ten en poder,
E que sabe que lle sei ben querer;
Mais eu ben sei ca lle faç' y pesar.

E se trobar, sei ca lle pesará;
Pois que lle pesa de lle querer ben,
E se m' alguen desamar prazer-ll'-á en
D' oyr o mal, que me per amor ven;
E ar pesará quen me ben quiser
Poren non trobo, ca non m' é mester,
Mais que non a m' esto nunca será.

E meu trobar, aquesto sei eu ja,
Que non mi á prol' se non por ũa ren:
Per queixar om' a gran coita que á,
Ja que lezer semella, que ll' en ven;
Mais se mia coit' eu mostrar e disser;
Pois y pesar a mia Señor fezer,
Coit' averei que par non averá.

E de tal coita, en quant' eu poder,
Guardar m' ey sempre, e o que sen ouver;
Pois lo souber, nunca m' en cousirá.

(*f*).

Amor non qued' eu amando,
Nen quedo d' andar puñando,
Como podesse fazer,
Per que vossa graça ouvesse
Ou a mia Señor prouguesse,
Mais pero faç' a poder,
Contra mia desaventura
Non val amar, nen servir,
Nen val razon, nen mesura,
Nen val calar, nen pedir.

Am' e sirvo quanto posso,

E praz me de seer vosso,
E sol que a mia Señor,
Non pesasse meu serviço,
Deus non me dess' outro viço,
Mais fazend' eu o mellor,
Contra mia desaventura &c.

Que quer que mi a min gracido
Fosse de quant' ey servido,
Que mi a min nada non val,
Mia coita viço seria,
Ca servind' atenderia
Gran ben, mais est' é meu mal:
Contra mia desaventura &c.

Por que sol dizer a gente
Do que avia lealmente,
Se s' en non quer enfadar;
Na cima gualardon prende,
Am' eu e sirvo por ende,
Mais vedes ond' ey pesar:
Contra mia desaventura &c.

Mais pois me deus deu ventura,
D' eu tan bon logar servir,
Atender quero mesura

Ca me non á de falir

. . . .
. . . .
. . . .
. . . .

(*g*).

No mundo non me sei parella
Mentre me for, como me vay,
Ca ja moiro por vós e ay!
Mia Señor branca e vermella;
Queredes que vos retraya,
Quando vos eu vi en saya,
Mao dia me levantei,
Que vos enton non vi fea.

E mia Señor des aquel dia y
Me foy a mi muy mal,
E vós filla de don Paay
Moniz, e ben vos semella
D' aver eu por vós guarvaya;
Pois eu mia Señor d' alfaya,
Nunca de vós ouve, nen ey
Valia d' ùa correa.

(*h*).

Pois non ei de don' Alvira
Seu amor, e ei sa ira,
Esto farei sen mentira,
Pois me vou de Sancta Vaya,
Morarei cabo da Maya
En Doir', entr' o Port' e Gaya.

Se cress' eu Martin Sira,
Nunca m' eu dali partira
D' ù m' el disse que a vira,
En Sant' oane en saya;
Morarei &c.

(*i*).

Par deus, ay dona Leonor!
Gran ben vos fez nostro Señor.

Señor parecedes assi
Tan ben, que nunca tan ben vi,
E gran verdade vos digi
Que non poderia mayor.
Par deus, ay dona Leonor!
Gran ben vos fez nostro Señor.

E deus que vos en poder ten,
Tan muito vos fezo de ben
Que non soub' el no mundo ren,
Por que vos fezesse mellor.
Par deus, ay &c.

En vós mostrou el seu poder,
Qual dona sabia fazer,
De bon prez e de parecer,
E de falar fez vos Señor
Par deus, ay &c.

Com' antr' as pedras bon rubi,
Sodes antre quantas eu vi,
E deus vos fez por ben de mi,
Que ten comigo gran amor:
Par deus, ay &c.

2.º SUPPLEMENTO.

CONTENDO OS TROÇOS QUE PARECEM FRAGMENTOS (DE PRINCIPIO) DE CANTARES, OU QUE EVIDENTEMENTE O SA'O.

(*j*).

(Depois da 79).

Par deus Señor sei eu mui ben
Ca vos faço mui gran pesar
De que vos sei tan muit' amar,
Mais se o sei non ar sei ren,
Per qu' end' al possa fazer,
En quant' eu no mundo viver.

E pesa vos por que non ei
Eu poder no meu coraçon
D' amar, mia Señor, se vós non,
Mais pero vos pesa non sei

(*k*).

(Depois da 64).

Meu coraçon me faz amar
Señor a tal de que eu ei
Todo quant' eu aver coidei,
Des aquel dia en que a vi,
Ca senpr' eu dela atendi
Desej' e coita, ca non al.

(*l*).

(Antes da 157).

Meus ollos, gran cuita d' amor
Me dades vós, que sempr' assi chorades;
Mais ja des aqui, meus ollos,
Por nostro Señor,
    Non choredes que vejades
    A dona porque chorades.

(*m.*)

(Guarda).

E que ouvesse de morrer
Señor vendo .... ar
Que mais soubesse amar
De quantas Deus quiser,
Eu non podéra mais viver,
Ú vos foron daqui fillar
A guisa de vos elevar,
E vos non puyd' y valer.

(Seguiam duas oitavas que estão illegiveis).

Que nunca me ad' esquecer
E no meu mal sempre.... ar,
Ben me posso maravillar
Por mia morte non aver.
E nunca deus queira prazer
Que nunca el queira mostrar
A null' ome tanto pesar
Quant' el poderia sofrer.

(*n*).

(Idem).

Amigos, começa o meu mal
De que ja non temia ren,
E achava que era ben
. . . . mal
Ca o dem' agora d... m...
Fez fillar outra Señor.

E ja dormia todo meu
Sono, e ja non era sol,
E podia fazer mia prol
Mais lo poder ja non é meu,
Ca o dem' &c.

Que ledo me faza ja
Quando se amor de min quitou
Un pouco que mi a min leixou,
Mais d' outra guisa me vay ja,
Ca o dem' &c.

E non se dev' om' alegrar
Muito de ren que poss' aver;

Ca en que o quize fazer,
Non ey ja de que m' alegrar;
Ca o dem' &c.

Que dem' a comend' eu amor,
E beeiga deus la Señor,
De que non será sabedor
Null' om' en quant' eu vivo for.

(*o*).

(Idem).

Que mui gran prazer oj' eu vi
Ú me vos deus mostrou Señor,
E ben vos faço sabedor
Que pois que m' eu de vós parti
Non cuidara tant' a viver
Como .... er.

(*p*).

(Depois da 71).

Pero que puñ' en me guardar
Eu mia Señor de vos veer,

Per ren non mi o queren soffrer
Esses que non poss' eu forçar
Meus ollos e meu coraçon,
E amor todos estes son
Os que me non

(*q*).

(Depois da 91).

Quen boa dona gran ben quer
De pran todo dev' asoffrer
Quanto ll' ela quiser fazer,
E se ll' algun pesar fezer,
Ben o dev' asoffrer en paz
E mostrar senpre que lle praz
De quanto a ela

(*r*).

(Depois da 183, f. 81).

Eu desejo meu mal

(Depois da 248).

Por muitas cousas eu que

(*s*).

(Depois da 288).

Ja eu Señor muitas coitas passei
Sempr' atendendo ben que non prendi
De vós, que eu en mal dia servi,
Et non vos pes', et preguntar vos ey
Señor de mi, e de quanto

. . . .
. . . .

3.º SUPPLEMENTO.

CONTENDO OS TROÇOS QUE MANIFESTAMENTE SÃO OS FINAES DE VARIOS CANTARES, OU SÃO ESTES FALTOS DE PRINCIPIO.

(*l*).

(Antes da 49).

Mais non quis deus que meu mal entendesse
E mostrou mi o vosso parecer,
Por mal de min, e non m' ar quis valer
El contra vós, nen quis que m' al valesse.

E mia Señor se eu morte prendesse
Aquel primeiro dia en que vos vi,
Fora meu ben, mais non quis deus assi;
Ante me fez por meu mal que vivesse;
Ca me valera a mi mais de prender
Morte a quel dia, que vos foy veer,
Que vos eu visse, nen vos conosciesse.

(*u*).

(Antes da 129).

Disser algùa ren ca vos dirá pesar.

A min aven a que quis deus guisar
D' aver gran coita ja mentr' eu viver;
Pois a vós pesa de vos eu dizer
Qual ben vos quero; mais a deus rogar
Quer' eu assi, ca assi m' é mester
Que el me dê mia morte, se non der
Tal coraçon a vós, d' en non pesar.

E mia Señor, por deus que vos falar
Fez mui mellor, e mellor parecer,
De quantas outras donas quis fazer,
Por tod' aqueste ben que vos fuy dar,
Vos rog' oj' eu por el, que pois el quer,
Que vos eu ame mais, d' outra moller,
Que vos non caia Señor en pesar.

(*v*).

(Antes da 151).

folia
Que faç' y grand', entende-la-ya
Se a fezess' outre, e non ei ventura
De saber me guardar de gran loucura.

E mia Señor sei eu guardar outren,
E a mi que mi avia mais mester,
Non sei guardar, e se me non valer
Escontra vós, mia Señor, outra ren,
Non mi á mi prol, quando me prol non ten
Cousimento que me valer devia,
E mia Señor vel por Sancta Maria,
Pois deus non quer que eu faza cordura,
Fazed' y vós cousiment' e mesura.

E de pran, segundo meu conoscer,
En vos querer mui gran ben, mia Señor,
Eu que non cuido mentre vivo for,
Mais mi a deviades vós agradecer,
Señor fremosa', de vós ben aver;
Ca, se vos eu mia Señor amasse,

Por algun ben que eu de vós cuidasse
Aver, mais deus non me dê de vós grado,
Se eu Señor ey ren deste cuidado.

(*w*).

(Antes da 143).

En que foi senpre ei ja de seer

(*x*).

(Antes da 218).

E servir vos ey ja mentr' eu viver.

(*y*).

(Antes da 238).

. . . .
. . . .
E direi vo-lles eu poren
Quanto mi aora oistes dizer:
Moir' eu por que non vej' aqui &c.

E non digu eu das outras mal,
Nen ben, nen sol non falo y,
Mas, pois vejo que moir assi,
Dig' esto, e nunca direi al:
Moir' eu por que &c.

(z).

(Antes da 289).

Mais ambos y faredes o mellor;
Ca pois o meu ben servi a bon Señor,
Bon galardon devedes a levar.

APPENDICE 1.º

(*Vej. Introd. p. X.*)

ROMANCE DO CONDE DE BARCELLOS.

I.

Um anno cumpria
Que el rei D. Diniz,
Chamado por Deus,
Finado se havia;

Por isso pedia
A boa Isabel,
A santa Rainha,
Por sua alma pia.

Tambem resaria
Magoado seu filho,
O rei D. Affonso,
E s' arrependia

Das guerras impias,
Com que assolára
Do pai os dominios,
Por dias e dias.

Tambem o carpia
Com grande fervor,
Com dor mui profunda,
Que a alma feria,

A que parecia
Mais bella e mais moça:
Seu avô chorava
A Infanta María,

Que muito queria
A avó que a criara,
A santa Isabel,
Que santa sería.

E a Deus rogava
Seu pai fizesse
Rei tao' leal:
E suplicava
Que a reino desse
De Portugal,
Que tanto amava,

De bens larga messe
Livrando-o do mal.

Mui de perto a via
O Conde D. Pedro:
Treze annos contava
A Infanta María.

. . . .

II.

Fugira a alegria
Do rosto do Conde;
Nem pode explicar
A dor que sentia.

E tanto soffreu,
Até que um dia
Um brado soltou,
Que ja nao' podia
Mais tempo abafar
A dor que sentia.

E aos brados seguia
Tao'ternos, tao'meigos,
Cadentes, rimadas,
Que bem se sabia

Que tal poesia
Tao' nobre e sentida,
Do fundo lá d' alma
Nascer-lhe devia.

E quanto dizia
Ao seu cancioneiro
E a ella cantando
Tambem transmittia:
E assim descubria
A dor que sentia.

D. Pedro é o aman-
A quem o condado (te,
Da forte Barcellos
Fòra antes doado

Por seu pai e rei,
Diniz o finado,
Que sempre o tivera
Por filho presado.

E assim o fizera,
No tempo passado,
Alferes maior,
E o tinha a seu lado.

E agora queria
Da irmâa ser criado
Para ver della a filha,
A Infanta Maria.

E o nome que havia
Do Infanta no peito
Nao' pode calar,
Porem repetia:

Só nao' decidia,
Por fino disfarce,
Se era Joana,
Ou Sancha, ou Maria.

Mas tinha porfia
Por sua belleza
C' os mais trovadores,
Que na corte via.

III.

E já o queria
Por tanta ternura
E provas d' affecto
A Infanta Maria.

Mas certo máo dia
Dos Paços á porta
Estranho enviado
Das andas descia.

O que pretendia
Perguntam anciosos
Da Corte os senhores
De mais galhardia:

Um só o sabia:...
Ninguem lh' o dissera;
Mas seu coraçao'
Mau grado o previa...

Sabeis quem seria?
O amante da Infanta,
Que nella pensava
De noite e de dia.

D' el rei de Castella
É o tal enviado,
Que a mao' da Infanta
Pedir vem bom grado.

Ninguem ainda o dis-
E o Conde, coitado, (se,
De mais já en sabe,
E está lacerado.

E mais todavia,
Bem credes, ficou
Quando ella lhe disse
Que el rei consentia.

¡Com que barbaria
Assim dois amantes
Separas tao' caros
Cruel sorte impia!

O Conde carpia
Seu mal, e chorava
Ao ver novas terras
P' ra onde partia;

Mas nada valia
A tranquilisal-o:

Cansado d' ausencia
Ao reino volvia.

IV.

E ella se ia
Á raia a cazar-se
C' o rei D. Alonso,
O da monteria.

Logo elle a seguia
No seu palafrem,
C' os ricos jaezes
De mais louçania.

E se despedia,
Ai triste! chorando....
«Seu lume e seu bem»
Tambem choraria.

Em tanto soffria
Tal dor de a nao ver,
Que d' ir a Castella
Porem resolvia.

E ja se partia
Correndo a cavallo;
E foi a Barcellos,
E viu a Faria;

Mais terras veria
Té ver a Segovia;
E lá no alcacer
A quem mais queria.

No alcacer a via,
Ali lhe falava;
E já o bom rei
De tal desconfia,

E a ella o dizia;
Mas ella negava,
Que ao proprio marido
Só tal se atrevia.

E o zelo crescia,
Até que a rainha
Ao Conde em má hora
Assim refferia:

«Amigo a porfia
Convem terminar;
Já vedes que Alonso
De nós desconfia.»

E quem o diria!
O rei que inconstante
Da bella rainha
Nem caso fazia.

Só o divertia
Leonor de Gusmao',
Que o seu coraçao'
Roubava a Maria.

A pobre que ia
Ao pai, a correr,
Mostrar como ao esposo
Soccorros devia!

V.

E o Conde gemia
Ao ter que apartar-se;
Mas era obrigado;....
E já a nao' via.

Por mar recolhia
Á terra natal:
E a bella rainha
Que tal ficaria!

Ao convento elle ia
Morrer de Tarouca,
Que o mundo habitar,
Ja mais nao' podia.

De noite e de dia
Trovava pensando,
Até que morreu,
Na Infanta Maria.

Nem mesmo a esque-
No seu testamento, (cia
Que quando foi morto,
Por ende s' abria.

E neste se lia:
«As minhas cantigas
Deixo ao rei esposo
Da bella Maria.»

Mas já nao' vivia
El rei de Castella,
Que é morto da peste
Tres dias havia.

Viuva partia
A pobre rainha:
E em Portugal
Tambem sucumbia.

E o conto dizia
Que só por amores
D' Hespanha fugira,
E o pai a nao' qu' ria...
E elia morria!

APPENDICE 2.º

TABELLA COMPARATIVA DAS CANTIGAS NUMERADAS DESTE LIVRO COM OS LOGARES EM QUE SE ACHAM NA PUBLICAÇÃO DE STUART.

Cant. 1 a 24. . . . . . Manuscripto inedito.
» 25 — 36. . . . . . Fol. 97 a 100 verso.
» 37 — 48. . . . . . » 73 — 77 v.
» 49 — 56. . . . . . » 49 — 50 v.
» 57 — 64. . . . . . » 51 — 52 v.
» 65 — 68. . . . . . » 41 e 41 v.
» 69 — 71. . . . . . » 53 — 53 v.
» 72 — 91. . . . . . » 42 a 43 v.
» 92 e 93. . . . . . » 94 v.
» 94 a 99. . . . . . » 95 — 96
» 100 e 101. . . . . . » 96 v.
» 102 a 111. . . . . . » 55 — 56 v.
» 112 — 118. . . . . . » 104 — 105 v.
» 119 — 128 . . . . . . » 101 — 103 v.
» 129 — 142. . . . . . » 65 — 67 v.
» 143 — 147. . . . . . Manuscripto inedito.
» 148 — 150. . . . . . Fol 54 e 54 v.
» 151 — 156. . . . . . » 47 e 48
» 157 — 169. . . . . . » 71 a 73 v.
» 170 — 172. . . . . . » 68 e 68 v.
» 173 — 183. . . . . . » 78 v. a 81
» 184 — 189. . . . . . » 81 v. a 82 v.
» 190 — 217. . . . . . » 57 v. — 64 v.
» 218 — 224. . . . . . » 69 — 70 v.
» 225 — 234. . . . . . » 83 a 83 v.
» 235 e 236. . . . . . » 86

» 257 a 248. . . . . . » 86 v. a 89 v.
» 249 — 261 *. . . . Manuscripto inedito.
» 262 — 266. . . . . . Fol. 106 e 106 v.
» 267 — 271. . . . . . » 74 e 74 v.
» 272 — 286. . . . . . » 90 — 94
» *a* a *f*. . . . . » 107 a 108 v.
(*g*). . . . . » 48
(*h*). . . . . » 54
(*i*). . . . . » 78

* Estas folhas ineditas que aqui inserimos ficariam por ventura melhor arrumadas mais ao principio.

Quanto aos fragmentos de (*k*) a (*z*) em cada um delles vai marcado o logar em que estava.

APPENDICE 3.º

COMPOSIÇÕES EM DIALECTO GALLEGO.

I.

(Fragmento descriptivo).

Ali corren lebres
E casan coellos;
Os homes nas festas
Despois van vendelos.

Dali daquel chan,
Tan alto en estremo,
Se vê toda a vila
Con seus arrodeos.

Se vê o mar bravo,
Se ve o mar quedo,
De Ons e de Tambo
As Ilhas de lejos.

Se ve Porto Novo
E junto S. Xenxo
Marin e Combarro
Lourido e Campelo.

Por fin os navíos
E barcos dos pescos
Se veen navegar
E mais estar quedos.

Os olhos se fartan
Con tanto recreio
De terra, de verde,
De mar, e de Céo.

Ali no chan dito
Subindo ou decendo
A gente se para
Retouça ou velo.

S' assenta no chan
Ou sobre un penedo
E colle refolgo
C' o ventu mareiro.

Ali as meninas,
As mozas, os nenos,
As velhàs, os moços,
Os homes, os vellos

Que beñan, que vol- (ten
A vila ao Esdo
Almosan, merendan
E faz-lhes proveito.

II.

O DESCONSOLO.

PELO SR. D. ALBERTO CAMINO.

D' esta fontiña á beira froleada
Sentado á sombra d' un choron estou
Doido o peito, a alma esconsolada,
Triste morrendo pouco à pouco vou.

Desde q' a negra morte aquela prenda
Que tanto quixen me arrancou sin dor
Solás non acho en nada, e solta a renda
A pena, choro o meu perdido amor.

¡Quen-o-diria! tan garrida e nova
Doce cal rula, e branca cal xasmin
Tan cedo habias de baixar á cova,
Piedade Ceos ¡ay! piedá de min.

¡Solo quedei no mundo, solo, solo!
¿Qu' ei de facer?.... chorar e mais chorar!
E qu' ainda te vexo no meu colo
Sabeliña querida, maxinar.

Xa non iremos mais po-los roleiros
En compaña amorosa ás moras, non;
Nin baixo dos follosos ameneiros
As coitas che direi do corazon.

¡Cantas veces da auga d' esta fonte
Che din, miña vidiña, po-la mao!
Cantas os dous deixabamos o monte
Por tomar aqui o fresco, aló no brau.

E nas tardes de outono... ¿non te acordas...
Mais ¿que digo acordar? si te perdim!!!
Partenseme ¡ay! do corazon as cordas
Penso q' ainda aqui estás... louco de min!

N' outono... pois con alegría moita
Nos ibamos ó longo castañal
E a rebaladas eu guindaba froita
Mentras ti regalabas me eu cantar

E tamen cando... ¿pero a qué memoria
Fago de tempo aquel? ¡ay! calarei!!!
Mira-me, Sabeliña, desde a groria:
Por ti de cote triste chorarei.

APPENDICE 4.º

GLOSSARIO DE ALGUMAS VOZES ANTIQUADAS, MENOS CONHECIDAS, QUE SE USAM NESTAS CANTIGAS.

Abbreviaturas: *A. S.*, Alonso el Sabio; *D. D.*, D. Diniz; *Ber.*, Berceo; *Al.*, poema Alexandro; *Arc.*, Arcipreste de Hita; *F. J.*, Fuero Juzgo; *M.*, Dicc. de Moraes.

ADUBADO, disposto, decidido (*F. J.*).

ADUR, Apenas (*M.*).

ADURAR, Durar. O emprego da prothese é tao' frequente, se bem que nem sempre se encontre a particula unida, que evitaremos comprehender outras muitas palavras analogas a esta.

ALLUR, A outra parte (*D. D.*).

ANCOBRIR, Encobrir.

ANDURAR, Vej. Endurar.

ANVIDOSO, Envejoso, desejoso.

AORA, Agora.

AQUESTE, O, Este, isto.

AR, Algures, agora (*D. D.*).

ANSANDECER, Ensandecer.

ASCONDER, Esconder.

ASCUITAR, Escutar.

AVIDAR ou AVINDAR, Compor os desavindos. Este verbo, que falta nos diccionarios portuguezes, é quanto a nós, o que produziu *avindor* e *avindeiro* que hoje se empregam.

BONA, Boa (*A. S.*).

CAB, Perto de; *En cab*, por fim.

CABO, Ao fim; v. gr. *Cabo da Maia*, ao fim

ou nos confins da Maia, isto é no Doiro. A Maia antigamente segundo Lavanha (p. 117) se chamava a toda a extensao' do Lima ao Doiro.

CHA. Ainda hoje é voz gallega; contracçao' de *Che a* ou *Xe a* (Vej. *Xe*) (*Cura de Fruime*, p. 316 e 320, *e a poesia do Sr. Camino*, p. 329 deste livro).

CHUS. Esta voz (p. 160, lin. 17) tambem se encontra no livro velho de linhagens. Veja-se Lavanha, p. 134, nota C. Igualmente se encontra em Berceo. Em Segura encontra-se *jus*, com a sign. de *debaixo* do frances *sous*. *Chus* pareceria vir do latim *plus*, mas ás vezes faria mais sentido se significasse *menos*. Ignor. a signif.

COMENDAR, Encomendar (*A. S.*).

COSIMENTO ou COUSIMENTO, Acolhimento.

COUSIDOR, Acolhedor.

COUSECER ou (*A. S.*).

COUSIR, Acolher.

DESGUISADO, Nao' aguisado.

DESMYGADO, Desamistado? ou mal comigo? p. 202.

DESO, Disso.

DIGI ou DIXI, Disse (na 1.ª pes.).

DISSO, Disse (na 3.ª pes.).

DISTES, Lê-se na p. 287 talvez por engano.

DOLER, Doer.

DÓRMIO, Durmo.

DUR, *De dur* se lè, talvez por engano, na cant. 129.

EN. Contracçao' de *Ende*, que significa por isso, ou seria tomado do frances *en* que significa o mesmo. Daqui veio o advervio *porém*.

ENDURAR, Aturar.

ESCACER,

ESCAECER, ou

Escaescer, Esquecer.
Espedir, Despedir.
Est ou Este (do lat.) É.
Ergu, Ergo, senao', exepto.
Fal, Falha ou falta, pela liberdade poetica dos trovadores que sem sujeição' a regras grammaticaes acommodavam as palavras segundo lhes convinha.
Fazenda, Lida, procedimento (*A. S.*).
Fezo, Fez. Tambem se dizia *fege*.
Fige, Fiz (na 1.ª pessoa).
Fillar, Tomar, tirar.
Fius ou fiuzo. Confiado, seguro.
Fiuza, Confiança (*Berc.* e *Al.*).
Gracir, Agradecer (*M*).
Gradecer, Agradecer. Na 1.ª pessoa do pres, ind. *gradesco*.
Guarir, Guarecer, curar, sanar.
Guarvaya ou Guaruaya, Sign. inc. (p. 305).
Judgar, Julgar (*F. J.*)
Lezer, Vagar, lazer.
Loar, Louvar.
Longada, Vida —; duradoira.
Macar (*Fr. Malgré*) (*A. S.*). Depois se usou *maguer*. Apezar.
Mais, Mas, porem.
Malo (*Do lat.*) Antes quero (p. 204).
Mansedume, Mansidao'.
Mas, Mais. *Mas* se diz hoje no castelhano.
Menço, Minto.
Mesura, Prudencia, commedimento.
Mi, Me.
Migo, Comigo.
Nembrar, Lembrar (*D. D.* e *A. S.*).
Neun ou Niun, Nenhum. Tambem deixamos alguma vez separado *Ni um*, *ni un*, etc., e nao' sabemos qual seja a mais exacta orthografia.
Nostro, Nosso.
Nullo (Do lat.), Nenhum.

NUZER, Fazer mal, damnar (Do lat. *nocere*); *nocir* dizem *Berc.* e *Al.*, *nucir*, *F. J.*; *nuzer* ou *nuzir*, *D. D.*; *nocente* vem em Moraes.

OBRIDADO, Olvidado. Vem em Alonso Sabio.

OSMAR, Esmar, orçar (*D. D.* e *Alex.*).

OVI, Houve na 1.ª pessoa. *Ouvi* diz *A. S.*

OVO, ou OUVU, Houve na 3.ª pessoa (*Alex.*).

OUTRE ou OUTRI, Outro.

PER, Prefixo a varios verbos, muita vez só para auxiliar o metro.

PERDUDO, Perdido.

PERFIA, Perfidia.

POIDE vej. PUYDE.

PRAN, De —, de plano, com intento. (*A. S.* e *D. D.*).

PRAZER, Aprazer.

PRECAR (Do lat.), Rogar.

PRENDER (*Fr. Prendre*), Tomar.

PRÉTO, Perto (*A. S.*).

PREZ, Preço, merito (*A. S.* e *D. D.*).

PREZER, 3.ª pessoa do futuro de *prender*.

PROFFAÇAR, Improvisar?

PROUGUER, Aprouguer, 3.ª pessoa do fut. subj. do v. *prazer*.

PRUGO, Aprouve 3.ª pessoa do perf. indic. do v. *prazer*.

PUÑAR, Pugnar.

PUGE, Puz na 1.ª pessoa.

PUYDE e PUDI, 1.ª pessoa do pref. indic. do v. *poder*.

QUESTO, Esto.

QUIS (Do lat.). Cada um. It. Quiz na 3.ª pessoa.

QUISO, Quiz na 3.ª pessoa

QUIX ou QUIJE, Quiz na 1.ª pessoa.

REN (Do lat.) Coisa.

SA, Sua.

SÁBIA, Saiba (*A. S.*).

SABOR, Desejo.

SANDECE, Sandice.

Sejo, Sou (*D. D.*).
Sen, Sentido, ainda que uma vez diga o trovador
... «Sen, nem sentido» foi obrigado pelo metro.
Senço, sinto.
Sentirigo, Sig. incert.
Seserigo, Id.
Sodes, Sois (*F. J.*).
Soio, 1.ª pessoa do pres. ind. de *soer*.
Sol, Somente; ou soe.
Soler, Soer.
Tallada, Ben —, de boa figura (*D. D.*).
Tolleito, Tirado, roubado.
Toller (Do lat. *tollere*).
Tortar, Fazer torto, tirar (*Cid*).
Torto, Mal, injustiça (*F. J.* e *D. D.*).
Tover, Tiver.
Trage, Trouxe na 3.ª pessoa.
U, Onde; muita vez para mais clareza accentuámos Ú.
Uel ou vel, Ignor. a signif.
Ullo (Do lat. *Ullus*), Algum (*Cid*).
Us, Vos (Em cast. *Os*.)
Velido, Corpo *velido*, e dona *velida* diz tambem *D. D.*
Volo (Do lat.) Quero.
Vosco, vusco ou
Vosque, Comvosco.
Xe, *Se*, pronome, ou tambem *Che*, empregado por *A. S.* (*Ge* e *Je* no *F. J.*) Algumas vezes parece empregar-se por *seja*.
Y, Ahi (*Berc.* e *F. J.*); ás vezes conj. *e*.

ADVERTENCIA FINAL.

Aqui deviam seguir-se, segundo nossa primeira intençao', algumas notas a varios logares obscuros do texto, e a certas dúvidas que so' nos occorreran durante a impressao'. Algumas dessas dúvidas sobre pontos em que era necessario volver a consultar o codice, podémos já tirar, por intervençao' de alguns amigos. Occorrem-nos porem agora outras, e para nao' demorarmos a publicaçao', nem tao' pouco a deixarmos incompleta, resolvemos guardar as poucas notas que temos para as reunir ás outras que devem resultar de informaçoens que vamos pedir. Assim essas notas formarao' uma especie de parergo, que se distribuirá ou se remetterá no principio do anno que vem aos que ora tomarem algum exemplar, e quiserem deixar indicaçoens para esse fim.

A vista desta declaraçao' nao faltará quem nos increpe nao' havermos feito esta ediçao' no mesmo logar em que se acha o original manuscripto. Ora alem de que isso nos era impossivel,

cremos que a nossa estada em Madrid nos proporcionou occasiao' de averiguar certos factos, como talvez nao' houveramos conseguido em outra parte.

Repetimos a presente nao' é mais que uma ediçao' de ensaio e de estudo. Nem se quer tem pretençoens em seu formato. Nós mesmos hoje que vemos um exemplar della em limpo advertimos occorrencias que nos fora impossivel n' um exemplar de Stuart, e mui difficil durante a revisao' das provas, em que a tanto havia que attender. Um dos nossos maiores cuidados era a verdadeira separaçao' das cantigas, pois quando estas tinham no fim o que chamavam *voltas*, estas veem-se escriptas como para serem cantadas por nova musica, e quasi se unem ao começo da cantiga seguinte. E apezar de havermos destas advertido varias antes da impressao', v. gr. no principio das C. 3.ª, 4.ª, 10.ª etc. e nas 161, 177, 220, 221, 232, etc., notamos agora duas que escaparam nas paginas 229 e 235: os tres primeiros versos que se acham nas cantigas 219 e 244 devem considerar-se *voltas* das duas anteriores respectivas. Uma das mesmas, que está incompleta, julgámos nós ser fragmento de nova cantiga, e por isso a destinavamos para o 2.º Sup.; mas deixámos de a comprehender nelle, logo que nos persuadimos ser a *volta* incompleta

da cantiga 99 , em cujo final se deve ler do modo seguinte :

Ca pois m' eles non queren amparar
E me no seu poder queren leixar
Nun. . . . .

Tambem nessas reflexoens sobre as notas que promettemos , daremos rasao' de certos saltos ou faltas que no texto se notam. Quanto aos dois nomes Joao' Garcia é Joao' Coelho (cant. 146 e 197 in fine) devemos advertir que elles vem mencionados no Nobiliario de Lavanha , ainda que é possivel que este último seja o celebre trovador Joao' Soares Coelho , de quem vimos, como de outros seus contemporaneos, algumas poesias copiadas em Roma.

De Guiomar Affonso Gata (pag. 150) vem clara mençao' no mesmo nobiliario (p. 192 e 350). Dos outros e outras de quem se faz mençao' no texto pouco agora poderiamos dizer de seguro ; e por isso por esta occasiao' aqui concluiremos.

POST SCRIPTUM.

NOTAS.

E' chegado o dia de cumprirmos a promessa que fizemos ao público de acrescentar algumas paginas a este livro. Escrevemol-as com mais confiança ao saber, directa ou indirectamente, que apreciam nosso trabalho as pessoas que á instrucçao' reunem a posse de um caracter nobre e desapaixonado, posse essencial a todo o que se propoe a ser juiz ou critico. Augmenta-se essa confiança ao vermos que o tempo nao' faz mais que radicar em nosso animo certas opinioens, que timidamente emittimos, algumas das quaes se fortificaram muito quando tivemos outra vez occasiao' de ver em nossas mao's o codice original, e de o confrontar com um exemplar da nossa ediçao'.

*

Nunca esperámos, falando francamente, que essa modesta ediçao encontrasse no publico europeo tanto acolhimento; — sendo-nos sobre tudo sensivel o que lhe deram varias corporaçoens, incluindo a Academia das Sciencias de Lisboa, a qual, com seu juizo favoravel, veio generosamente gratificar e estimular as vigilias deste socio apartado do seu seio.

Ao despendermos, com um trabalho tao pouco ameno, o tempo de alguns mezes distrahido das nossas leituras, ora quasi exclusivas sobre a historia e litteratura do vasto Continente americano, onde a mao' de Deus quiz collocar nosso berço, nao' tinhamos miras de ganhar opiniao' neste ramo de estudos, e menos as podiamos ter de sacar da ediçao' qualquer outro proveito, quando sabiamos com certeza que o producto do consummo ficaria muito áquem do seu costeo, como succedeu. O que, porem, tinhamos em vista era fazer populares as poesias, enunciando desde logo as conjecturas que pelo estudo aturado dellas haviamos formado, as quaes conjecturas podem systematicamente ser apresentadas do modo seguinte.

1.ª *Sao' as poesias de um so auctor ou de diversos?*

R. No adoptarmos a opiniao' de que sao' de um só, nao' fizemos mais de que seguir a do grande philologo portuguez que citâmos (Introd. p. IV), a qual é por certo de mais pezo do que a de nenhum outro contemporaneo. Eis as palavras formaes do erudito Joao' Pedro Ribeiro:

«O estylo uniforme das poesias deste cancioneiro *mostra ser antes todo obra de um auctor e nao' de diversos.*»

Quem tiver a vaidade de se julgar com bastante autoridade, para, só com ella, ir de encontro a tao' explicita opiniao', ha-de permittir que nao' consintamos que se perturbe a paz de sepulchro ao grande mestre de Diplomatica, e se contradiga, com altivez e sem razoens, o que elle modestamente nos ensinou, e se ouse asseverar grosseiramente que elle (e nao' nós) *improvisou* um poeta.

Em quanto nao' se apresentem razoens convincentes em contrario, em quanto nao' se prove que parte das poesias do codice do Collegio dos Nobres sao' de varios trovadores antigos, teremos muita gloria de acreditar no grande mestre, e até de errar com elle.

Plagios sim haverá ahi, que eram a elles avezados os trovadores, a ponto de transcreverem muitas vezes cantigas inteiras alheias,

se ellas quadravam bem á declaraçao amorosa que queriam fazer; mas, ainda quando alguns daquelles plagios se provassem, ficaria subsistindo a opiniao de que as cantigas foram na totalidade a expressao da paixao de um trovador, e constituem por isso uma verdadeira novella, a mais antiga que possue a litteratura portugueza.

2.ª *Sao as poesias dirigidas a uma só dama ou a muitas?*

R. Concedido que nos seja que as poesias pertencem a um só trovador, temos quasi por seguro que ellas sao na maior parte dirigidas a uma unica dama; e isto nao só em virtude da convicçao, que, pelo sentimento e pela razao, se apodera de quem como nós as lê com attençao, e encontra nellas e nas referencias de umas ás outras, e no repetirem-se da dama as mesmas qualidades, a ligaçao necessaria nas sensaçoens amorosas de um apaixonado, como especialmente em virtude da cavalheira lei de galanteria, seguida naquella epoca por todos os trovadores, de nao abandonarem senao por morte a dama uma vez preferida, ainda quando (por casamento ou ausencia desta) devessem soffrer muito.

3.ª *Supposto-se as trovas de um só auctor, que mais razaõ ha para as crer do conde de Barcellos, que de el rei D. Diniz ou algum outro contemporaneo?*

R. Quatro saõ os principaes fundamentos que ha para isso:

A) De nenhum outro contemporaneo sabemos que escrevesse ao mesmo tempo sobre genealogia: ora o cancioneiro está unido, no mesmo codice, a um livro de linhagens escripto em estylo igual ao das cantigas, e com as mesmas locuçoens favoritas, copiado pelo mesmo amanuense, e retocado pelo mesmo punho; e é de crer que foi a unidade de auctor a causa unica porque assim se associaram e juntaram, no mesmo codice, doutrinas taõ heterogeneas. Mas esse livro de linhagens é, segundo o parecer do proprio bibliothecario (o qual parecer temos de sua lettra) o original do conde D. Pedro, logo deve tambem o cancioneiro ser o seu.

B) Sabemos pela biographia do conde que elle estivera em Castella, que ahi conhecera Afonso 11.º, com quem devia ter intimas relaçoens, para lembrar-se delle em testamento, legando-lhe as cantigas; ao passo que as poesias tambem nos revelam alguns destes factos; pois o trovador vai a Segovia, visita a *casa d'elrei*, e deste se lembra quando o compara ao mar, etc.

C) Leem-se na orla exterior do codice as palavras = Rei D. Diniz = palavras a que ao principio nao' démos nenhum pezo, por nao' nos occorrer logo o argumento que ellas hoje nos ministram. Ainda quando aquelle disticho se achasse na lombada, que foi sempre o logar reservado em um livro para o nome do auctor, nao' podiamos crer que disso se devia concluir ser o mesmo livro obra do rei D. Diniz, pois que alem de nao' constar que este compozesse tambem um tratado de linhagens, o que ali está é, como vimos, o do conde D. Pedro, e o cancioneiro que nos deixou o rei, e foi ultimamente encontrado na Vaticana, ja é hoje conhecido pela imprensa. Alem disso o trovador esteve em Segovia, e d'elrei D. Diniz nao' accusam as chronicas tal jornada. Logo o tal disticho só indicava o possuidor, o que vai conforme ao uso de hoje em dia, sobre tudo nos collegios. Ora a circunstancia de haver pertencido o codice á livraria del rei D. Diniz, nao' seria jamais contraria, mas antes favoravel, á opiniao' de ser della auctor seu filho querido o conde de Barcellos.

D) O fazer-se mençao' em uma das cantigas do nome desta villa de Barcellos serve tambem de argumento, quando os anteriores nao' fizessem já bastante força.

4.ª *Como porem chegar a lembrar-se da Rainha D. Maria, para supporser ella a dama do trovador?*

R. Concedendo-se que as poesias sao' do conde de Barcellos, e pela maior parte dirigidas a uma só dama, já esta nao' pode ser senao' a mesma Rainha. Nenhuma outra daquella epoca encontramos parenta e natural do conde, a quem este houvesse tratado nas sallas ou estrados de sua mai, antes que a fim de *a elevar* a cazassem, e a trouxessem a Castella, para viver em Segovia, desposada com quem alias della nao' era digno. Até, para se darem todas as circunstancias a favor de nossas conjecturas, o auctor quiz-nos quasi revelar o nome de *Maria*. Quanto dizemos sao' inducçoens sacadas só das trovas; mas, para nós, é argumento de nao' menor força o legado do livro dellas, feito pelo conde ao casal da mesma Rainha. E isto sem offensa á memoria desta dama, que antes nas trovas teria ella uma grande defensa, pelas suas respostas sempre negativas, das accusaçoens que lhe fazem mui notaveis historiadores.

5.ª *Concedidas ou nao' concedidas as referidas conjecturas, por que razao' variámos a ordem das poesias?*

R. Repelimos a afirmativa de termos va-

riado *ordem* alguma. Ao que sim nos propusemos, *para mais ordem*, foi a nao' seguir *a desordem* em que está o tal codice que hoje pertence á livraria da Ajuda, desordem explicada na Introducçao'.

Entendamo-nos: o nosso fim nao' foi publicar bem ou mal os *Fragmentos do Codice*: isso ja estava feito pelo inglez. O nosso fim foi divulgar as *Trovas e cantares de um codice do seculo* 14.º, para que ellas se entendam e se estudem melhor; para que se decida em que lingua estao' escriptas, e finalmente para que, á vista da confusao' em que se acha o tal codice, e das duvidas que sempre se hao'-de suscitar sobre o logar em que devem entrar as folhas encontradas em Evora, cada qual possa (tendo em vista a tabella que publicamos na pag. 326) dispol-as, para seu uso, como melhor lhe acomode. No exemplar de que nos servimos as temos alfabeticamente segundo o seu começo. —

Um anno apenas vai decorrido depois que offerecemos ao público a nossa ediçao', que chamavamos de ensaio e de estudo; e já bastante se tem adiantado em saber-se o que seja o, até agora mysterioso e quasi illegivel, cancioneiro antes chamado *de Stuart*.

Quanto á linguagem delle, é nossa opiniao'

(e sempre ha sido) que ella é a portugueza do districto em que se criára o auctor, salvando as variaçoeus do estylo familiar ao poetico, no qual devia entao', ser condemnada a trivialidade, como ainda é hoje, e como sempre foi. Sentiremos profundamente se nesta parte nos nao' podermos conciliar com o Sr. Alexandre Herculano de Carvalho e Araujo, que n' outro tempo tinha a tal respeito diversa opiniao', a qual conservava ainda ao publicarmos o Cancioneiro, no anno passado, quando nos diz em carta de 8 de maio que nao' levará a mal que aqui transcrevamos: «Eu nao' sei se lhe disse alguma vez uma idea mais estrambotica do que o *guarauaya* do trovador, e é que o cancioneiro nao' é escripto em portuguez, isto é no portuguez falado; mas n'uma certa lingua *immovel*, convencional e puramente litteraria, etc.» Pela nossa parte, sem deixar de acatar tao' enorme autoridade, temos, pelo contrario, por mais natural que naquella epoca de revoluçoens e conquistas nada haveria de mais mobil, de mais vario, do que os differentes romances hispanos, entre si mui parecidos, os quaes, quer falados, quer escriptos, seriam tantos como os districtos ou pequenas porçoens de territorio, a cuja extensao' se circumscrevia o trato dos habitantes. — Assim nol-o fazem crer até os poemas

publicados por Sanchez e pelo Sr. Pidal, os textos varios do Fuero Juzgo e outros escriptos contemporaneos, cujas linguagens differem conforme as terras. — A nossa ediçaõ proporciona ao publico occasiaõ de pronunciar por si mesmo o *verdicto* sobre serem ou naõ as poesias escriptas n' uma especie de lingua improvisada. Nós naõ julgamos tal.

Dos meritos ou demeritos desta humilde ediçaõ nada diremos, nem nada ja queremos ouvir; pois tardias viriam quaesquer reflexoens a quem como nós naõ se propoem a fazer uma nova. Se alguem se quiser dedicar á esse bom serviço, desde já nos offerecemos a concorrer com quanto esteja em nós para que aquella saia mais aprimorada: e naõ podemos dissimular que para tal primor já concorrerá naõ pouco este nosso trabalho, com o qual deixamos indicados e quasi desemmaranhados os passos difficeis e espinhosos. Seja-nos permittido porem, por zelo pelas poesias, a que já agora para sempre nos associámos, pedir que se façam novos esforços para encontrar essas folhas, ainda naõ reunidas ao codice truncado, que houve quem visse em Portugal. Essas novas folhas ineditas e os fac-similes das dezeseis vinhetas imperfeitamente coloridas, que no codice estaõ desenhadas

(junto ás cantigas 2, 36, 37, 149, 157, 170, 173, 184, 190, 231, 233, 249, 253, 255, 259 e *k*) dariam ja grande realce á futura ediçao' que poderá ser feita com todo o luxo. Anhelamos vel-a effectuada em nossa vida, pois que se tivessemos que replicar a alguma observaçao' etc., fal-o-iamos por um 2.° post scriptum a este livro.

Nao' pediremos desculpas por alguns desalinhos de estylo ou impurezas de fraze que hajamos comettido. Malévolo e de mui pequena alma seria o leitor que com isso se entretivesse, sem levar em desconto o havermos passado annos falando outras linguas menos a nossa, e o haver-se impresso o livro em paiz estranho, — circunstancias que occasionaram algumas erratas marcadas na tabella. — Do que sim pedimos desculpa é de nao' entrarmos aqui em explicaçoens acerca dos personagens nomeados nas trovas, de alguns dos quaes fizemos mençao' na pagina 338. Mas, tao' incompleto julgamos o trabalho que a tal respeito ora poderamos apresentar, que preferimos convidar a elle, como aqui convidamos, algum antiquario mais applicado e sabedor que nós em doutrinas de genealogias e nobiliarios, para as quaes nao' nos quiz Deus dar vocaçao'.

Porem em vez dessa tarefa deixaremos feita outra que mais nos incumbe como editor.—Julgamos de nosso dever dar aqui as explicaçoens seguintes:

1.ª O estribilho da Cant. 18 nao se pode inteirar porque se cortou um pouco o pergaminho no original.

2.ª Na Cant. 111 nao se nota no codice o claro que deixamos, no terceiro verso, por julgarmos que falta ahi uma palavra.

3.ª A' Cant. 132 cremos deve pertencer o 1.º verso que demos injustamente á 133.

4.ª Na Cant. 140 leem-se no codice mai claramente do modo seguinte os dois ultimos versos do estribilho:

Que sempre ben quige or sachaz ue ro
Ya men que ie soy uotr ome lige

Estao' estas ultimas palavras em lingua estrangeira, na provençal quiçá, ou houve como n' outras partes inexactidoens do amanuense,

como julgámos, para as produzir como estao' no nosso texto? — Confessamos que nao' podemos entender o

. . . . or sachaz ue ro

e pelo que respeita ao verso immediato, devemos crel-o exactamente copiado, ao ver que no codice se repetem á margem, em cursivo contemporaneo, as palavras:

que ie soy uotr ome lige

5.ª No estribilho da C. 151 parece repetir-se indevidamente a palavra «Señor»; porem assim está, sem indicio de correcçao', a qual afoitamente propomos que se faça.

6.ª No verso 6.º da C. 173 deixamos em claro uma ou duas palavras que no texto se saltaram tal vez, pois evidentemente faltam para acertar o verso.

7.ª Na C. 180 duvidámos tanto de tres palavras nos versos 13, 14 e 19, que nao' havendo tido resposta sobre a pergunta que de Madrid fizemos para Lisboa a tal respeito, antes quizemos substituil-as por pontos que deixar

correr o que julgamos resultado da má leitura. Assim se verificou no ultimo dos citados versos, pois se lê em Stuart *uiuiu* a palavra que falta, e que verdadeiramente pelo original se devia haver lido *niun*, isto é, *nenhum*. No verso 13 a palavra de tres lettras é evidentemente *uay*, e pode corresponder á interjeiçao' dolorida *guai*! A outra palavra tambem de tres lettras lê-se *aua*: seria *ana* por contracçao' de *anda*?

8.ª O 1.º verso da C. 184 lê-se no codice, quanto a nós menos correctamente

Gran coita soffre uoa negando

9.ª A C. 189, que no nosso texto está como no original, parece-nos errada em tres logares:

a) no segundo verso do estribilho que para fazer sentido talvez devia ler-se

Como vej' ora *em* vos veer.

b) no primeiro verso da 3.ª copla que julgamos tem um *eu* de mais, e se deve ler

Des que vos vi, mia Señor, me deu

c) e no verso que se lhe segue, onde naõ faz sentido

Gran coit' *des cada* que vos non vi

10. No verso 4.º da 3.ª copla da C. 192 que no nosso texto, como no codice se lê

. . . . pois *la vi* mi a dada

o verso ficaria errado escrevendo-se *vida*, e é provavel que o poeta só empregasse a primeira syllaba, pela liberdade que para isso tomava, e que em vaõ hoje tratariamos de desculpar por synalefas ou apócopes.

11. A Cantiga 227 está, segundo hoje nos parece, falta de principio; e o estribilho tambem naõ está completo, pois só assim se escreveria com a primeira rima.

12. A 235, por naõ ter principio, foi ahi impressa por engano; pois, seguido os bazes que adoptamos, pertence ao nosso 2.º suplemento.

13. Na 238, o ultimo verso deve ser con-

siderado principio do estribilho modificado; pelo que devia imprimir-se mais reintrante, aspado, e tal vez com os mais versos do estribilho, do modo seguinte:

«Meu amig', ar direi que non:
Nunca vos eu farei amor
Per que faça o meu peor»

14. No 2.º verso da 3.ª copla da C. 240 se lê em Stuart (fol. 87)

e dereit e dandar de sempr andar assi

O amanuense que copiou as folhas para a impressao' nao' advirtiu que no texto se acha riscado o *dandar*.

15. Tambem riscar-se devia em nossa opiniao' no estribilho da C. 241 um «*assi and' eu*» pois lá está cinco vezes, quando os dois versos, para ficarem correctos, se contentam que só se cante, como vai no nosso texto, quatro vezes aquella fraze.

16. Na C. 248 acham-se raspadas no codice as palavras que se seguiam a

Ú vos non vejo

no primeiro verso da 2.ª copla.

17. Os dois primeiros versos da C. 267 nao' lhe devem pertencer; pois sao' verdadeiramente a volta final da C. 269, onde se hao'-de ler.

18. Nao' entendemos o *distes* do 1.º verso da C. 279. Assim está no original.—

19. Na C. 285 dá o amanuense do codice uma prova de que nao' era elle muito adestrado no seu officio. — No verso 3.º repete a syllaba *pod* antes de *poyd*, e no 5.º repete as syllabas

Ca me que

20. O fragmento *m* (pag. 310), que havia sido aproveitado a custo, da folha de pergaminho que estivera grudada, como *guarda* interior, contra a capa de madeira do codice, vai quasi ora a deixar de ser fragmento, graças aos novos

exames a que submettemos essa malfadada folha, e ao auxilio que ainda, por meio de um espelho, conseguimos sacar das lettras que se haviam repintado sobre a taboa da capa, onde unicamente hoje se acham depositados alguns dos versos que vao quasi inteirar o numero de trovas da cantiga de que é parte o fragmento *m*.— Eis até onde alcançaram os nossos esforços para a restaurar:

E que ouvesse de morrer
Señor vendo . . . . ar
Que mais soubesse amar
De quantas Deus quizer fazer
Eu non podéra mais viver,
Ú vos foron daqui fillar
A guisa de vos elevar
E vos non puyd' ay valer
. . . en que me vi andar.

Pola . . . a que vos prender
Vi, e quisera antes sofrer
Mort úa vez ja ca ficar
Vivo por aver . . . estar
E tan grave pesar veer,
. . . nunca no mundo viver

Des aqui ja mais gozar
E sempre mi a . . . ag. . . ar

E Deus pois el esto quer
Mays . . . . . . de veer
Que Deus que m' esto foi amostrar
Por en me leyxa de matar
Que aja sempre que doer
E que . . . . . possa toller
. . . meus ollos de chorar
. . . vos e vosso . . . . . .

Que nunca me ad' esquecer
E no meu mal sempre . . . ar
Ben me posso maravillar
Por mia morte non adurar
E nunca deus queira prazer
Que nunca el queira mostrar
A null' ome tanto pesar
Quant' el poderia sofrer

21. O até agora fragmento *n* tambem fica uma cantiga completa, lendo-se do modo seguinte (e nao' como vem na pag. 311 errada

em razao da muita difficultade que apresentava a leitura) a primeira quadra e o estribilho:

Ora começa o meu mal
De que ja non temia ren,
E cuidava que m' ia ben,
E todo se tornou em mal:
Ca o dem' agora d' amor
Fez fillar outra Señor.—

22. Finalmente na lin. 12 da pag. xxxv da Introducçao' referindo-nos á adopçao' feita pelos Godos do latim escripto, dizemos que este se tornaria por essa occasiao' *um pouco godo*, e nao' cremos por isso cair em contradicçao' com o mais que asseveramos; quando é sabido que só á influencia dos invasores barbaros se atribue nao' só a degeneraçao' da lingua da Peninsula no latim, propriamente chamado *barbaro*, do 7.º seculo, como tambem a introducçao' de muitos vocabulos que se acham apontados em Aldrete e Duarte Nunes. Os Godos já antes de entrar em Hespanha, e desde a mesma Tracia talvez, usavam por lingua franca de um latim barbaro, isto é, *um pouco godo* ou *tartaro-germanizado.*

Havendo conseguido, por occasiao' de uma excursao' que fizemos á Galliza, reunir mais alguns escriptos no dialecto dessa provincia, aqui juntaremos n' um 5.º Appendice: 1.º Um villancete do Natal; 2.º Algumas quadras dos *Rogos* contra a inquisiçao'; 3.º O principio do entremez gallego de Fandiño intitulado = *A Casamenteira.* = E agora nos cumpre declarar que hoje estamos persuadidos que Alonso Sabio empregou nas cantigas a linguagem que outr' ora se falava na Galliza; e que talvez em gallego estivessem muitas das composiçoens que Santillana julgaria portuguezas.—

Concluiremos este post scriptum, ou antes *post editum*, recomendando ao leitor que faça attençao' ás novas erratas que o acompanham.

Madrid Novembro
1850.

F. A. de Varnhagen.

APPENDICE 5.°

CONTENDO EM ADDITAMENTO AO 3.° MAIS ALGUMAS TROVAS GALLEGAS.

I.

VILLANCETE PELO NATAL.

1.° *gallego.* Toquen us gallegus,
E canten us cregus;
Tocae galleguiño,
Que nace o deusiño.
2.° Eia pues: tocae!
3.° Nun queru:
2.° Queru eu;
Que dias pode bir por bispo de Tuy
1.° Toquen as gaitas Godois e Xan Ruy
Que nus domingus e festos se tocan
2.° Ao neno cantae,
A Deus festexae;
Folgae e folgae!
3.° Nun queru:
2.° Queru eu,
Que deus é gallego que nace entre bois.—)
1.° Toquen as gaitas Xan Ruy e Godois.
Festexae en pás
U rei guarridiño
Que viste d' armiño

2.° gallego. Nun cayas a dar
Voltas, galleguiño
Que chora u deusiño.
Todos. Toquemus, bailemos
Xuntos adoremos
O neno que vemus.—

II.

O RIGOR DA INQUISIÇAO[1].

O marido está na cama
Coa muller que Dios lle dou,
E o solteiro no seu leito
Alleo dua traiçon.

E aló pola media noite
Despois que o galo cantou,
Un gran vando de vixàtos
Rodéa-lle a habitaçon

Tocan a porta, e decindo:
¡O SANTO OFICIO!! o tembror
Entra na xènte, que deixà
Franca a entrada e a posesson.

Cando ven Dios, ven con paz;
Coa falsedade e traiçon
O santo oficio: ¿e diremos
Que e santo e cousa de Dios?

A min San Pedro me leve
Que nunca con mais valor
Frances matára que a un
Esbirro da inquisiçon.

Pois nin francés, nin xûdio,
Nin o mismo Napoleon,
E capaz de dar ó susto,
Que causa un inquisidor.

Entra o alguacil larpeiro
Coa máscara de santon,
E ao pobre que está no leito
Fánno suar coa calore.

Trae a venera por diante,
Máscara de devoçon:
Móstra-lla, e o pobre inocente
Pensa que é cousa de Dios.

Bóta-lle logo á gadoupa
Como fai coa pomba ó azór:
Perde a fala o cuitadiño,
E lévano á inquisiçon.

Padre, irmáo, muller nin fillo
Desde que o corvo o levou,
Non volben a saber de él
Nin si está ruin, ou está bò.

....Vedelo, que xá o presentar
En aquel sitio de horrore

Donde lle tembran as carnes
Có o medo do asador.

Logo os xûeces sin nomar-lle
O pícaro que o acusou,
Nin descubrir-lle os testigos
Que ganar pudo un traidor.

Collen na man un proceso
E trabucando á espresson,
Fán-lle cargos e preguntas
Sobre o que fixô e falou.

O home vólve-se tolo;
Pérde-se a imaxînaçon;
E tén-se por gran milagro
Descubrir a o acusador.

Con esta máscara infame
Piden a declaraçon,
Como si ouvera xûsticia
Donde hay engano e traiçon.

Si nega, mais que a verdade
Diga, sobre dun ponton
Atano, e dán-lle tormentos
Que decilos causa horror.

III.

DIALOGOS GALLEGOS.

Personagens.

Tia Goraz, *velha*. Xan Rouco, *velho*.
Técola, *rapariga*. Perucho, *filho de Rouco*

Perucho. Tecoliña meu encanto,
Pouco importa nos amemos,
Se parce que os mismos démos,
Pois non pode ningun santo,
Pertenden o separarnos,
Que para min he morrer.

Técola. ¿Qué che puido suceder,
Home, para tanto pranto?

Per. Apenas podo contalo,
Mais atende o que me pasa:
Xà sabes que à miña casa
He moi levada o bandallo
Da tia Goras de Rabál,
Aquela gran zalameira,
Embolvedora è embusteira,
Que vive por noso mal:
Pois esta boa mullér
Propuxò hai tempo á meu pai,
Que para casarme hai
Convenencias a escoller.
Entre varias que apuntóu,

Dixô que a ama do crego
Sería o mellor emprego,
O que meu pai aceitóu.
Sin rapi-ò demo eu saber
Cousa algun-a, o vello onte
Díxôme à noite «desponte,
Que vou a darche mullér.»
Anque algo me turbóu
O xùdas da novedá,
Caléi; hastra esta mañá
Que consígo me levóu.
Foinos à casa do crego,
Que achamos moi galloufeiro,
Amais ò gran lambaceiro
Do irmao da ama Xàn Prego.
Almoozamos grandemente,
E sin perguntarme nada,
Deron por feita e acabada
A boda correntemente.
Prá domingo as municiós
Di meu pai que han de correr:
Eu toléo, esto he morrer:
Volva por nosoutros Dios.

Téc. Por min fai o que quixères;
A ama do crego ten:
Que se o ganou mal, ou ben,
No-o deben decir mulleres.
Teu pai está por medrar;
A ti pouco che debin,
Cando sin decirmo a min
Te foches a concertar.
O termo hastra aqui encuberto

Foi un-a gran picardía:
E o decir que no-o sabías,
Eso, Perucho, n' he certo.
Quixênche moito, e engañéime.
Serviráme d' escarmento,
Que para divertimento
Bastou; arrepentireime.

Per. Escoita, mira, detente,
Non seas desesperada,
Que, asi Dios me salve, nada
Souben hastra o de presente.
¡Probe de min, non me oyeu!
Por un lado ten razon,
Que lle sobra, pero non
En pensar que o sabía eu.
¿Como demonios faréi
Para empantanar o caso?
Meu pai he duro e perrazo,
E por teima non ten lei:
O crego se ha d' enfadar
Se lle digo que non quero;
E miña naí......

Rouco. ¿Que estás facendo rapáz?
¿Por qué non te vas choér?

Per. Prô que teño de comer.
Traballe quen tivér mans.

Rouco. ¿En eso que qués decir?
¿Ti tés algun-a delor?

Per. Algun-a teño *(aparte)*; o mellor
Será non a descubrir.

Gor. Ai Xàn, á tua casa oxè
Non lle dá o vento un-a volta:

Que axà a que queira revolta
Non hai medo que ela afroxè.
A nora que vas a traguér,
Ademais do que ela ten,
Fai de conta que tamen
O curato vas comer.
¡Quén te verá recoller
Po-lo agosto aquí a sincura,
E todo o ano a grosura,
Que será o que hai que ver!

Rouco. Estou contento co-a conta;
Que anque a moza he algo fidalga,
N-hai cousa sin sobrecarga;
Todo xùnto non se encontra.

Gor. ¡Cal fidalga, toleirón!
Parece así por bonita;
Que o demais, non se lle quina
A palliña o seu bandón.
Se non fora para ti,
Non a lograba ninguén,
Que o crego séntea ben,
E val Dios que queda aqui.

Rouco. Oxè naciche, Perucho,
A tia Goras foi boa.

Per. Non sei eu qué hastra o d' agora.

Gor. De cantos colle a campana,
Que xà ves que non he pouco,
Solo ô fillo de Xàn Rouco
Cede o noso crego a ama.
¿E quen fixò este milagre,
Sendo que habia golosos,
E quedan tantos ganosos?

A tia Goras, Dios llo pague.

Per. Amais o demo tamen,
Que eu eso non llo encarguéi.

Rouco. Foi teu pai, que o mesmo ten.

Per. Pois eso non llo estiméi.

Rouco. ¿E ti que chata lle pós
Para estar tan descontento?

Per. Que todo he falar no vento:
Non quero, acabouse, a Dios.

ERRATAS.

Pag.	*Lin.*	*Por:*	*Lea-se.*
III	7	seu conteudo	conteudo do livro
V	2	risque-se = nao = —	
X	16	cumpre-noso	cumpre-nos attender a o
XI	2	dois	nos dois
XXIV	11	da terra	terrenal
18	10	diss o	disso
23	1	e me	me
24	12	e no	en o
36	últ.	oube	soube
38	8	Veela	Veel-a
45	12	m' e' or dereito,	meor dereito
61	3	tortar	tortei
69	16	risque a reticencia.	
74	4	se ende	s en
82	8	crede	creede
88	4	meu	m eu
100	6	a quitar	aquitar
140	17	lli	ll' [illegible]
142	pen.	Señor, deus	Señor deus.
144	12	de quando	des quando
168	10	forçada	forçado
186	8 e 9	precar	pregar
197	16	tan	tal
214	8	mi.	mi
226	7	O	A
332	12	pag. 316	T. 1.º pag. 316 e 322 e T. 3.º pag. 318 e 323
337	23	244	224

Encontra-se este livro em Madrid em casa de Monier, e na livraria de Bailly-Baillière.